

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO  
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
JORNALISMO

**A propagação do mito do desenvolvimento pela linguagem do jornalismo  
econômico dos três principais jornais do país**

**Rafaela Marinho Silva**

RIO DE JANEIRO  
2014

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO  
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
JORNALISMO

**A propagação do mito do desenvolvimento pela linguagem do jornalismo  
econômico dos três principais jornais do país**

Monografia submetida à Banca de Graduação  
como requisito para obtenção do diploma de  
Comunicação Social/ Jornalismo.

**RAFAELA MARINHO SILVA**

**Orientador: Prof. Dr. William Dias Braga**

RIO DE JANEIRO  
2014

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

ESCOLA DE COMUNICAÇÃO

**TERMO DE APROVAÇÃO**

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, avalia a Monografia **A propagação do mito do desenvolvimento pela linguagem do jornalismo econômico dos três principais jornais do país**, elaborada por Rafaela Marinho Silva.

Monografia examinada:

Rio de Janeiro, no dia ...../...../.....

Comissão Examinadora:

Orientador: Prof. Dr. William Dias Braga

Doutor em Comunicação pela Escola de Comunicação – UFRJ

Departamento de Comunicação - UFRJ

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Patricia Cecilia Burrowes

Doutora em Comunicação e Cultura pela Escola de Comunicação – UFRJ

Departamento de Comunicação - UFRJ

Prof. Dr. Gabriel Collares Barbosa

Doutor em Comunicação e Cultura pela Escola de Comunicação – UFRJ

Departamento de Expressão e Linguagens - UFRJ

RIO DE JANEIRO

2014

## FICHA CATALOGRÁFICA

SILVA, Rafaela Marinho.

A propagação do mito do desenvolvimento pela linguagem do jornalismo econômico dos três principais jornais do país.

Monografia (Graduação em Comunicação Social/ Jornalismo) –  
Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, Escola de Comunicação  
– ECO.

## Agradecimentos

Agradeço a Deus, que me surpreende e me privilegia com a beleza e o mistério da vida;

A minha avó Odette, que sempre reza por meu sucesso e de quem posso sentir o amor e a admiração, mesmo de longe;

A meu pai e primeiro leitor deste trabalho, Vanderlei, que me ensinou o valor de conquistar uma consciência em paz pelo esforço de ter dado o melhor de si em cada coisa que se faz. Sempre que me sinto cansada e desmotivada e me pergunto se dei o melhor de mim, é a voz dele que ressoa em meu pensamento. A ele também meus agradecimentos por servir de exemplo de superação, de estudo e de honestidade;

A minha mãe, Márcia, que, todos os dias, demonstra a força que uma mulher determinada e batalhadora pode ter. A ela meus agradecimentos por sempre estimular minha independência e organização, bem como por demonstrar o amor essencial, por meio de tanto carinho, para atravessar os dias difíceis;

A meus pais, que, unidos, proporcionaram meus estudos, meus momentos de lazer e a constituição dos meus valores, sem tudo isso não seria o que hoje orgulhosamente sou. Espero um dia poder retribuir todo esse cuidado;

A meu irmão, meu amigo para toda a vida, que me orgulha e me inspira em ser cada vez melhor pela inteligência e pelo coração bom que demonstra;

A minha madrinha, Noêmia, companheira de vida da família e um anjo em nossas vidas. Meus agradecimentos por todo cuidado, dedicação e paciência;

A meu namorado, Jonas, que desperta o melhor de mim e dessa forma me faz feliz. Pela sua dedicação a nós, por sua compreensão, seu companheirismo, seus carinhos e por acreditar em mim. A gratidão que sinto por tê-lo conhecido é indescritível;

A minhas amigas, que, além de me fazerem rir das mais diversas formas, me tornam uma pessoa mais crítica e mais humana. Sinto um enorme privilégio e tenho muito orgulho de ter amigas tão inteligentes, lindas e com corações verdadeiramente bons. Próxima a elas nunca me falta inspiração;

A Mary, que, sempre sorridente e paciente, faz minha vida mais saborosa e tranquila;

Ao amigo e colega de profissão, Alexandre Rodrigues, que admiro e que me inspirou a entender mais da economia, do jornalismo, do mundo. Sou muito grata por todo aprendizado.

A Roberta Paduan, que muito admiro, por ter acreditado em mim, por ter estimulado meu interesse por economia e por ter me mostrado a importância da dedicação e do comprometimento com os valores do bom jornalismo;

E a meu orientador, William, que soube me motivar diante da constatação de que não se pode fazer tudo que se imagina, mas que é possível fazer bem tudo aquilo que está ao meu alcance. Meu agradecimento pela constante exigência do melhor, pelas críticas e pelos conselhos.

**SILVA, Rafaela Marinho. A propagação do mito do desenvolvimento pela linguagem do jornalismo econômico dos três principais jornais do país.**

Orientador: William Dias Braga. Rio de Janeiro: UFRJ/ECO. Monografia em Jornalismo.

## **Resumo**

A pesquisa tem o propósito de investigar de que forma a economia brasileira é noticiada pelos três principais jornais em circulação no Brasil. Para isso, a pesquisa analisou a linguagem, os textos e os recursos gráficos utilizados nas reportagens dos cadernos de economia de O Estado de S. Paulo, Folha de S. Paulo e O Globo nos dias em que foram divulgados diferentes resultados do índice de Produto Interno Bruto (PIB) do país, nos meses de agosto e dezembro de 2013 e agosto de 2014, bem como analisou, também, reportagens correspondentes à data em que um resultado do Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) foi noticiado em julho de 2014. As coberturas de ambos os índices foram escolhidas para o estudo porque demonstram a relevância que o jornalismo econômico brasileiro das grandes mídias tem dado, atualmente, ao índice econômico em detrimento do índice humano, para, dessa forma, comunicar um estágio de desenvolvimento do país. Ao prestigiar mais um índice do que o outro é possível conferir como o jornalismo econômico propaga a teoria do mito do desenvolvimento, preconizada pelo economista brasileiro Celso Furtado, segundo o qual taxas positivas e altas de crescimento da economia não são os fatores definidores e únicos da evolução do país. Há de se levar em consideração outras dimensões sociais e históricas fundamentais para qualidade de vida da população brasileira e a busca pelo desenvolvimento sustentável. Além disso, esta pesquisa pretende compreender como essa ideologia de sacralização do crescimento econômico, praticada pelos principais jornais do país, pode ser reforçada ou enfraquecida pela linguagem que eles utilizam para falar sobre economia. A linguagem hermética, comum ao meio especializado, tende a reforçar outro mito: o de que notícias econômicas são inteligivelmente complexas ou desinteressantes para leigos no assunto. Ao manter o assunto restrito aos especializados, perpetua-se uma concentração de discurso e de informação que não favorece o pleno desenvolvimento do país. Adicionalmente, a pesquisa visa a ressaltar a importância do ensino de economia e do jornalismo econômico nas escolas universitárias de jornalismo, para que haja uma ruptura nos aspectos perpetuadores desses dois mitos desde o início da produção jornalística, que reside na formação crítica dos futuros profissionais e também para que os próprios alunos não se sintam repelidos por essa área profissional somente por falta de conhecimento.

**SILVA, Rafaela Marino. The propagation of the myth of economic development by the language of economic journalism of the three major newspapers in Brazil.**

Advisor: William Dias Braga. Rio de Janeiro: UFRJ / ECO. Monograph in Journalism.

### **Abstract**

This research aims to investigate how the three main Brazilian newspapers report about the country's economy. The research analyzed the language, texts and info graphics that were used in the economic resorts of O Estado de S. Paulo, Folha de S. Paulo and O Globo when they reported about the Gross Domestic Product (GDP) in August and December 2013 and August 2014. Additionally the reports about the results of Human Development Index (HDI) in July 2014 were analyzed. These two indices were chosen with the aim to evaluate if there are significant differences on how the newspapers report about the economic growth index and the human development index. The latter takes into account other fundamental social and historical dimensions of life quality of the population and the quest for sustainable development. The results of this paper show that the mainstream Brazilian media favors the economic index over the human development index in terms of size of coverage and deepness. By doing so, the mainstream economic journalism perpetuates the myth of economic development, as mentioned by the Brazilian economist Celso Furtado. However, it is known now that positive and high rates of economic growth are not the only factors in defining the development stage of the country. Furthermore, this research aims to understand how this ideology of sacralization of economic growth, practiced by major newspapers, can be strengthened or weakened by the language they use to report about the economy. Hermetic economic language tends to reinforce another myth: that economic news is intelligibly complex or uninteresting to non-specialized readers. By using a highly specialized vocabulary in the economic news section, the knowledge is only accessible to a small part of the readership. This leads to a situation where the concentration of speech and information is enforced, which does not improve the full development of the country. Additionally, the research aims to highlight the importance of teaching economics and economic journalism in order to demystify the abovementioned concepts that persist since a long time. A better educational training for professionals and for students alike could help to improve the overall quality of economic journalism and make this very important field of journalism more accessible to everybody.



## Lista de Siglas

AEB - Associação de Comércio Exterior do Brasil

BNDES - Banco Nacional do Desenvolvimento

BRICS – Brasil, Rússia, China e África do Sul

CNA - Confederação Nacional da Agricultura

CNC - Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo

FBCF - Formação Bruta de Capital Fixo

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IBRE/FGV – Instituto Brasileiro de Economia da Fundação Getúlio Vargas

IDH – Índice de Desenvolvimento Humano

IEDI - Instituto de Estudos para o Desenvolvimento Industrial

IPCA - Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo

IPEA – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada

ONU – Organização das Nações Unidas

PIB – Produto Interno Bruto

PNB – Produto Nacional Bruto

PNUD – Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento

PUC – Pontifícia Universidade Católica

RNB - Renda Nacional Bruta

Selic – Sistema Especial de Liquidação e de Custódia

UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

## Índice

1. Introdução.....	1
2. Breve história do jornalismo econômico.....	6
3. O jornalismo e o jornalismo econômico.....	14
3.1 A ideologia mítica por trás do PIB noticiado.....	18
3.2 A linguagem para informar o PIB: os princípios para a inteligibilidade do jornalismo econômico.....	22
4. Análise comparativa dos jornais.....	30
4.1. PIB positivo – 31/08/2013.....	30
4.2. PIB negativo – 04/12/2013.....	57
4.3. Considerações sobre a Recessão Técnica.....	71
4.4. Considerações sobre o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH)....	82
5. Conclusão.....	96
6. Referências Bibliográficas.....	102

## 1. Introdução

A motivação para esta pesquisa origina-se do desejo da autora em entender a economia e, por conseguinte, o mundo. O assunto que, por puro desconhecimento e receio, era evitado, passou a ser instigante a partir de um estágio, em 2013, na revista de negócios Exame da Editora Abril. A forma encontrada para incluir-se no enorme contexto de informações econômicas foi o de adquirir o hábito de, todos os dias, ler, além das reportagens que instantaneamente a atraíam, também as principais notícias econômicas dos jornais disponíveis no trabalho (O Estado de S. Paulo, Folha de S. Paulo, O Globo e Valor Econômico), ainda que essas pudessem parecer, a princípio, ininteligíveis ou complexas demais para uma leiga no assunto.

Desse hábito, surgiu a percepção de que esses veículos apresentavam diferenças e semelhanças entre si marcantes na forma de cobrir a economia e que essas características influíam na compreensão da autora sobre a notícia e, portanto, sobre a economia. A questão para a pesquisa nasceu nesse instante de questionamento de como aprimorar o aprendizado sobre economia por meio do jornalismo econômico.

Nesse sentido, foi fundamental perguntar-se: qual dos jornais permite um melhor entendimento para alguém que pretende iniciar-se no assunto, portanto, um leitor leigo?

A partir disso, o objetivo geral dessa pesquisa é investigar como os jornais de maior expressão nacional, portanto os com maior tiragem, e não especializados em economia, por isso sem valer-se do Valor Econômico, promovem a comunicação por meio de suas editorias dedicadas ao assunto.

A escolha dos jornais de maior expressão e maior circulação nacional foi baseada na última pesquisa da Associação Nacional de Jornais (ANJ) do ano de 2012 e no acesso diário à leitura que a pesquisadora teve no momento em que foram feitas as coletas das reportagens para este trabalho. A averiguação divulgada pela ANJ foi realizada pelo Instituto Verificador de Circulação (IVC) com base na circulação média diária dos periódicos durante o período de janeiro a dezembro de 2012. Os cinco primeiros lugares são ocupados por jornais da região sudeste do país. A Folha de S. Paulo lidera o ranking, seguida pelo jornal mineiro Super Notícia. No terceiro lugar está o carioca O Globo. O jornal O Estado de S. Paulo é o quarto. No quinto lugar dos cinco mais vendidos está o Extra do Rio de Janeiro. Sabendo que o jornal mineiro Super Notícia é considerado popular e não atende aos mesmos modelos que o primeiro

colocado - Folha de S. Paulo - e terceiro colocado - O Globo - ele não será analisado por esta pesquisa.

As metas definidas para esta investigação são de encontrar aspectos que possam indicar qual entre os jornais seria o que mais se preocupa em tornar a economia inteligível e em informar o assunto com mais clareza ao público leitor não especializado.

Os métodos definidos para essa investigação são o de estudo de casos e de análise de conteúdos. A seleção dos casos começa a partir da separação das reportagens dos dias em que os três jornais divulgassem a mesma notícia em suas capas dos cadernos de economia, para, portanto, captar a mesma base de comparação entre as importâncias atribuídas pelos jornais aos assuntos.

De todo o modo, a pesquisa fez coleta de reportagens em que as capas dos cadernos de economia desses jornais noticiavam assuntos diferentes, o que serviu para indicação mais precisa de que há, de fato, interesses e objetivos diversos entre os jornais, mas que em determinados momentos eles convergem e promovem uma cobertura unificada. Os motivos para a convergência dessas coberturas tornam-se, portanto, também, um objetivo desta pesquisa e uma fonte de hipóteses, como a de que as ideologias econômicas e as organizações empresariais similares entre os três jornais, podem levar à apresentação de coberturas que convergem, bem como o público alvo que compartilham pode levar à convergência de linguagem.

Com a coleta extensa dessas capas, que durou cerca de meio ano, percebe-se que os jornais dão destaque aos resultados dos índices de Produto Interno Bruto (PIB), por representarem, de acordo com os jornais, a indicação de crescimento ou regresso do Brasil. A notícia prestigiada pelos cadernos é o foco da análise da pesquisa para explicar as diferenças e as semelhanças dos jornais na cobertura de um assunto em comum.

Realizada a definição dos conjuntos de reportagens a serem analisados e a leitura bibliográfica crítica e teórica, o método da análise de conteúdo vai sendo determinado; portanto a pesquisa, que se origina em uma questão técnica voltada para a linguagem utilizada pelos jornais, amplia-se para uma análise concomitantemente teórica sobre a ideologia por trás dessa linguagem. Isso porque “sabemos, hoje, que, a linguagem cria, mais do que reflete, a realidade” (SODRÉ apud RABELO, 2002:1), que “o discurso jornalístico é um grande produtor de realidades, mais que simples repórter dessas e que no jornalismo econômico a junção entre economia e a linguagem produz efeitos eficientes e imediatos” (RABELO, 2002: 1).

Tendo em mente a relevância da percepção de país que essas notícias sobre o PIB podem gerar, analisam-se, por meio de leitura comparativa, as coberturas produzidas pelos três jornais O Estado de S. Paulo, Folha de S. Paulo e O Globo sobre o resultado do PIB do dia 31 de agosto de 2013, divulgado pelo IBGE. Nesse dia, o valor noticiado foi um crescimento do índice de 1,5% no 2º trimestre do ano em relação ao trimestre anterior.

Também se analisam, por meio de leituras comparativas, as coberturas produzidas pelos três jornais O Estado de S. Paulo, Folha de S. Paulo e O Globo sobre o resultado do Produto Interno Bruto do dia 04 de dezembro de 2013, divulgado pelo IBGE. Nesse dia, o valor noticiado foi uma queda do índice de 0,5% no 3º trimestre do ano em relação ao trimestre anterior.

A primeira análise é denominada “PIB positivo” e a segunda é denominada “PIB negativo”. Os termos “positivo” e “negativo” servem, nesta pesquisa, como nomenclatura para organização e não expressam juízo de valor da autora, somente apontam a relação do resultado em comparação com o seu imediatamente anterior. Essa opção por coletar coberturas de caráter opostos é necessária para que as características de proximidade e de distanciamento entre os jornais sejam analisadas sob diferentes contextos.

Essas leituras comparativas levam em consideração as reportagens, seus títulos e seus subtítulos, os antetítulos das páginas, os infográficos e os acessórios das reportagens, como as fotografias.

Dessa forma, estabelecem-se os objetivos específicos da pesquisa como os seguintes: identificar que característica de uma matéria jornalística proporciona melhor compreensão do assunto, questionando se seria a utilização de infográficos, ou de vozes de especialistas, ou de *boxes* explicativos, ou de explicações de conceitos econômicos ao longo do texto, etc; esclarecer para as pessoas que tenham interesse em começar a entender sobre o assunto, qual seria o jornal mais indicado para o público leigo; indicar falhas e méritos das editorias destes jornais; procurar saber que valor estas editorias dão aos leitores, se pensam sobre o público ao produzir o conteúdo e a quem se endereçam ao escolher seus vocabulários; despertar para a importância de tornar o assunto econômico mais acessível e, finalmente, identificar que linhas de pensamento seguem estes jornais e, portanto, propagam ao longo de suas coberturas.

Realizadas as leituras comparativas das coberturas do PIB atreladas às leituras teóricas, três características importantes para o seguimento da pesquisa são constatadas:

1) existe uma tendência ideológica de convergência entre os três jornais, que é corroborada pela estrutura similar que eles noticiam o índice econômico; 2) essa estrutura de noticiar o índice econômico categoriza o estágio de desenvolvimento do Brasil, portanto constrói uma visão do país, que pode ou não ser fiel à realidade e 3) existe um índice alternativo, ainda não ideal, porém, considerado por estudiosos como mais abrangente em termos de dimensões sociais e econômicas que o PIB, conhecido por Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD).

Essas constatações ocorrem durante o processo produtivo da pesquisa e são parte integrante e intermediária, não parte conclusiva, dessa, uma vez que indicam a necessidade de ampliar a análise do conteúdo das reportagens para além do PIB, para abranger melhor os comportamentos dos jornais e para traçar paralelos entre as características da cobertura do índice econômico, com periodicidade de divulgação trimestral, e da cobertura do índice humano, com periodicidade de divulgação de cerca de cinco anos.

A partir disso, escolhe-se a data do dia 25 de julho de 2014 na qual os jornais noticiaram divulgação desse índice. A notícia era de que o Brasil havia avançado uma posição no ranking de qualidade de vida no ano de 2013, ocupando o 79º lugar entre as nações e apresentando um índice de 0,744, considerado alto. Importante ressaltar que para o IDH, quanto mais próximo a 1, melhor a condição de qualidade de vida do país.

Na análise comparativa entre as coberturas do índice pelos jornais, foram estudados as reportagens, seus títulos e seus subtítulos, os antetítulos das páginas, os infográficos e os acessórios das reportagens, como as fotografias.

Em meio a essas leituras teóricas e comparativas, no dia 30 de agosto de 2014, os três jornais noticiaram um resultado do PIB que será de extrema importância para o aprofundamento das análises de diferenças entre os veículos: o resultado de queda do índice em 0,6% no 2º trimestre daquele ano, que foi noticiado como uma recessão técnica. A decisão de incluir mais essa data na análise do índice econômico serve para enriquecer a pesquisa.

Também na análise comparativa entre as coberturas da recessão técnica pelos jornais, foram estudados as reportagens, seus títulos e seus subtítulos, os antetítulos das páginas, os infográficos e os acessórios das reportagens. O contexto de notícias sobre uma recessão técnica trará importância para pesquisa, uma vez que a situação é

reconhecidamente mais crítica e relevante e, portanto, requer mais reflexão sobre as escolhas, inclusive vocabulares, dos jornais.

Dessa maneira, as notícias sobre o IDH de 2013, divulgado em 2014, e o resultado do PIB do 2º trimestre de 2014 servem como dias complementares a pesquisa analítica que focará no jornalismo econômico de divulgação do Produto Interno Bruto do Brasil.

Finalmente, com essas quatro análises, espera-se investigar os aspectos que aproximam ou afastam os leitores leigos do jornalismo econômico, por meio da linguagem, e investigar, também, os aspectos que podem perpetuar ou não dois mitos: o da chatice, porque “criou-se no Brasil, nos últimos anos, um mito segundo o qual as notícias de economia são chatas (sem que se especifique o que é chato). E que, como leitor não as lê, não merecem ser buscadas, e muito menos explicadas ao grande público.” (BASILE, 2002:28) e o do desenvolvimento, teoria preconizada pelo economista brasileiro Celso Furtado, segunda a qual taxas positivas e altas de crescimento da economia não são os fatores definidores e únicos da evolução do país.

A relevância desta pesquisa reside na necessidade de avaliar criticamente as prioridades elencadas pela atual grande mídia impressa brasileira e os motivos pelos quais determinados índices recebem mais prestígio de cobertura noticiosa do que outros.

Essa é, também, a contribuição da pesquisa para o meio acadêmico, chamar a atenção para a qualidade com que atualmente se faz o jornalismo econômico, para seus méritos e para seus amadurecimentos, bem como para seus potenciais que precisam ser ainda aprimorados.

A Economia é um assunto que permeia o cotidiano dos cidadãos e é norteadora de escolhas a todo o momento. Essas escolhas são feitas de melhor forma quando há boa informação disponível para a população que precisa escolher em situações prosaicas, como em que gastar o dinheiro, ou complexas e históricas, como em quem votar nas eleições presidenciais. Nesse sentido, é relevante investigar se estes veículos – os três jornais que são objeto da pesquisa - cumprem seus papéis de informar bem.

## 2. Breve história do jornalismo econômico

A Economia é, sobretudo, uma ciência social, o que a torna fortemente ligada às ciências políticas. Em um primeiro momento, essa constatação parece trivial; porém é importante tê-la em mente quando se trata da história do jornalismo econômico no Brasil. As publicações econômicas brasileiras se desenvolveram em movimentos compassados às políticas econômicas governamentais do país, portanto a história do jornalismo econômico brasileiro pode ser mais bem compreendida quando os contextos políticos que guiaram e ainda guiam o país são levados em consideração.

A condição colonial do território brasileiro, a qual marca o início do desenvolvimento econômico do país, deu à metrópole europeia o controle econômico originário e inseriu o Brasil em um modelo mercantilista global de exploração. Por isso, no continente americano, um modelo de concentração de renda intensificou-se, primordialmente, com a organização açucareira, e seguidamente pelos ciclos econômicos do ouro, do café.

Esse aspecto propulsor econômico inicial, impulsionado por um contexto político externo, é explicado pelo economista brasileiro Celso Furtado. Ele afirma que o início da ocupação econômica do território brasileiro é em boa medida uma consequência da pressão política exercida pelas demais nações europeias sobre Portugal e Espanha (FURTADO, 1958: 27). Para Furtado, foram justamente medidas políticas que provocaram acontecimentos de enorme importância na história americana, porque resultaram no início da exploração agrícola das terras brasileiras.

Nesse contexto, o que havia no Brasil era os senhores de engenho, cada vez mais ricos, e o grande contingente populacional pobre e escravo, cada vez mais explorado. Furtado indica, mais uma vez, que pelo menos noventa por cento da renda gerada pela economia açucareira dentro do país se concentrava nas mãos da classe de proprietários de engenhos e de plantações de cana (FURTADO, 1958: 80) e como os fatores de produção em sua quase totalidade pertenciam ao empresário, a renda monetária gerada no processo produtivo revertia em sua quase totalidade às mãos desse empresário (FURTADO, 1958: 87). A avaliação histórica de Kucinski (2007) converge com essa de Furtado.

A maior parte da renda ficava na metrópole e nas mãos de poucas famílias de mandatários a ela associada. O mercado interno resumia-se



ao consumo de luxo dos mandatários, em contraste com a massa escrava, excluída da circulação monetária. (...) O escravo não consumia senão o mínimo para subsistência e, portanto, muito pouco da renda gerada na produção era retida na colônia para consumo local. (...) O contraste entre as rendas dos dignitários e dos possuidores das propriedades e a não renda dos escravos definia uma sociedade polarizada, na qual a concentração era necessária para permitir aos senhores coloniais a continuidade do processo, mesmo depois da apropriação de parte substancial da renda pela burguesia da metrópole (KUCINSKI, 2007: 195 e 196).

Ao contrário das nações capitalistas, que tiveram desenvolvimentos pioneiros de suas burguesias, a industrialização brasileira tardia influenciou na também tardia formação de um público interessado por economia e de uma intelectualidade econômica capaz de produzir conteúdo informativo sobre esse assunto, já que, como colônia, o país não poderia instituir sequer escolas superiores.

Os que se interessavam, concentravam suas rendas e, portanto, restringiam, conseqüentemente, seus interesses ao meio abastado. Em 1724, informa Kucinski, ainda não se imprimiam livros nem jornais no Brasil, mas já se cunhavam moedas de ouro e prata em três casas de moedas. Anos mais tarde, mas ainda também nesse contexto de dominação colonial, surgiu a Carta Régia, de 10 de maio de 1747, proibindo a impressão de livros e papéis na colônia. A proibição tinha o objetivo de manter o povo sem um mecanismo social de expressão de ideias e divulgação dos fatos, função para qual serve um jornal.

Como será exposto neste trabalho, Basile (2002) afirma que o jornalismo econômico encontra público naqueles que, em última escala, têm interesse em saber sobre dinheiro. Logo, em uma sociedade que, durante um processo de civilização, impulsionou uma alta concentração de renda e em que poucos são aqueles que têm esse dinheiro, para, portanto, desenvolver interesse por economia, não havia ainda âmbito propício para esse tipo específico de jornalismo. Quando pouco havia para qualquer outro tipo de jornalismo, os desdobramentos políticos e fatos do cotidiano atraíam, invariavelmente, mais audiência daqueles que sabiam ler, que eram poucos entre a população geral.

Com a chegada da Família Real portuguesa ao Brasil, fugida do avanço napoleônico na Europa, a imprensa começou dar seus primeiros passos no país. Por decreto do príncipe regente D. João, oficializou a divulgação de notícias, em 1808. O primeiro jornal brasileiro, “Correio Braziliense”, foi criado com bases oposicionistas e precisou ser editado no continente europeu por 14 anos seguidos, por Hipólito José da

Costa. O periódico foi imediatamente considerado um perigo aos poderes reais e como retaliação, D. João VI criou a Imprensa Régia para editar o jornal monarquista “Gazeta do Rio de Janeiro”.

Dessa forma, o período colonial e monárquico brasileiro, que ainda produz reflexos na economia do país, não foi marcadamente o momento em que a imprensa específica econômica começou a se desenvolver, apesar de ter havido certo espaço para imprensa política, que, de certa forma, se coadunava com a economia em determinados assuntos.

De todo modo, esse período guarda importância para a compreensão dessa imprensa econômica por que será das bases dessa formação colonial que surgirão os moldes para concentração de capitais e para a criação de empresas jornalísticas, que começarão a noticiar sobre seus meios, suas classes e seus princípios econômicos. Já que, em princípio, circulavam mais informes políticos, mas o interesse público fez ampliar a abrangência das instituições, dando origem posteriormente a empresas da área.

Com a proclamação da República, em 15 de novembro de 1889, ocorreu uma mudança nos jornais impressos da época, porque nesse período foi criada a Lei de Imprensa, acompanhada pela censura. Em contrapartida, nessa época, em que aconteceu a junção entre a aristocracia rural e a burguesia ascendente, os jornais amadureceram e conseguiram manterem-se longevos. A política permanecia, e continuou durante bastante tempo, como o assunto em voga nos principais jornais, que apresentavam um caráter ora governista, ora reacionário.

Por existir na história da imprensa brasileira essa predominância dos assuntos políticos, é comum que se atribua ao período da Ditadura Militar o caráter de marco de nascimento do jornalismo econômico no Brasil. No entanto, Caldas, logo no início de seu livro “Jornalismo Econômico”, desfaz esse modo de contar a história.

O jornalismo econômico não nasceu com a ditadura militar de 1964, como afirmam alguns. Embora tenha sido naquele período, como veremos adiante, que ele realmente passou a ganhar relevo, importância, prestígio, forma, organização e, dentro da estrutura das redações, uma editoria própria. (CALDAS, 2003: 11).

De certa maneira, essa lógica de organizar o nascimento do jornalismo econômico brasileiro a partir do regime militar ignora as bases do processo e o que possa ter sido produzido antes, ainda que mesclado com outros tipos de jornalismo,

principalmente com política. Além disso, esse suposto marco desconsidera que o jornalismo econômico, mais do que nasce ou surge, ele amadurece, estrutura-se, porque pertence a um processo próprio de consolidação, bem como a outro processo de dissociação, em partes, do jornalismo político.

Essa proximidade intrínseca entre a economia e a política esteve presente nos noticiários desde os folhetins, porém com o tempo, com o amadurecimento e a profissionalização do próprio mercado, o jornalismo econômico foi descolando-se das reportagens políticas. Os dois jornalismo foram tornando-se independentes um do outro em matéria de notícia e produção de conteúdo, mas evidentemente esses assuntos jamais se desconectam na vida empírica.

Rabelo (2002) afirma que o jornalismo econômico no Brasil passou por duas fases de gestação. A primeira, onde predominaram os “jornais de comércio” e a cobertura esparsa na grande imprensa, ligada ao desenvolvimento industrial que se deu após a crise de 1930 e cuja influência perdurou ao longo da década de 1950. Nessa época, os jornais eram, geralmente, de propriedade de associações empresariais, e o noticiário econômico se reduzia à defesa de interesses de segmentos econômicos, ou à publicação de editais de cartório, protestos, atas de assembleias, balanços de empresas, comunicados ao público, de onde vinha também a fonte de receita principal. Por isso mesmo, a publicação de matérias de cunho econômico sem o devido pagamento era rejeitada por esses jornais. A segunda fase, na qual se constituiu efetivamente um jornalismo econômico, teve início no final da década de 1950 e acompanhou o processo de defesa do modelo nacional desenvolvimentista.

Correia (2010) afirma que até boa parte dessa década, o jornalismo econômico foi representado pelo colunismo – jornalismo mais analítico que noticioso - e ocupava um reduzido espaço nas páginas de jornal. Essa forma de jornalismo econômico, baseado nas colunas opinativas e com noticiário disperso foi dando lugar a um jornalismo econômico mais maduro, com cobertura sistemática de assuntos de economia.

Aliado a esse processo de amadurecimento e de dissociação entre jornalismo econômico e político, a relação de oposição global de modelos de governo, marcada historicamente pela Guerra Fria, influenciou o desenvolvimento do jornalismo econômico no Brasil, na medida em que a própria definição do que era noticiário econômico em contraposição ao noticiário político fez parte desse embate. Houve uma polarização ideológica crescente e qualquer análise da conjuntura econômica que não se

orientasse pelas teses ortodoxas e liberais era considerada “de inspiração comunista”. Essa polarização radicalizou-se na ditadura e fez com o que o jornalismo econômico adotasse de vez a ideologia neoliberal. Rabelo exemplifica essa mudança.

A vitória do golpe militar de Abril de 64 vai institucionalizar esta polarização, o que vai levar à derrocada do jornalismo nacional-desenvolvimentista, cujo maior símbolo é o jornal Última Hora, e implantar a censura como “modus operandi” do novo Regime. O jornalismo econômico que começa a se estruturar pós-64 vai se orientar pelas ideias ortodoxas (...) (RABELO, 2002: 62).

Basile (2002) argumenta que foi justamente a censura imposta pelo regime militar que ensejou o desenvolvimento do noticiário econômico no Brasil, já que o político era quase impossível. Traduzir o milagre econômico<sup>1</sup> era a única forma que os jornalistas tinham de derrubar o regime e provar que ele era inviável.

Uma das saídas da grande imprensa foi o investimento em áreas jornalísticas não diretamente atingidas pelo rigor do regime como a cobertura esportiva e policial. Gradativamente este também passou a ser o caso do jornalismo econômico, com ocupação de grandes espaços na grande imprensa e com o respectivo aumento do prestígio – e dos salários – para os profissionais com especialização na área.

Dessa forma, é possível indicar dois importantes fatores, interno e externo, propulsores do jornalismo econômico na época. Além do contexto autoritário iniciado na década de 1960, cerceador por um lado e impulsionador por outro, foi a partir da década de 1950 que a difusão generalizada do jornalismo especializado em assuntos de economia na grande imprensa brasileira ganhou força também por estar intimamente ligada à reorganização do capitalismo em escala mundial, que influenciou na industrialização do país.

Na década seguinte, Correia explica que o jornalismo econômico começou a incorporar o padrão jornalístico mais atual. Ele passou a caracterizar-se pela transmissão sistemática de temas e fatos relacionados com os problemas de economia de mercado ou macroeconômicos, cujas fontes não são mais só os políticos ou só os partidos, e sim

---

<sup>1</sup> Milagre econômico: período de baixa inflação, elevados níveis de crescimento econômico e pesado endividamento do setor público, que só seria sentido dez anos depois, no início dos anos 80, quando o país sofre sua primeira grande quebra contemporânea. É a fase de grande crescimento das empresas estatais. (BASILE, 2002: 105). Segundo Rabelo, o termo milagre foi “importado” do jornalismo econômico internacional. Foi usado pela primeira vez em um artigo da revista britânica “*The Economist*” comparando taxas de crescimento de 70 a 74 no Brasil com as da Alemanha, Japão e Coreia em períodos anteriores.

economistas, banqueiros, relatórios originados de segmentos privados ou de instituições estatais e de projetos (NASSIF apud CORREIA, 2010).

Durante a década de 1980, por sua vez, o jornalismo econômico passou, de forma gradativa, por um processo de transformação que tornou cada vez mais evidente a emergência do discurso neoliberal. Houve uma mudança nos rumos do jornalismo econômico nesse período, na medida em que esse se tornou um dos principais veículos da difusão da ideologia neoliberal no país.

Depois da redemocratização do país, em 1985, com a eleição de Tancredo Neves para a presidência e, sobretudo, ao longo do traumático processo de tratar de estabilizar a moeda, que tomou os dez anos seguintes, a imprensa econômica vai se especializando cada vez mais. Isso era necessário para que o público entendesse a complexidade das questões envolvidas nas tentativas de proceder à estabilização da moeda; entender como e por que o Brasil tinha “quebrado”, nos idos de 1981; quais as novas condições da retomada do crescimento e, sobretudo, por que éramos uma nação tão injustamente dividida entre ricos e pobres. A democratização foi também um movimento de ampliação do espaço da imprensa econômica (BASILE, 2002: 111).

Ainda de acordo com Rabelo, a década de 1990 inaugurou a “novidade” de julgar a postura pró-Estado como um “erro” por parte de muitos intelectuais que compõem a elite política do país após o fim do regime militar.

Nos jornais de grande imprensa, há a consolidação, ao lado do “jornalismo de serviços”, de um colunismo econômico encarregado de “traduzir” para o grande público os meandros da problemática econômica. Esta centrada basicamente na questão da chamada “crise do Estado” e da política econômica (RABELO, 2002: 72).

A transição do regime militar para o regime democrático aconteceu paralelamente às grandes transformações no processo de produção jornalística. No contexto da grande imprensa, o perfil dos conglomerados que foram criados no final do período militar se contradizia com a máquina repressiva do regime, a censura prévia. A mercadoria por excelência da empresa jornalística, a notícia, era muitas vezes suprimida ou torcida, o que impedia a intensificação do processo de produção jornalística. Em contrapartida, o consumo dessa produção aumentou.

Lene (2004) afirma que a democratização foi também um movimento de ampliação do espaço da imprensa econômica de maneira geral. Basile destaca que as

redes de televisão, que davam pouco espaço à economia, passaram a preocupar-se seriamente com o tema. Publicações segmentadas como *newsletters* e revistas especializadas para cada setor de atividade econômica começaram a surgir. O leitor consumia avidamente a informação econômica. Rabelo explica a continuidade de função do jornalismo econômico no regime militar para o período democrático.

Se o jornalismo econômico serviu à legitimação do regime militar, ainda que com críticas importantes a algumas medidas de política econômica, no regime democrático ele vai manter este papel, com ainda mais importância, principalmente a partir da década de 90, com o triunfo do neoliberalismo nas redações e editorias (RABELO, 2002: 89).

Além da ampliação das liberdades de produção e consumo da imprensa, um dos eventos da história recente do país que influenciou a ampliação da cobertura econômica foi o confisco da poupança empreendido pelo presidente Fernando Collor de Mello em 1990. Lene (2004) afirma que explicar as consequências desse plano para os cidadãos foi uma oportunidade para os veículos e que, por conta disso, investiu-se muito na cobertura econômica e de negócios e, sobretudo, na explicação dos vetores que afetam as finanças das pessoas. Os jornais diários passaram a abrir seções de finanças pessoais para seus leitores e novos canais de comunicação começaram a se estabelecer com o público.

Rabelo, em contrapartida, critica afirmando que apesar de toda a crise política que envolveu o governo Collor e seu Impeachment, o jornalismo econômico manteve-se completamente alheio ao que se passava, mas subscrevendo totalmente o projeto econômico do governo. A análise dos jornalistas econômicos, segundo Rabelo, era que o plano Collor era “coerente e consistente” o que criou uma grande aura de legitimidade para uma política econômica que foi elaborada de forma equivocada e implementada de forma autoritária, por meio de medidas provisórias.

Para Lene, que analisa a opinião do colunista Luís Nassif, do jornal Folha de S. Paulo, sobre a história do jornalismo econômico, muitas vezes, os jornalistas de economia e as empresas negligenciam aspectos fundamentais da construção do país, como o respeito ao seu povo, como a compreensão da sua história, como o entendimento da sua cultura, como a análise dos seus personagens e agentes econômicos, para substituí-los pela superficialidade das análises diárias de mercado.

Para Luís Nassif, colunista da Folha de S. Paulo, já faz muito tempo que a economia é apresentada como uma ciência mágica, capaz de transportar o país para o progresso, sem esforço, e o jornalista econômico como o sujeito que usava o jargão econômico para se valorizar ou escrevia fácil sem explicar. Nassif diz que, desde os anos 1970, o jornalismo econômico ajudou a montar a fantasia do saber mágico, pairando acima da realidade do país e das pessoas. Nos anos 80, ajudou a “vender a morfina dos pacotes econômicos milagrosos”. Nos anos 90 nos o problema foi se deixar seduzir pela miragem da abertura financeira indiscriminada, pelos sofismas de que a criação de vulnerabilidade externa atrairia capital volátil, que, por si, atrairia o capital de investimento. (LENE, 2004: 19)

A autora encerra ao afirmar que o foco do jornalismo econômico teria de ser a defesa dos valores que, levando ao desenvolvimento, ajudem o país a sair de sua condição de miséria. Os jornais e os jornalistas, de maneira geral, e, principalmente, os especializados em economia, defende Lene, devem explicar, criticamente, questionar as afirmações econômicas, conferir o que é consistente e denunciar a burla e a farsa e não apenas reproduzir o que as fontes dizem.

### 3. O jornalismo e o jornalismo econômico

Ao jornalismo é atribuída a função de ser mediador entre fatos e leitores. Desse modo, poderia imaginar-se que em um mundo onde não houvesse jornalistas para cumprir essa atribuição, as pessoas conheceriam menos umas das outras e menos de suas próprias realidades, o que poderia conseqüentemente cercear suas liberdades e seus conhecimentos. Para Basile (2002), o jornalismo é uma das expressões máximas da liberdade; no entanto a maneira como ele é exercido pode ameaçar as liberdades da sociedade na qual se insere. A partir disso, poderia ser concluído, equivocadamente, que a mera existência de veículos jornalísticos bastaria para cumprir o objetivo de informar; porém o simples fato de existirem não garante a qualidade da mediação da mensagem e principalmente a legibilidade dela.

Ainda que a razão de existir do jornalismo seja mediar o conhecimento de informações, essa motivação pode ser boicotada pelo próprio jornal no momento em que são feitas escolhas editoriais e reproduções de **linguagem** e de **ideologia**. Essas escolhas refletirão as formas de veiculação das notícias e na propagação de conceitos. Por isso, é função, também, dos meios jornalísticos refletir sobre os métodos utilizados para cumprir a função primordial de sua existência e, dessa forma, cumprir melhor seu papel de mediador para a liberdade de conhecimento. “Se o leitor não entender o que leu, é porque o jornalista não cumpriu sua função básica de informar” (CALDAS, 2003: 9).

O jornalismo econômico encontra-se exatamente nesse desafio da qualidade na forma de informar. De maneira especial entre os outros jornalismo especializados, os jornalistas econômicos precisam buscar a compreensão sobre qual é a maneira de exercer a função mediadora com melhor eficiência e melhor clareza para um público não especializado no assunto. Há de manter-se isento da reprodução de pensamentos desgastados e homogêneos de mundo e da mimetização do jornalismo produzido pelos países denominados “desenvolvidos”<sup>2</sup>. Sem essa preocupação, as notícias econômicas podem gerar repulsa, assustar e iludir os leitores, ao invés de informá-los,

---

<sup>2</sup> De acordo com Kucinski (2007), os padrões ideológicos do jornalismo, oriundos das teorias econômicas dominantes são moldados em boa parte pelos seis grandes jornais do mundo ocidental e pelas duas ou três revistas de circulação mundial: *The New York Times*, *Washington Post*, *Le Monde*, *The Guardian*, *Financial Times* e *The Wall Street Journal*. Entre as revistas estão *Times* e *The Economist*.



cerceando-os da liberdade do saber; portanto ameaçando as liberdades da sociedade brasileira como um todo.

Para Lanzarini (2006), um jornal impede que os agentes sociais promovam as reformas necessárias ao bem-estar coletivo, dentro do “jogo democrático”, quando ele se desvia dessa sua função. Basile vai ao encontro desse pensamento, que acredita na parcela de responsabilidade jornalística na prosperidade do Brasil, apesar de assumir que o jornalismo econômico não resolveria todos os problemas macro e microeconômicos do país, por mais puro e correto que possa ser. “Ele é condição, não solução”, afirma Basile. O autor defende que o objetivo reconhecido no jornalismo econômico não é nem de poder e nem de presunção, mas de base imprescindível para a qualidade da cidadania; por conseguinte condição de saúde social e de liberdade.

Uma imprensa econômica forte, competente, combativa, sensata, criativa é uma das melhores formas que o país pode ter para se ver no mundo, para se ver bem. Para conhecer melhor suas chances de fracasso e sucesso, e para avaliar melhor os talentos e as fraquezas dos outros (BASILE, 2002: 91).

Deve-se esclarecer o que diferencia esse jornalismo especializado da gama maior que é o jornalismo em si. Geralmente, o objeto da informação noticiada pela grande mídia é quase sempre aquilo que foge às regras, portanto uma anomalia, algo excepcional. Nesse jornalismo amplo, as notícias informam sobre eventos singulares e descontinuidades, não sobre modelos e processos.

O jornalismo econômico é tido como uma especialidade porque a economia é muito mais um processo do que uma sucessão de fatos singulares. Os processos e os sistemas são igualmente objetos de interesses, sendo singularizados pela linguagem jornalística, que os noticia como se fossem episódios (por exemplo, a divulgação em uma data específica do PIB de determinado trimestre). Em contrapartida, na cobertura dessa área, episódios e acontecimentos pontuais precisam ser interpretados à luz de processos, leis ou relações econômicas, às vezes conflitantes. Essas relações são quase sempre ignoradas pelo senso comum, porque são formuladas em outro nível de saber: o saber das teorias econômicas (KUCINSKI, 2007: 21).

Dessa forma, o caráter singular do jornalismo econômico lhe é conferido porque esse trata sobre assuntos que não são de fácil e de imediata compreensão por todos e requerem interesses e reflexões especiais dos leitores. Tarapanoff e Souza afirmam que assuntos econômicos podem soar, por vezes, como problemas suspensos da realidade

cotidiana dos leitores comuns<sup>3</sup>, inclusive por consequência direta do trabalho jornalístico, que pode dificultar a proximidade com o assunto ou exercer uma omissão sinalizadora das escolhas ideológicas dos periódicos (2013:130).

A maior parte de leitores, espectadores, ouvintes e internautas, mesmo quem possui formação acadêmica, não consegue decodificar o noticiário econômico. Para a maior parte do público, o jornalismo econômico traz assuntos elementares, ligados ao dia a dia, como a questão de aumento no preço de alimentos a temas de difícil compreensão, como *hedge* e pagamentos de títulos com títulos da dívida pública. O enorme desafio de traduzir termos complexos em linguagem simples ainda não foi vencido, seja porque os processos econômicos exigem um conhecimento além do saber convencional, seja devido à **ideologização** crescente (TARAPANOFF e SOUZA, 2013: 122). [grifo nosso]

De todo modo, a importância de vencer esse enorme desafio de tradução reside, segundo Basile (2002), na certeza de que existe em todo leitor um interesse em entender sobre dinheiro e o jornalista que escreve sobre economia precisa ter isto em mente: há avidez das pessoas por entendimento sobre seus poderes de troca monetária, embora de diferentes formas.

Ainda que o jornalismo se caracterize pelo exercício da liberdade e pela mediação de fatos entre emissores e receptores, é preciso ressaltar que ele não está suspenso ou imune às ideias que circulam pelos contextos no qual se desenvolve. Kucinski (2007) explica que essas teorias econômicas, as quais ele se refere, servem como uma maior escala que influem nas notícias econômicas, que são uma menor escala e amenizam a percepção das teorias que estão sendo propagadas de fato. Dessa constatação, conclui-se que o jornalismo econômico é consequência direta de seu contexto profuso, ainda que isso não seja perceptível no estrito cotidiano das publicações.

Por ser um jornalismo produzido por empresas jornalísticas<sup>4</sup>, movidas pelo intuito da audiência e, conseqüentemente, do lucro, o resultado das apurações já nasce inserido na lógica econômica definida no âmbito ideológico específico, que, por sua

---

<sup>3</sup> Aqueles não especializados em economia.

<sup>4</sup> No decorrer da década de 1990, as indústrias de comunicação adequaram-se às linhas-maestras da corporação rede. Segue-se um figurino multissetorial e integrado, isto é, exploram-se, simultaneamente, ramos conexos, promovendo sinergias capazes de racionalizar custos, conjugar *know how* e economizar na escala. A partir de um planejamento mundializado, confere-se maior liberdade operacional às unidades regionais, preservando, contudo, os vínculos de dependência às diretivas da *holding*. (MORAES apud TARAPANOFF e SOUZA, 2013: 132).

vez, está dentro da realidade brasileira e sob as influências das ideias econômicas predominantes na geopolítica mundial, principalmente ocidental.

Desse modo, pode afirmar-se que o jornalismo econômico tem múltiplos vínculos com o próprio mercado, na medida em que as informações econômicas influenciam, muitas vezes decididamente, os próprios fatos econômicos. Isso já era anunciado em 2002, com as devidas proporções tecnológicas da época:

O jornalismo econômico vive atualmente um processo de mudanças na sua **estrutura** e no seu **discurso**. O amplo avanço tecnológico e a ampliação dos meios de comunicação a nível internacional resultaram na transformação completa dos discursos midiáticos nacionais em um discurso midiático internacional “globalizado”. O desenvolvimento, em nível nacional e internacional, de um jornalismo econômico estreitamente identificado com os princípios básicos do projeto **neoliberal** tem sido uma peça fundamental na sua difusão e legitimação, juntamente com a desmoralização de qualquer tentativa de contraposição e alternativa que possa surgir (RABELO, 2002: 192). [grifo nosso]

Constata-se que a produção jornalística é um exercício das forças das teorias econômicas dominantes do período em que a prática ocorre e que elas serão refletidas na linguagem e na disposição das informações nas páginas do jornal.

Sendo dessa maneira, se as marcas ideológicas mais gerais e permanentes desses padrões têm sido o da defesa da livre empresa na esfera econômica e da democracia liberal na esfera da política, serão encontrados discursos nesses sentidos nos jornais. A questão passa a ser de que forma esses discursos se expressam e quais são seus equívocos no momento de informar.

Kucinski indica que “traços permanentes da ideologia do jornalismo econômico têm sido a escolha do capital e do seu processo de acumulação — e não do homem — como objeto central de preocupação, bem como a escolha do otimismo noticioso e do descaso com questões estruturais. Essa escolha, segundo ele, decorreria da ideologia de livre mercado em suas várias manifestações, mas principalmente daquela baseada no neoliberalismo [a teoria econômica]” (200:188).

Kucinski entende como displicente o trato de problemas estruturais e crônicos, como a fome, o desemprego, a falta de habitação e de transporte, as desigualdades mundiais e a desordem monetária internacional. Esse aspecto coaduna-se com a ideia inicial, fundamentada em Basile (2002), da influência real que o jornalismo econômico tem sobre a sociedade e o desenvolvimento.

### 3.1 A ideologia mítica por trás do PIB noticiado

É justamente o tema do desenvolvimento um dos mais ilustrativos para compreender a postura que os principais jornais brasileiros assumem dentro da realidade neoliberal.

Na forma de tratamento da notícia desses jornais, tem sido comum encontrar uma equiparação do desenvolvimento, quantificado em função de uma única medida técnica, habitualmente o PIB, como o progresso ou como o regresso da sociedade e do bem-estar. Hodiernamente, a expressão “crescimento econômico” tem ocupado lugar de destaque nas imprensas escrita e falada, bem como tem sido expressada principalmente pelo valor atribuído ao PIB (OLIVEIRA, 2007: 1). O prestígio de ser a principal informação econômica dos cadernos especializados, e, por vezes, das capas da íntegra dos jornais esconde a postura de propagação de um pensamento mais complexo, estudado pelo economista brasileiro Celso Furtado, conhecido por “mito do desenvolvimento” e analisado no contexto jornalístico por Kucinski.

Ao erigir o PIB em medida suprema de sucesso econômico, em signo cujo significado é compartilhado por leitores de todo o mundo, o jornalismo econômico conseguiu dar expressão jornalística ao **mito do desenvolvimento econômico** e, com isso, fazer da expansão econômica meramente quantitativa uma ideologia universal. (KUCINSKI, 2007: 79). [grifo nosso]

Furtado afirma que é possível que “a contabilidade nacional se transforme em um labirinto de espelhos, no qual um hábil ilusionista pode obter efeitos mais deslumbrantes” (FURTADO apud CAVALCANTI, 2003: 78) e chama o PIB de “a vaca sagrada dos economistas” (FURTADO apud CAVALCANTI, 2003: 77). Sob essa perspectiva e sabendo da importância que os cadernos de economia dos três principais jornais brasileiros dedicam à divulgação desse índice, percebe-se que a imprensa atua, em termos simplórios, como mais um desses “espelhos” refletindo e ampliando a importância dessa “vaca” como determinante do desenvolvimento, quando, na verdade, não é qualquer taxa de crescimento da economia que pode ser perseguida. Para Kucinski, há de se pensar antes naquilo que é o crescimento sustentável<sup>5</sup>, única resposta

---

<sup>5</sup> A definição que se adotou internacionalmente foi a da Comissão Mundial sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento – CNUMAD (BRUNDTLAND, 1987), qual seja, o desenvolvimento sustentável é

para a contradição “crescimento *versus* desenvolvimento”.

Dessa maneira, noticiar o resultado de um PIB trimestral como negativo ou como positivo não somente por seus sinais numéricos, mas como julgamento de políticas públicas ou de atuações de determinado governo pode transmitir impressões desconectadas de um processo maior que é o desenvolvimento humano. Esse inclui outras variáveis que não somente o crescimento da economia propriamente dito<sup>6</sup>. Ao centralizar a impressão de evolução do país em um índice restrito como o PIB, faltam informações ao leitor para avaliar se de fato a situação do país é de degradação. Isso porque “todo indicador tem grandes limitações” (BESSERMAN apud OLIVEIRA, 2007: 3).

O fato de que o desenvolvimento não está contido no crescimento econômico não deve ser interpretado em termos de oposição entre crescimento e desenvolvimento. (SACHS apud OLIVEIRA, 2007: 6).

O crescimento é somente um pré-requisito do desenvolvimento, não é o desenvolvimento em si (GUILLÉN apud OLIVEIRA, 2007: 6). [tradução nossa]

A imprensa ao dar esse tratamento demasiadamente “episódico” e quantitativo a uma questão processual e qualitativa propaga esse mito, ao invés de quebrar o paradigma liberal segundo o qual o desenvolvimento de uma nação é alcançado, inevitavelmente, por meio de uma industrialização<sup>7</sup> baseada no mimetismo dos moldes dos países pioneiros da indústria, aqueles os quais se encontram no centro de uma relação centro-periferia, que é a causa do subdesenvolvimento histórico de países ex-colônias.

Nesse modelo liberal, a economia deve ser ordenada segundo as leis de autorregulamentação do mercado, que geram concentração de renda, e segundo o

---

aquele que satisfaz as necessidades das gerações atuais sem comprometer a capacidade das gerações futuras de satisfazer suas próprias necessidades (GUIMARÃES apud OLIVEIRA, 2007: 11).

<sup>6</sup> Oliveira (2002) diz que o desenvolvimento econômico, que é uma condição necessária, porém insuficiente para o pleno desenvolvimento humano, em qualquer concepção, deve resultar do crescimento econômico acompanhado da melhoria da qualidade de vida, ou seja, deve incluir as alterações da composição do produto e a alocação dos recursos pelos diferentes setores da economia, de forma a melhorar os indicadores de bem estar econômico & social (pobreza, desemprego, desigualdade, condições de saúde, alimentação, educação e moradia). [grifo nosso]

<sup>7</sup> Sunkel e Paz (1988) observam que o desenvolvimento da indústria foi durante algum tempo considerado como sinônimo de desenvolvimento econômico (SUNKEL e PAZ apud OLIVEIRA, 2002: 44). Para Oliveira (2002), contudo, a industrialização e o crescimento nem sempre significam desenvolvimento. O Brasil seria um bom exemplo disso.

princípio da eficiência máxima, que por sua vez gera desgaste dos recursos limitados do meio ambiente. Esses dois resultados vão contra a sustentabilidade exigida por um pleno desenvolvimento humano e pela verdadeira qualidade de vida.

Em contrapartida a esse paradigma liberal, Furtado defende que grande parte do conteúdo do conhecimento econômico se funda nessa ideia e que, por isso, dá por evidente que o desenvolvimento econômico pode ser universalizado, tal qual vem sendo praticado pelos países que lideraram a revolução industrial e hoje lideram a revolução tecnológica.

Essa ideia (de que os padrões de consumo da minoria da humanidade que atualmente vive nos países altamente industrializados poderão ser acessíveis às grandes massas de população em rápida expansão que formam a periferia) constitui, seguramente, **um prolongamento do mito do progresso**, elemento essencial na ideologia da revolução burguesa, na qual se criou a atual sociedade industrial (FURTADO, 1974: 16). [grifo nosso]

A discussão pode parecer um jogo de conceitos e nomes, mas de fato “estamos diante de uma propositura que extrapola a simples diferenciação semântica” (OLIVEIRA, 2007: 6) e que pode prolongar a existência desse mito por meio da atuação da imprensa, se essa não romper a própria propagação mítica da economia. Oliveira afirma que já na década de 1960, Furtado enfatizava a necessidade de ruptura com a ideia de que o subdesenvolvimento era um estágio do desenvolvimento. Para o economista brasileiro, afirma o autor, a verdade é o contrário: o subdesenvolvimento é uma condição que pode perpetuar ou prolongar por muitos séculos, como condição precária enraizada nas nações. Para Oliveira a assertiva é confirmada por Furtado quando ele diz que:

O subdesenvolvimento é um processo histórico autônomo e não uma etapa pela qual tenham necessariamente passado as economias que já alcançaram o grau superior de desenvolvimento (FURTADO apud OLIVEIRA, 2007: 7).

Merval Pereira<sup>8</sup> (2012), jornalista, colunista e membro do Conselho Editorial do Grupo Globo, empresa dona do jornal O Globo, um dos periódicos analisados nesta pesquisa, afirma que há uma diferença fundamental entre a concepção econômica predominante, a qual leva em conta o PIB como medida de avanço de um país, e a que

---

<sup>8</sup> Disponível em: <http://memoria.oglobo.globo.com/perfis-e-depoimentos/merval-pereira-9045469>

considera como prioridade a qualidade de vida dos cidadãos. Para ele, os números podem mentir, dependendo do uso que se faça deles e, citando o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH)<sup>9</sup>, que engloba as estatísticas de educação, saúde e renda, ele afirma ser evidente que o ideal seria unir os dois indicadores, e por enquanto são os países desenvolvidos que conseguem fazer isso. Para Merval (2012), os dados atualmente utilizados para expor o comportamento da economia brasileira seriam totalmente inadequados, embora sirvam de instrumento para as estruturas de denominação que sustentam a estratégia globalizadora.

Essa possibilidade de transformar a forma como se noticia a questão do desenvolvimento do Brasil, passando a abranger não somente seu espectro econômico, mas seus níveis sociais é um indício de que na atualidade certas dimensões são omitidas do cálculo do PIB, mas ainda assim esse índice permanece como o preferido das páginas dos jornais e o determinante para os discursos políticos que julgam os rumos do país. Dessa maneira, como expõe Oliveira, é possível perceber que a sustentabilidade humana nem sempre está presente dos discursos políticos sobre a economia.

O mito do desenvolvimento está tão enraizado no inconsciente coletivo das classes políticas (**e na imprensa**) que elas não se preocupam com o desequilíbrio físico-social. Parecem acreditar que o desenvolvimento é possível sem água, sem energia e sem alimentos, bastando aplicar a política econômica e financeira que prescrevem as grandes potências, as transnacionais e as instituições econômicas e financeiras internacionais (RIVERO apud OLIVEIRA, 2007: 4).  
[grifo e comentário nosso]

Essa reflexão é bastante pertinente, uma vez que, por exemplo, no mesmo dia, 30 de agosto de 2014, em que os três jornais dessa pesquisa anunciavam em suas capas a queda do PIB em 0,6% e a conseqüente recessão técnica da economia, dentro de suas páginas figuravam notícias sobre a crise hídrica que passava o estado de São Paulo, com a estiagem do Sistema Cantareira. Sob a perspectiva que visa romper a propagação do mito do desenvolvimento, a notícia do PIB e a notícia sobre a estiagem estão diretamente conectadas. Em contrapartida, essa conexão pode passar despercebida ao leitor.

Melo (2012) explica que a lógica do mercado, para os liberais, está fundamentada no aumento contínuo da eficiência econômica e na maximização do crescimento, presumido na ideia de que todos os indivíduos têm informações completas,

---

<sup>9</sup> A UNESCO propõe o IDH como medida para o desenvolvimento.

podendo optar pelos melhores resultados de custo e benefício para eles; contudo o que se percebe no noticiário econômico sobre o PIB é justamente o contrário de “informações completas”.

Para Oliveira, fica evidente a total despreocupação com a harmonização entre resultados econômicos satisfatórios e qualidade de vida social, como forma alternativa à marginalização das necessidades humanas em detrimento do avanço tecnológico e dos índices financeiros “satisfatórios”, matéria-prima do capital especulativo e improdutivo. Na imprensa, essa falta de harmonização aparece de várias formas, inclusive como expressão da falta de humanidade na cobertura econômica. Esse traço, além de ser resultado da ideologia liberal que está por trás do jornalismo, é, por vezes, ressaltado pela linguagem desse jornalismo especializado.

### 3.2 A linguagem para informar o PIB: os princípios para a inteligibilidade do jornalismo econômico

Haja vista o contexto que cerca o jornalismo especializado em economia é possível partir para a compreensão da maneira como esse conteúdo é expresso, sempre mantendo em mente que ele será carregado das ideologias expostas anteriormente.

Atualmente, jornais generalistas<sup>10</sup> caem em “armadilhas” que comprometem a função primordial do jornalismo ao informar o conteúdo econômico de maneira especializada ou de não fácil compreensão.

O jornalismo econômico tem a responsabilidade de fazer a informação complexa ficar mais clara e, portanto, é sua responsabilidade mitigar a informação econômica para um público não especializado, porquanto depreende-se que esse é o público-alvo do jornal por sua estrutura organizacional. Existem maneiras mais eficientes de informar o jornalismo econômico.

Essas “armadilhas”, as quais Lanzarini (2006) se refere, têm algumas hipóteses de origem na incomunicabilidade do jornalismo econômico. A **primeira hipótese** seria que, hoje em dia, os jornais têm sido altamente influenciados por agências de notícias em tempo real e têm enquadrado as matérias para receptores preferenciais (economistas, investidores, administradores e etc.).

---

<sup>10</sup> Jornais que têm em suas redações editoriais de temas variados e, portanto, anseiam por um grande público diverso que não tenha, necessariamente, o conhecimento específico para entender sobre economia.



A **segunda hipótese** seria a de que os jornais receiam em quebrar o mito, categorizado por Basile (2002), de que notícias econômicas são tidas como chatas e pouco lidas e que, por isso, não merecem ser explicadas ao grande público, que, mais uma vez, é o público-alvo dos jornais analisados nesta pesquisa.

A **terceira hipótese** seria a de que jornalistas econômicos prezam por manter um *status* social de isolamento por intelecto. Segundo Lanzarini (2006), jornalistas de economia geralmente recebem salários maiores que o restante dos repórteres e, por isso, são respeitados pelo domínio que possuem de um conceito ou de uma informação de difícil entendimento.

Se estas são algumas das emboscadas do cotidiano jornalístico de economia, quais seriam os princípios que tornariam o jornalismo mais claro para seus leitores? O que neutralizaria essas questões realçadas por Lanzarini?

É necessário ressaltar que apesar de proclamarem independência editorial e objetividade, é natural que ocorra com frequência o colapso da objetividade nesses grandes veículos.

Basile é um autor também norteador do **primeiro princípio** para a inteligibilidade do leitor comum sobre o jornalismo econômico, já que, categórico, ele define: a interpretação cessa com a clareza. Desse modo, se algo foi corretamente explicado na história que se conta, não há mais explicações a dar. A clareza expulsa a interpretação do espírito humano e, por isso, no jornalismo, que vive da informação confiável, clareza é essencial.

Esse princípio, nos textos dos jornais, pode ser encontrado principalmente quando há o desapego dos termos complexos, que podem ser simplificados por um vocabulário mais corriqueiro ou até mesmo coloquial, em detrimento dos argumentos técnicos “incompreensíveis à maioria dos mortais”. Lanzarini corrobora o princípio ao apontar que quando é utilizada uma linguagem de difícil entendimento, dedicada a um jornalismo empresarial e financeiro, cada vez mais os veículos se dirigem a um público elitizado, se distanciando da realidade das camadas da população diretamente atingidas pelas decisões econômicas.

Influem na clareza de um texto noticioso econômico a utilização de explicações de conceitos, de normas, de abreviaturas, de índices e de ideias e a organização gráfica de uma matéria, a fim de expor como prioridade o que afeta diretamente o bolso (a realidade) do leitor interessado em ler sobre dinheiro. Além disso, a explicação para alcançar a clareza pode surgir nas falas de entrevistados, que dentro de suas

participações incluem esclarecimentos sobre o conteúdo abordado, ou também dentro do próprio corpo de texto escrito pelo jornalista, portanto representando a voz do jornal.

A importância de manter em mente esse princípio vem do perigo da acomodação em reproduzir justamente uma das “armadilhas” anteriormente citadas que são as notícias de agências de mercado e nesse grupo devem-se incluir também as assessorias de imprensa de bancos, de companhias e de especialistas. Por que esses meios procuram parecer bons entendedores dos assuntos que querem vender, a preocupação deles com a clareza que deve chegar ao leitor nem sempre está presente. Isso pode provocar a perpetuação da falta do princípio de clareza até o resultado que chega ao leitor. Kucinski (2007) expõe que frequentemente as próprias fontes do mercado alimentam uma aura de mistério em torno de suas transações, disseminando expressões exóticas, o que leva Basile (2002) a alertar:

Não ceda ao caminho fácil segundo o qual textos de economia e negócios são “naturalmente” menos atraentes do que os outros ramos do jornalismo. Admitir isso é ir para a guerra certo da derrota (BASILE, 2002: 168).

Uma observação a ser feita nesse princípio é que reforça a obrigação do jornalista de “não ceder ao caminho fácil” é de que “a clareza de raciocínio é importante para se chegar à clareza de linguagem” (KUCINSKI, 2007: 170). Transmitir clareza requer primeiro entendimento e estudo próprios, portanto uma busca de conhecimento sobre o assunto econômico, uma especialização e um aprimoramento, para que a partir daí possa ser o próprio jornalista um meio esclarecedor para os leitores. Uma prevenção às deficiências de um texto pouco claro é “a informação elaborada em conhecimento organizado” (KUCINSKI, 2007: 22).

A falta de conhecimento do jornalista impede tanto a exposição coerente de suas ideias, como a filtragem crítica das premissas falsas, frequentemente usadas pelos agentes econômicos no debate da economia. Por isso, o jornalismo econômico obriga, mais do que outras modalidades de jornalismo, à aquisição contínua do conhecimento (KUCINSKI, 2007: 22).

Dada a complexidade das situações da economia, a clareza só pode ser alcançada se o jornalista entender o fenômeno econômico que se propõe reportar ou analisar. Caso contrário, é muito improvável que a narrativa seja clara. O recurso dos jornalistas que não entendem bem o tema de que estão tratando é o de se protegerem com as palavras

difíceis do jargão dos economistas e com expressões do inglês. Daí a disseminação deste vício que se tornou característico do jornalismo econômico brasileiro: o “economês” (KUCINSKI, 2007: 168).

O **segundo princípio** que deve ser levado em consideração no momento em que se produz jornalismo econômico é a proximidade com o leitor. O autoquestionamento “de que forma esta matéria promoverá identificação no meu leitor?” é muito importante. Geralmente, o trato com números frios impede que esse processo de identificação ocorra entre o que está sendo lido e quem lê. Por isso, é interessante que os jornalistas econômicos saibam adaptar os fenômenos do mercado, da macroeconomia ou da microeconomia às realidades de vida, e a forma que se encontra para isso é por meio do recurso consagrado no jornalismo em geral: uso de personagens.

Por meio da experiência pessoal é feito o contrabalanço da visão empresarial, da classe macroeconômica ou financeira. Os personagens trazem o assunto para mais perto do leitor e exemplificam os assuntos. Eles podem servir como um contraponto emocional à linguagem racional do jornalismo econômico e à frieza dos números. São eles que ilustram a história que se conta e, para além da função de ilustração, servem para gerar a identificação e promover a proximidade ao tema. Quando um leitor tem em suas mãos uma notícia sobre o crescimento da inflação, escrita basicamente sobre o índice e as projeções numéricas, não enxerga a si mesmo no supermercado tendo que entender por que o que havia comprado há algumas semanas está mais caro. Em compensação, com um personagem, ali estará na fala, na foto, na história, a realidade do leitor sendo representada por alguém que “vive na pele” os números, os índices, as projeções ou que pode mostrar-se como prova daquela realidade.

Um rosto humano aparece em meio aos números. É uma visão fugaz, mas suficiente para quebrar a frieza das teorias econômicas que assolam o país. O personagem, este anônimo que tem seus cinco centímetros (mais foto) de fama através dos jornais, é um recurso utilizado pelo jornalismo econômico para humanizar a reportagem. Trata-se da invasão do biográfico até mesmo na área mais sisuda do jornalismo (MAURÍCIO, 2003: 99).

A forma como cada jornal exhibirá um personagem passa pelo contrato informal estabelecido entre o veículo e seus leitores: aquilo que se espera daquela marca de jornal e, portanto que tipo de pessoa se espera ver ilustrado naquele jornal. É necessário manter essa relação de cumplicidade e conhecimento mútuo entre o que é o emissor e o que é o universo simbólico do receptor. Dessa forma, a decisão dos jornais sobre como

utilizar os personagens é baseada no público-alvo que cada um destes jornais tem e na forma como cada um acredita que deva se dirigir ao seu público. Para pôr em prática o princípio da proximidade com o leitor, é necessário antes de tudo saber com quem se pretende ser próximo. “Você precisa saber quem é o seu público” finaliza Basile (2002).

O **terceiro princípio** norteador do jornalismo econômico deve ser o enfoque. Em contrapartida, esse é o princípio mais desafiador para ser estabelecido ou explicado, uma vez que pode ser – e na maioria das vezes é – contaminado pelos interesses mercantilistas das empresas de comunicação, como já foi anteriormente explicado nesta teorização. De todo modo, é válida a discussão sobre esse princípio, uma vez que o enfoque do próprio jornalista, independente da empresa para qual ele trabalhe, pode estar “viciado”. O jornalista tende a enxergar aquilo que crê como notícia econômica de relevância no que já se encontra dentro dos moldes do aceitável e do requerível pelos editores-chefes dos jornais, quando, na verdade, há muitas notícias espalhadas por assuntos inexplorados, mas o enfoque está bitolado em uma única direção.

Por isso, o princípio do enfoque serve mais precisamente para uma reflexão que constantemente deve estar no jornalista. Basile (2002) afirma que a imprensa não é a água que passa pelo cano, mas sim o cano por onde passa a água e que é preciso inverter o sinal ao senso comum nas histórias que viram clichê na imprensa para provavelmente ter uma grande história nas mãos. Ele alerta que a mudança de direção, de enfoque, é fundamental para atualizar o jornalismo que se faz, principalmente em um tipo de jornalismo tão processual, e conquistar mais histórias interessantes, o combustível do jornalismo.

Também dentro desse princípio do enfoque é possível tratar do “temperamento” ou “humor” dos jornais econômicos. Basile afirma que o conteúdo jornalístico mais apropriado é, como de hábito, criticar lideranças políticas e econômicas e o governo, ressaltando sempre as falhas, e não os feitos dos eleitos pelo povo. Essa postura negativista é parte visceral do fazer jornalístico, segundo o autor; o que comprova que aquele ideal de uma imprensa neutra, objetiva, provou ser, nos anos recentes, apenas isto: um ideal.

De todo modo, esse hábito pode, muitas vezes, afastar o leitor e ferir a credibilidade de um veículo, que ao longo de suas reportagens, passa a assumir mais do que deveria uma postura, um lado, uma preferência em noticiar forças contrárias e a favores. Isso acontece quando o leitor pode esperar mais do que deveria de um jornal, para além daquele contrato informal. Acontece quando, antes da leitura, o leitor já pode

ter em mente que posição determinado jornal assumirá diante de determinado fato, sem que haja espaço para surpresas, que, nesse caso, significariam “visões diferentes”, “novos olhares”, “opiniões diversas”.

A imprensa que despolitiza, aguça o medo individual e coletivo; e em vez de propor soluções, potencializa a angústia e o sentimento de impotência de se viver em coletividade. Torna-o (jornalismo), portanto, um exercício perverso (BASILE, 2002: 42).

O **quarto princípio** é menos uma virtude e mais uma prática, ainda que virtudes e práticas jamais se desconectem. Porque serve como instrumento para pôr em ação todos os princípios explicados anteriormente, será incluindo como um princípio que deve ser levando em consideração ao longo do fazer jornalístico de economia.

Trata-se da infografia. De acordo com Cecilio e Pegoraro (2001), seu sentido pode ser compreendido a partir da derivação etimológica de *info*, que significa informação e de *grafia*, que significa suporte analógico. Basile (2002) também relata que atualmente existem maravilhosos recursos de infográficos, de tabelas e de diversos outros recursos de ilustração que compactam a informação e permitem que ela se torne atraente e compreensível para o leitor.

Esse suporte infográfico é extremamente importante porque mostra que o jornal pode tornar a notícia mais clara (prezando pelo princípio da clareza), quando eles são bem produzidos, ou é possível que o jornal torne a notícia ainda mais confusa (agindo contra o princípio da clareza), portanto negando a objetividade da própria prática e cometendo desserviço grave ao leitor.

Isso ocorre quando não há um respeito pela junção harmônica entre texto e imagem, que são pilares intransponíveis, uma vez que um não existe sem o outro dentro do campo simbólico da infografia. Quando se encara o uso de infográficos como complementação imagética, comete-se um erro.

Cirne (2010) ressalta essa relação entre imagem e texto, bem como pondera que um infográfico não é somente composto por imagens, nem tão somente por textos, mas que deve haver uma composição com efeitos de sentido e nenhum dos dois elementos pode ter representação relevante sobre o outro. Os dois devem gerar uma avaliação entre o verbal e o não verbal.

Existem inclusive cuidados internos à infografia que precisam ser respeitados para tornar dos infográficos “não em ilustrações, mas sim em arte estatística, em

imagem informativa, em notícia visual, em expressão iconográfica de fatos, em explicação do funcionamento de algo ou da conceituação de um objeto.” (PEREIRA JUNIOR apud PERUYERA e LOPES, 2010: 2). Infográficos têm lide, e devem suportar a informação para a compreensão do acontecimento, sem necessidade de outros recursos. Os infográficos devem ser independentes.

Os cuidados recomendados são: a confirmação de todos os números, os totais, os percentuais, os anos, etc.; a comparação, que é a checagem entre o que diz o gráfico e o que diz o texto da matéria; o destaque do incerto, porque dados não confirmados ou duvidosos devem ser destacados como tais e as fontes dos dados devem sempre constar no infográfico; a conversão, já que não se pode descuidar da precisão em converter valores e termos obscuros, jargões e abreviações, que possam confundir o entendimento; a simplicidade, porque a compreensão deve ser imediata e cristalina e o jornalista só deve manter no infográfico o que for essencial, e, finalmente, os cuidados com a forma e com o conteúdo, porque “os infográficos devem “vestir a camisa” do assunto. Cenas, efeitos tridimensionais, fotos, ilustrações e cores devem ser usados para organizar e dar funcionalidade ao dado, não por mera decoração” (CORDOVIL, s/d).

Ao utilizar o princípio da boa infografia é possível que o jornal cause mais atração sob o leitor e promova o princípio da proximidade, porque torna informações aparentemente “chatas” para o leitor “desinteressado” em formas visualmente criativas de serem inteligíveis e interessantes.

Além disso, é possível que o jornal, por fim, defina o seu intuito em informar, ao mostrar na infografia o que para ele é mais relevante e promovendo o princípio da delimitação do enfoque, uma vez que optou por transformar isso em elemento texto-imagético, que ocupa um espaço precioso nas formas das páginas.

Dessa forma, já que a principal característica do infográfico é informar através do uso mútuo da imagem e do texto, dando significado a um fato ou a um processo de maneira mais coesa, a infografia torna-se, portanto, fundamental para o jornalismo econômico e principalmente para a melhor forma de informar as notícias econômicas.

Esta proposta de fazer jornalismo através do uso de imagem e texto em uma coesão, onde texto e imagem se fundem formando um significado, nos revela uma maneira de narrar os fatos em que um aspecto singular da notícia possa ser explicado com maior clareza e facilidade para a compreensão de temas mais complexos do que através do puro texto (CECILIO e PEGORARO, 2011: 1).

Percebe-se que como o jornalismo é uma expressão de liberdade, ele é produzido por um processo de livre escolha editorial que pode ou não perpassar por esses abrangentes princípios norteadores do jornalismo econômico. Isso dependerá dos intuítos e dos moldes da própria empresa. De qualquer forma, quando se considera o jornalismo como um meio de conhecimento, pode-se exigir do jornalista maior responsabilidade sobre a informação que apura e que repassa ao público. Quando além de jornalismo, ainda há a especificação em jornalismo econômico o desafio para o profissional torna-se maior, haja vista esse caráter especial que requer bastante conhecimento prévio. Kucinski define essa atuação do jornalista econômico como um desafio.

O desafio do jornalista está em reportar e analisar, transmitir opiniões de economistas e governo, sem usar linguagem que as pessoas comuns não entendam e sem violar os conceitos criados pela linguagem dos economistas (KUCINSKI, 2007: 168).

Dois aspectos estarão sempre conectados com a utilização de algum desses quatro princípios já apresentados: a contextualização e a interpretação. Kuntz (2005) afirma que:

Falta continuidade na cobertura de vários assuntos [no jornalismo econômico]. É como se os jornais não tivessem memória. Os estudiosos do jornalismo pedem mais contextualização. Com menor pedantismo, pode-se pedir, simplesmente, que os autores das matérias deem maior atenção aos assuntos e expliquem aos leitores de que diabo se trata, quando as questões são complexas. O fato do dia pode ser apenas um fragmento de uma história longa e complicada (KUNTZ, 2005). <sup>11</sup>[comentário nosso]

Dessa forma, compreende-se que ambas, contextualização e interpretação, são importantes no fazer jornalístico econômico porque reforçam o caráter processual das notícias e influem no entendimento conclusivo que o leitor poderá alcançar da notícia. Por isso, é corriqueiro encontrar expressões da clareza ou da infografia que contextualizam e do enfoque que interpretam, por exemplo.

---

<sup>11</sup>Disponível em: <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/um-balanco-cricri-do-jornalismo-economico>.

## 4. Análise comparativa dos jornais

Neste capítulo, serão apresentadas as análises da linguagem, dos textos e dos recursos gráficos utilizados nas reportagens dos cadernos de economia de O Estado de S. Paulo, Folha de S. Paulo e O Globo. As reportagens analisadas são dos dias em que foram divulgados diferentes resultados do índice de Produto Interno Bruto (PIB) do país, nos meses de agosto e dezembro de 2013, referentes ao PIB positivo e ao PIB negativo, respectivamente, e agosto de 2014, referente à Recessão Técnica, bem como as reportagens correspondentes à data em que um resultado do Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) foi noticiado em julho de 2014.

### 4.1. PIB positivo – 31/08/2013

Neste dia, os três jornais noticiaram o crescimento do PIB nas capas de seus cadernos de economia e também nas manchetes das capas principais. Em uma leitura analítica dos três jornais é possível perceber que eles seguem uma estrutura de base para noticiar, e o que os diferenciará será as prioridades que eles elencaram dentro dessa estrutura.

#### **Estrutura base das reportagens dos jornais**

A estrutura de base das reportagens que noticiaram o crescimento do PIB, neste dia, é composta por quatro aspectos, que podem ter sido expressados juntos, (na mesma reportagem) ou separados (em reportagens diferentes) dentro do mesmo caderno.

O primeiro aspecto é (1) a **apresentação dos dados**, ou seja, a descrição textual do que se trata o índice econômico. O segundo pode ser definido com uma pergunta: (2) **“o que o governo tem a dizer sobre isso?”**, do mesmo modo em que o outro aspecto seria (3) **“o que os empresários e especialistas têm a dizer sobre isso?”**. Ambos tratam das reações desses participantes (membros do governo, empresários e economistas) sobre a notícia. Finalmente, o quarto aspecto é (4) **o Brasil no mundo**, que se expressa em uma comparação com os resultados de outros países do planeta.

Não há nenhuma exceção nesta característica: todos os três jornais abordaram esses quatro aspectos, de maneiras diferentes, dando mais ou menos ênfase a cada um



deles, mas abordaram todos. Essa é uma estrutura que serviu para os três jornais, e as diferenças de predominância de cada um desses aspectos resultará na análise do perfil de cada jornal.

Neste dia, os jornais dedicaram espaços físicos diferentes em seus cadernos para essa notícia do crescimento do PIB. Enquanto Estadão e Folha dedicaram cinco páginas ao assunto, O Globo dedicou três. Vale lembrar que o jornal carioca divide o caderno também com a editoria internacional de “Mundo”. Essa contagem foi feita sem incluir páginas que não levassem os antetítulos demarcadores do assunto, nos topos de suas páginas.

É, inclusive, a partir desses demarcadores que a análise crítica desses jornais se inicia. As diferenças anteriormente referidas, que demarcam os perfis dos jornais, já aparecem pelos títulos, subtítulos e antetítulos que as publicações escolheram para encabeçar os cadernos. Em suas primeiras páginas os títulos e subtítulos foram estes — bem como os antetítulos, que acompanham a cobertura do PIB pelas páginas seguintes:

**Folha de S. Paulo:**

**Título:** PIB surpreende e cresce 1,5% no 2º tri

**Subtítulo:** Puxado por indústria e investimentos, resultado interrompe nove trimestres seguidos de variações inferiores a 1%

**Antetítulo:** O MELHOR TRIMESTRE

**O Estado de S. Paulo:**

**Título:** Puxado por investimento e indústria, PIB supera estimativas e cresce 1,5%

**Subtítulo (no caso do Estadão, o subtítulo fica acima do título):** Crescimento. Analistas revisam projeções e voltam a falar em até 2,7% ao ano; governo e setor privado recebem resultado com cuidado, mas ministro Guido Mantega diz que o ‘pior passou’; maior preocupação agora é com desempenho do terceiro trimestre

**Antetítulo:** ECONOMIA REAGE

**O Globo:**

**Título:** PIB surpreende e cresce 1,5%

**Subtítulo:** Alta generalizada no 2º tri superou previsões. Mas analistas veem piora no 2º semestre

**Antetítulo:** ALÍVIO NA ECONOMIA

Percebe-se que a diferença semântica é mais intensa nos antetítulos do que nos títulos, uma vez que neles os jornais posicionam a postura que assumem diante do acontecimento. De certa forma, essa é uma expressão do critério de interpretação, já que existe um juízo de valor embutido na escolha daquelas palavras, ainda que de forma muito sutil.

No caso de O Globo, a impressão é que existe no antetítulo (ALÍVIO NA ECONOMIA) um julgamento de que a economia não estaria trazendo bons resultados anteriormente. Além disso, é possível ampliar a interpretação para o sentido de que esse crescimento pode não ser permanente ou contínuo. Isso porque um “alívio” tem, geralmente, sentido de breve e pode ser passageiro.

No caso do Estadão (ECONOMIA REAGE), a impressão que a economia não estaria trazendo bons resultados também aparece, porque o antetítulo escolhido faz menção a um momento de reação diante do que seria uma sequência ruim anterior; contudo essa escolha não deixa tão clara a ampliação para interpretar a falta de continuidade nesse processo, como acontece no antetítulo de O Globo.

Diferentemente dos jornais anteriores, o juízo de valor no antetítulo da Folha é pouco opinativo. Ele expressa a visão objetiva que os números do índice mostram. “O MELHOR TRIMESTRE” é aquele que apresenta o melhor número em comparação com outros números, logo não se deixa aparente se os outros anteriores eram bons ou ruins e tampouco que os próximos números possam ser bons ou ruins.

Essa análise pode soar bastante sutil, mas surte efeito quando, mais adiante, são percebidas as outras escolhas feitas pelos jornais. Nesta análise, será possível observar, por exemplo, que são justamente os jornais O Globo e Estadão que mais deram espaço para a interpretação ao longo de suas reportagens.

É nítido que a matéria de capa de cada caderno diz muito sobre o que virá nas próximas páginas. No caso da Folha de S. Paulo, a primeira reportagem é claramente uma exposição do índice, que fala sobre quais foram as áreas da economia que compuseram o crescimento do PIB com avanço e quais apresentaram retrocesso. Essa reportagem, portanto, encaixa-se no primeiro aspecto de estrutura de base de (1) apresentação dos dados. No entanto, o que há de mais pujante na análise da primeira página do caderno da Folha é a criatividade, conceito base para a infografia. Todos os jornais utilizaram em suas primeiras páginas infográficos, porém no caso da Folha o uso foi feito de maneira diferente. Basta ver que no topo da capa do caderno, a presidente

Dilma Rousseff aparece caricaturada em uma montanha-russa que tem as ondulações formadas pelos índices passados do PIB (Figura 1)<sup>12</sup>. Um dos principais méritos da reportagem da Folha, nas páginas seguintes do caderno, foi justamente o abuso positivo e equilibrado de infográficos com criatividade. Foram nove infográficos em todo o caderno.

Para além da exposição dos números, o jornal “brincou” com a baixa e a alta dos índices em desenhos coloridos e com referências metafóricas. Para mostrar as diferenças entre os PIB's dos países, o jornal usou um infográfico em forma de roda gigante, intitulado "Economia mundial em rotação". Para falar de fatores que prejudicam a economia brasileira, o jornal utilizou um infográfico em forma de casa mal-assombrada em que os fantasmas representam a alta do dólar, a taxa Selic, o IPCA, a confiança do empresário, etc. Para falar dos setores marcados pelo baixo crescimento, o jornal utilizou uma ilustração infográfica de uma barraca de tiro ao alvo, em que cada pato a ser mirado representava um setor da economia (Figura 2, Figura 3 e Figura 4). Essa é uma estratégia de transformar a informação noticiosa econômica em conteúdo atrativo, com certo humor e leveza – ainda que o assunto seja sério.

Nas outras páginas do caderno, os infográficos aplicam bastante o critério da criatividade e apresentam-se, também, como um suporte para o importante critério da contextualização. Isso porque, entre os três jornais, a Folha é a o único que localiza historicamente em gráficos o resultado do PIB noticiado. Os índices alcançados nos governos anteriores, dos presidentes Fernando Henrique Cardoso e Luiz Inácio Lula da Silva, aparecem ilustrados, bem como os governantes aparecem caricaturados, na mesma estética de “parque de diversões” em um “carrossel dos governos” (Figura 2).

Essa contextualização dá ao leitor a oportunidade de avaliar um processo econômico, mais do que seu acontecimento pontual. Ainda assim, a contextualização limita-se à variação do índice econômico “sagrado”, o PIB. Não se constata um gráfico em que o leitor possa depreender se essas baixas e altas do crescimento econômico influíram no desenvolvimento humano do país, por exemplo. Isso é “a expressão de que na procura pelo crescimento está sempre presente o sentimento de que o bom é quando

---

<sup>12</sup> As figuras citadas ao longo do texto estão compiladas no final de cada subcapítulo correspondente às análises. É importante ressaltar que os gráficos posteriores à primeira data de PIB analisada (31/08/2013) apresentam diferentes valores trimestrais porque, conforme explica o IBGE, toda vez que um dado novo entra nessa série econômica, ela é revista, portanto os números podem sofrer uma alteração em virtude da sazonalidade. Esse é um método comumente utilizado por institutos de estatísticas.

se tem mais, não importando a qualidade desse acréscimo” (CASTORIADIS apud OLIVEIRA, 2002:41).

Ainda que essa estética “divertida” não caiba para todo e qualquer infográfico de conteúdo econômico, o que se assim fosse posto em prática inclusive poderia enfraquecer a credibilidade das notícias, é interessante analisar que o jornal propõe a novidade. Nesse critério, a Folha diferencia-se porque optou por utilizar uma estratégia ilustrativa inovadora para a notícia tida como a mais importante da economia no país, sob a ótica neoliberal, que é a divulgação do crescimento econômico do Brasil.

Em contrapartida, os outros dois jornais utilizam infográficos mais sisudos e tradicionais, tanto em suas capas, como ao longo de suas páginas (Figura 5 e Figura 6). O que não desagrega valor informativo, tampouco prejudica a clareza, mas demonstra pouca intenção criativa de aproximar-se ao leitor. Isso porque a inovação, nesse caso da infografia, não reside apenas na temática dos infográficos (sejam eles ilustrações de parques de diversões ou não), mas na criatividade aplicada na exposição e combinação de números “frios”, que podem depreender informações “quentes” e intuitivas para o leitor. Entende-se de um infográfico criativo que houve um trabalho de inteligência para pensar na “melhor” ou na “diferente” forma de noticiar um conteúdo que tem grandes chances de ser simplesmente reproduzido de uma tabela para os papéis do jornal.

Durante a análise, foi possível perceber que o texto inicial de cada reportagem de capa ditou o tom das reportagens seguintes e “deu pistas” do critério de enfoque adotado por cada jornal. Elas serviram como uma espécie de preâmbulo do que foi destrinchado e, principalmente, sobre o que foi o foco do jornal, ou até mesmo a falta de foco do jornal.

No caso da Folha de S. Paulo, o primeiro parágrafo utiliza da clareza e não faz nenhuma menção direta ao índice. No trecho fala-se da “economia brasileira” no geral e de como ela “deu sinal de vitalidade ao mostrar crescimento”, portanto compondo um lide a princípio simples e com linguagem fácil.

No segundo parágrafo, a reportagem traz uma ressalva, na medida em que diz que o resultado positivo, que anuncia em seu antetítulo, “está longe de encorajar apostas em uma melhora mais vigorosa” para o futuro. A primeira referência ao IBGE, instituto responsável pelo índice, vem no terceiro parágrafo. Nesse trecho, entre travessões, o texto explica o que significa a sigla PIB e faz uma referência ao vocabulário típico da economia, o “economês”.

Conforme as contas divulgadas ontem pelo IBGE, a expansão da produção e da renda do país - ou, em **econômes**, do Produto Interno Bruto - chegou a 1,5% entre abril e junho, na comparação com os três meses anteriores. [grifo nosso]<sup>13</sup>

Essa parte é de importância para a análise desta pesquisa porque aponta a explicação de um índice e assume que existe uma “linguagem da economia”, que em geral o leitor não sente ser convidativa; no entanto ao assumi-la, o jornal traduz, no sentido de esclarecer do que se trata o termo. Além disso, no mesmo parágrafo, é explicado o período ao qual o índice se refere (abril e junho) e também o parâmetro de comparação (os três meses anteriores).

No lide da primeira reportagem do Estadão, é expressa a “surpresa” com o crescimento do PIB por meio de um enfoque da recondução das estimativas do mercado financeiro para o ano de 2013 e 2014. Percebe-se um direcionamento desde já para o foco no mercado financeiro. (Inclusive porque, por várias vezes, os textos fazem referência a uma “pesquisa relâmpago” realizada pelo serviço AE Projeções, da Agência Estado, logo após a divulgação do resultado do PIB. Uma pequena reportagem inclusive leva o título de “Pesquisa indica PIB de 2013 de 1,9% a 2,7%”)

A surpresa da economia brasileira no segundo trimestre, que superou todas as estimativas avançando 1,5% em relação aos três primeiros meses do ano, reconduziu as estimativas do mercado financeiro para o crescimento de 2013 a até 2,7%. Ao mesmo tempo, elevou as dúvidas em relação ao desempenho econômico na segunda metade do ano e também para 2014.<sup>14</sup>

É no segundo parágrafo da reportagem de capa do caderno econômico do Estadão, que o texto faz menção e explica o índice PIB.

Divulgado ontem pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a expansão do Produto Interno Bruto (PIB, soma de todas as riquezas produzidas no País), se anualizada, corresponde a uma taxa de cerca de 6%. A alta de 1,5% em relação ao trimestre anterior também foi a maior nessa comparação desde o primeiro trimestre de 2010 (2%).<sup>15</sup>

---

<sup>13</sup> PATU, Gustavo e SOARES, Pedro. PIB surpreende e cresce 1,5% no 2º tri. Folha de São Paulo, São Paulo, 31 ago. 2013, mercado<sup>1</sup>, B1.

<sup>14</sup> NEDER, Vinicius. Puxado por investimento e indústria, PIB supera estimativas e cresce 1,5%, O Estado de São Paulo, São Paulo, 31 ago. 2013, Economia & Negócios, B1.

<sup>15</sup> NEDER, Vinicius. Puxado por investimento e indústria, PIB supera estimativas e cresce 1,5%, O Estado de São Paulo, São Paulo, 31 ago. 2013, Economia & Negócios, B1.

O jornal carioca, por sua vez, inicia a reportagem citando o nome completo do acrônimo, para depois apresentá-lo por sigla dentro de parênteses e sobre o que ela se trata.

A economia brasileira cresceu com força no segundo trimestre. O avanço de 1,5% frente aos primeiros três meses do ano, acima do teto das projeções (1,3%), foi espalhada por todos os setores. Na maior expansão em três anos, o investimento e a agricultura tomaram o lugar do consumo como alavanca do Produto Interno Bruto (PIB, conjunto de bens e serviços produzidos no país). O setor externo, que vinha puxando para baixo o desempenho da economia, contribuiu com mais da metade do crescimento de abril a junho.<sup>16</sup>

A clareza, porém, fica comprometida com a certa “enxurrada” de dados que o jornal apresenta no segundo parágrafo, sabendo-se que ao lado esses dados encontram-se no gráfico em destaque.

Frente ao mesmo trimestre do ano passado, o PIB cresceu 3,3%. No ano, acumula alta de 2,6% e nos últimos quatro trimestres, 1,9%. No segundo trimestre, o PIB somou R\$1,2 trilhão.<sup>17</sup>

Esse comprometimento da clareza não ocorre no Estadão, já que a matéria de capa desse jornal não se dispõe a descrever os números de cada setor, o que é positivamente resolvido com uma solução gráfica e não textual. A informação é bem compilada no infográfico, simples e claro, praticamente uma tabela com colunas (Figura 7).

O terceiro parágrafo da matéria inicial de O Globo é importante para esta análise porque apresenta uma sequência de cinco motivos pelos quais os analistas acreditam que o otimismo não continuará no próximo trimestre. Esses motivos não são esmiuçados em causas e não são expostos ao leitor os efeitos que essas causas promovem nos números do índice. Isso compromete a boa iniciativa de expor em infográfico os resultados dos diferentes setores da economia. Resta a dúvida de por que não aprofundar esses motivos, já que há o suporte gráfico para expor os números objetivos.

---

<sup>16</sup> ALMEIDA, Cássia; CARNEIRO, Lucianne; VIEIRA, Sérgio. PIB surpreende e cresce 1,5%. O Globo, Rio de Janeiro, 31 ago. 2013, Economia p. 29.

<sup>17</sup> ALMEIDA, Cássia; CARNEIRO, Lucianne; VIEIRA, Sérgio. PIB surpreende e cresce 1,5%. O Globo, Rio de Janeiro, 31 ago. 2013, Economia p. 29.

Outro exemplo da melhor utilização do critério de clareza vem da Folha, quando dentro da reportagem intitulada “Mantega diz que pior já passou e credita PIB a desonerações”, ou seja, a que aborda o aspecto (2) “o que o governo tem a dizer sobre isso?”. Essa reportagem dedica-se a repercutir as falas do ministro da Fazenda, Guido Mantega, que, naquele 31 de agosto, falou com os repórteres em uma coletiva de imprensa.

O interessante nessa reportagem é a referência, durante os comentários do ministro, ao superávit primário. A estratégia faz com que o leitor entenda melhor do assunto em um texto menor e localizado ao lado da reportagem principal, mas na mesma página. O texto separado começa com a frase ‘a economia feita pelo setor público para pagar juros da dívida voltou a decepcionar’, com uma explicação do que se trata o superávit primário - termo tão apavorante no vocabulário do economês. Apenas no segundo parágrafo, o texto utiliza o termo de maneira formal. No quarto parágrafo, a matéria dedica espaço para explicar o superávit primário, sem adicionar nenhuma informação factual ao leitor:

A importância do superávit primário é manter a dívida pública sob controle, ao mesmo tempo em que retira pressão sobre a inflação ao limitar o aumento das despesas do governo.<sup>18</sup>

Nas reportagens de O Estado de S. Paulo, neste dia, explicações como essa não existem. Pelo contrário, a citação de índices e termos econômicos sem a devida explicação é corrente e influencia a clareza do texto, bem como indica o direcionamento do jornal a um público com prévio conhecimento desse vocabulário.

Seria equivocados afirmar que o jornal não faz uso algum do critério de clareza, já que em suas páginas há, por exemplo, infografia; porém não se percebe uma intenção de gerar proximidade com o leitor leigo, tanto quanto se percebe na linguagem utilizada na Folha e em O Globo.

Esse aspecto é percebido no caderno do Estadão, em que há uma ‘tripa’ na quarta página, com uma reportagem dedicada à visão de Pésio Arida sobre o PIB. O título é “Para Arida, economia está sobreaquecida”. O texto credita o especialista como “o ex-presidente do Banco Central Pésio Arida” e descreve um termo utilizado por ele.

---

<sup>18</sup> Mantega diz que pior já passou e credita PIB a desonerações. Folha de S. Paulo, São Paulo, 31 de agosto de 2013, mercado<sup>1</sup>, p.B3.

(...) ele (Pérsio Arida) citou que a taxa de desemprego está baixa para a realidade do País, que deveria ser entre 6,5% e 7%. “Essa seria a nossa Nairu”, disse, referindo-se à sigla em inglês que significa taxa de desemprego que não acelera a inflação.<sup>19</sup>

Porém, não todos os outros termos são descritos. No terceiro parágrafo, o economista faz menção a uma sigla que o jornal não explica sobre o que se trata, ao dizer que “os juros no Brasil são altos pela existência de vários subsídios ao crédito, como a TJLP”.<sup>20</sup>

Nos últimos parágrafos da reportagem inicial do caderno (aquela que introduz o tom ao resto da cobertura), mais precisamente a partir do sétimo parágrafo, o enfoque é direcionado nos resultados do setor industrial. Desse enfoque, explica-se a falta de clareza em outra reportagem.

O Estadão dedicou uma página inteira para a reportagem sob o título de “Investimento tem maior alta em 3 anos” e subtítulo de “Compra de máquinas e equipamentos para a construção civil e agropecuária ajudou no avanço de 3,6% dos investimentos no 2º trimestre” (Figura 8). Uma reportagem como essa afasta-se da estrutura de base dos quatro aspectos, uma vez que nenhum dos outros dois jornais dedicou uma página inteira para essa questão específica dos investimentos nos setores da economia brasileira, somente o Estadão. Folha de S. Paulo e O Globo referem-se ao assunto sem tanta profundidade como o Estadão.

Já no primeiro parágrafo dessa reportagem, exclusiva em aspecto de abordagem de assunto, percebe-se, mais uma vez, a falta de explicação. O texto menciona a Formação Bruta de Capital Fixo apenas com a sigla FBCF e nada mais. Isso corrobora a falta de proximidade com o leitor leigo, mas a abrangência e o enfoque de cobertura ofertada para o leitor de economia mais especializado.

Em contrapartida, no jornal O Globo, na matéria principal, no sétimo parágrafo, o próprio texto jornalístico dá ao leitor uma breve explicação sobre o que é a “formação bruta de capital fixo”. Ou seja, no jornal carioca optou-se por utilizar o critério de clareza ao leitor não especializado.

---

<sup>19</sup> PORTO, Gustavo e LEOPOLDO, Ricardo. Para Arida, economia está sobreaquecida. O Estado de S. Paulo, São Paulo, 31 ago. 2013, Economia & Negócios, p.B4.

<sup>20</sup> PORTO, Gustavo e LEOPOLDO, Ricardo. Para Arida, economia está sobreaquecida. O Estado de S. Paulo, São Paulo, 31 ago. 2013, Economia & Negócios, p.B4.



A formação bruta de capital fixo, **o nome que o investimento ganha nas contas nacionais**, cresceu 3,6% depois de ter subido 4,7% no primeiro trimestre. Frente aos números de 2012, a alta foi de 9%. [grifo nosso]<sup>21</sup>

O Globo permanece nesse sentido, ao fornecer ao leitor uma importante explicação sobre o PIB. Nenhum outro jornal entre os analisados utilizou tamanho espaço para fazer esse esclarecimento. O mais interessante é que o jornal carioca organiza essa explicação dentro mesmo do infográfico da primeira página. Essa opção demonstra uma estratégia em o que o entendimento do leitor leigo é tido como uma prioridade (Figura 9).

Neste dia, o jornal O Globo, como o Estadão, também entrevistou o ex-secretário de Coordenação Econômica e Social, ex-ministro do Planejamento (1985), ex-diretor da área Bancária, Banco Central do Brasil (1986), ex-presidente do BNDES (93-94), Pêrsio Arida. Porém, diferentemente do jornal paulista, o carioca apresenta-o como “ex-presidente do Banco Central (1995), sócio do banco BTG Pactual e um dos formuladores do Plano Real”. Além disso, a diferença mais importante em relação ao Estadão reside no fato de que O Globo optou por publicar uma fala mais informal do especialista, para tratar de economia, inclusive assumida como tal pelo próprio emissor.

A economia brasileira está crescendo muito, em linguagem popular, está **bombando**. Tem muita demanda doméstica, por isso está com o mercado de trabalho tão aquecido, a inflação no topo da banda e a balança comercial está diminuindo por excesso de absorção doméstica. [grifo nosso]<sup>22</sup>

Uma informalidade semelhante é encontrada em trechos da Folha de S. Paulo, porém não na fala de entrevistados, como em O Globo; mas no próprio texto pensado e produzido pelo repórter.

Na reportagem que traz uma comparação do resultado brasileiro com o resultado do crescimento de outros países, intitulada ‘Avanço do Brasil é destaque em meio à desaceleração de emergentes’ e que, portanto, utiliza a estrutura de base do aspecto (4) o Brasil no mundo, o jornal refere-se ao México como um “queridinho” dos investidores, já que ele estava atraindo muitos investimentos nos últimos meses. A opção por esse

---

<sup>21</sup> ALMEIDA, Cássia; CARNEIRO, Lucianne; VIEIRA, Sérgio. PIB surpreende e cresce 1,5%. O Globo, Rio de Janeiro, Economia p. 29.

<sup>22</sup> ALMEIDA, Cássia; CARNEIRO, Lucianne; VIEIRA, Sérgio. PIB surpreende e cresce 1,5%. O Globo, Rio de Janeiro, Economia p. 29.

vocabulário no diminutivo é uma expressão da intenção de levar a dinâmica econômica mais para o campo semântico da oralidade cotidiana.

(...) o caso do México, sucessor do Brasil como “queridinho” dos investidores que aplicam na América Latina.<sup>23</sup>

Mais adiante, na mesma reportagem, surge outro vocabulário mais oral e uma explicação dentro de parênteses sobre a lógica capitalista da busca do lucro, bem como o sistema econômico funciona. De certa forma, o jornal reconhece em sua linguagem a existência do contexto liberal que está inserido. Ainda que o termo ‘déficit’ não seja incluindo nessa intenção da oralidade.

Com a era do “**dinheiro superbarato**” caminhando para o fim, investidores estão tirando seu dinheiro desses países (mais arriscados e, portanto, com retornos mais atraentes), o que aumenta a pressão sobre a inflação e eleva o déficit em conta-corrente. [grifo nosso]<sup>24</sup>

Percebe-se, portanto, que entre os três jornais há certa escala de “permissão de informalidade” nos textos. Sendo o Estadão o menos informal (onde na transcrição da fala do entrevistado não aparecem termos informais e, ao contrário, aparecem siglas e termos do meio econômico especializado), e a Folha o mais informal (onde os termos mais orais são incorporados inclusive no texto do próprio veículo). O Globo, entre os dois jornais recém citados, apresenta na escala uma informalidade não no texto do jornal, mas na fala do entrevistado.

Em contrapartida dessa diferente forma de utilização da opinião de Pêrsio Arida, O Globo e O Estado de S. Paulo assemelham-se bastante na utilização de interpretação sustentada por vozes de especialistas e empresários. No total nas páginas do Estadão, aparecem 21<sup>25</sup> nomes citados como entrevistados ou com falas reproduzidas, portanto,

---

<sup>23</sup> Avanço do Brasil é destaque em meio à desaceleração de emergentes. Folha de S. Paulo, São Paulo, 31 ago. 2013, mercado<sup>1</sup>, p.B4.

<sup>24</sup> Avanço do Brasil é destaque em meio à desaceleração de emergentes. Folha de S. Paulo, São Paulo, 31 ago. 2013, mercado<sup>1</sup>, p.B4.

<sup>25</sup> Total de fontes individuais e institucionais que aparecem nas reportagens sobre o PIB do jornal O Estado de São Paulo do dia 31 de agosto de 2013: Alessandra Ribeiro, economista da Tendências Consultorias; Aloisio Campelo, superintendente de Ciclos Econômicos da FGV; Banco de investimentos Goldman Sachs; Banco de investimentos JP Morgan; Benoit Anne, estrategista do Societé Générale; Braulio Borges, economista-chefe da LCA Consultoria; Camila Alhadef Monteiro, ARX investimentos; Carlos Kawall, J Safra; Cristiano Oliveira, Banco Fibra; David Rees; Fábio Bentes, economista da CNC; Fábio Silveira, economista da consultoria GO Associados; Goldman Sachs, banco de investimentos; Gradual Investimentos Consultoria; José Augusto de Castro, AEB; Lázaro Brandão, presidente do conselho de administração do Bradesco; Luciano Coutinho, presidente do BNDES; Mauro Schneider,

tratados como fontes individuais, e 18<sup>26</sup> em O Globo, sendo 5 deles iguais entre os dois jornais (Pérsio Arida; Rebeca Palis, do IBGE; José Augusto de Castro, presidente da Associação de Comércio Exterior do Brasil (AEB); Silvia Matos, economista de Economia Aplicada da FGV/IBRE; David Rees, analista britânico especializado em América Latina da Capital Economics, uma empresa sediada em Londres). Importante marcar que essa contagem não considera falas retiradas de relatórios de consultorias e bancos. Portanto, essa quantidade de fontes demonstra a prioridade que esses jornais deram ao aspecto (3) “o que os empresários e especialistas têm a dizer sobre isso?”.

A Folha<sup>27</sup> também utilizou desse aspecto de estrutura de base (dois nomes foram citados, inclusive um deles repetido por O Globo: Armando Castelar, economista da FGV, e três relatórios de bancos e consultorias), afinal, como já foi dito, todos os jornais utilizaram dos quatro aspectos estruturais em algum momento de suas coberturas jornalísticas. Porém, O Globo e O Estado de S. Paulo destacam-se pela maior quantidade e predominância de espaços concedidos para a fala de empresários e especialistas dentro das páginas de cobertura noticiosa e factual do PIB produzida por repórteres. A Folha, no final da cobertura e sob o antetítulo de “O MELHOR TRIMESTRE” apresenta uma página chamada de “OPINIÃO”, fazendo uma quebra no conteúdo e demarcando a “editorialização” do que foi publicado. Portanto, tratando-se nessa página de opiniões demarcadas e não enxertadas no texto como parte integrante das reportagens, como acontece em O Globo e O Estado de S. Paulo.

No caso do jornal carioca, a evidência mais forte desse aspecto está na primeira página. Na reportagem de capa, no meio do texto principal, há um bloco denominado “Palavra de especialista”, que expõe a opinião de André Biancarelli, professor do Instituto de Economia da Unicamp. Ele diz que “o resultado do PIB no segundo

---

CGD Securities; Monica Bauangartem de Bolle, PUC-RJ; Pérsio Arida; Rebeca Palis, gerente de Coordenação de contas nacionais do IBGE; Rogério César de Souza, economista; Silvia Matos, FGV; Vassili Serebriakov, BNP Paribas.

<sup>26</sup> Total de fontes individuais e institucionais que aparecem nas reportagens sobre o PIB do jornal O Globo do dia 31 de agosto de 2013: Alcides Leite, Trevisan Escola de Negócios; André Biancarelli, Unicamp; Armando Castelar, FGV; Aurélio Bicalho, Itaú-Unibanco; CNA; David Rees; Fernanda Guardado, Brasil Plural; Francisco Pessoa Faria, LCA Consultoria; Jim O’Neil; José Augusto de Castro, AEB; Luis Otávio Leal, Banco ABC; Paulo Levy, IPEA; Paulo Simão, presidente da Câmara Brasileira de Construção Civil; Pérsio Arida, LCA Consultoria; Rebeca Palis, IBGE; Sérgio Vale, economista-chefe MB Associados; Silvia Matos, IBRE/FGV; Wellington Ramos, Austing Rating; Zeina Latif, sócia da Gibatrar Consulting.

<sup>27</sup> Total de fontes individuais e institucionais que aparecem nas reportagens sobre o PIB do jornal Folha de São Paulo do dia 31 de agosto de 2013: Análise do Iedi; Armando Castelar, economista da FGV; Boletim enviado pelo Itaú-Unibanco; Índice de confiança da indústria da FGV; Tulio Maciel, chefe do departamento econômico do Banco Central.

trimestre é uma surpresa boa e reduz o pessimismo que vinha contaminando as expectativas sobre a economia brasileira” (Figura 10).

Além desse exemplo, há outros exemplos, no mesmo jornal, como as duas entrevistas denominadas “corpo a corpo” com Jim O’Neil, economista criador do acrônimo Brics, e com David Rees.

Uma singularidade do jornal carioca encontra-se na reportagem sob o título de “‘Fundo do poço foi superado’, diz Mantega” e subtítulo “Para ministro, pior já passou no Brasil e no mundo, e o PIB reflete medidas do governo e melhora global”, dedicada ao aspecto (2) “o que o governo tem a dizer sobre isso?”. Nessa reportagem, aparecem apenas vozes políticas. No total são seis representantes do governo que falam, contando com o ministro Mantega. São eles<sup>28</sup>: o deputado federal Carlos Sampaio (PSDB/SP); o senador José Agripino (DEM/RN); o deputado federal Beto Albuquerque (PSB/RS); o senador Lindbergh Farias (PT/RS) e o senador Romero Jucá (PMDB/RR). Nenhum outro jornal entre os analisados nesta pesquisa integra ao texto as falas de políticos em exercício do mandato comentando o resultado do PIB, como fez O Globo. Nesse aspecto da reportagem existe a expressão do critério de contextualização, uma vez que traz para a discussão econômica a visão dos atores políticos mais importantes do país, os legisladores. Essa observação é pertinente porque na análise das reportagens posteriores, sobre o PIB negativo, que é anunciado mais próximo ao ano eleitoral de 2014, em dezembro de 2013, personagens em exercício na política passaram a aparecer nos dois jornais (Figura 11).

No caso do Estadão, para expressar essa presença de empresários e especialistas, a melhor ilustração é a que aparece na última página da cobertura: fotos com frases que mostram as ‘reações’ ao resultado do PIB de personalidades da economia. São elas: Fernando Henrique Cardoso, ex-presidente brasileiro, Pérsio Arida, ex-presidente do Banco Central, Lázaro de Mello Brandão, Presidente do Conselho do Bradesco e Jim O’Neil, ex-economista-chefe do Goldman Sachs. Nenhum dos outros jornais dá essa visibilidade ao personalismo, portanto ao prestígio dos nomes de determinadas pessoas, ao dispor suas fotos e suas frases destacadas.

Um aspecto que aproxima, mais uma vez, os jornais O Estado de S. Paulo e O Globo é que ambos publicaram reportagens contextualizando o resultado do crescimento do PIB com o consumo das famílias. Esse tipo de matéria não se tornou um

---

<sup>28</sup> A descrição das ocupações dos cargos dos políticos foi mantida conforme foram escritas pelo jornal na ocasião.

aspecto de estrutura de base da cobertura da notícia porque a Folha não repetiu a mesma escolha de dedicar um espaço exclusivamente para tratar dessa questão.

Na terceira página do caderno do Estadão, a reportagem do alto da página tem o título “Consumo das famílias cresce, mas perde força” e o subtítulo “Um dos pilares que sustentaram o crescimento econômico dos últimos anos, o consumo vem desacelerando desde 2011”. No primeiro parágrafo desse texto, é dito que o dado indica o “esgotamento do modelo de crescimento pautado pelo consumo” e contextualiza-se ao completar que isso seria “fiel da balança política de crescimento econômico do governo federal desde 2008”. A explicação histórica dessa visão ficou por conta da fala de uma fonte, o economista Fábio Bentes, da Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo (CNC).

No caso do jornal O Globo, uma reportagem que ocupa metade da segunda página, trata de como a inflação afetou o consumo das famílias, fator que compõe o PIB que trouxe um “ALÍVIO NA ECONOMIA”, como diz o antetítulo das páginas. O título da reportagem é “Com inflação alta, consumo das famílias cresce apenas 0,3%” e o subtítulo é “Crédito mais apertado e mercado de trabalho pior explicam resultado”. No primeiro parágrafo, já no lide, na primeira frase da matéria, contextualiza-se a importância de se falar do consumo das famílias, lembrando o papel dele na recente crise econômica mundial.

O consumo das famílias, que tirou o Brasil da crise de 2008 e 2009, continuou fraco no segundo trimestre, depois da estagnação do início do ano. A alta se limitou a 0,3% contra um crescimento de 1,5% do Produto Interno Bruto (PIB, conjunto de bens e serviços produzidos pelo país). Inflação corroendo o poder de compra, massa salarial crescendo mais devagar (2,1%) e crédito para pessoas físicas mais contido (8,5%) afetaram o consumo das famílias. (...) <sup>29</sup>

É importante ressaltar que mesmo que Estadão e O Globo tenham utilizado o critério de contextualização ao falarem do consumo das famílias, apenas o jornal carioca aprofundou essa questão com o uso de um critério fundamental para atrair o leitor leigo: a proximidade pelo uso de personagem.

A reportagem de O Globo traz a voz e a imagem de uma personagem da realidade que os números expressam (Figura 12).

---

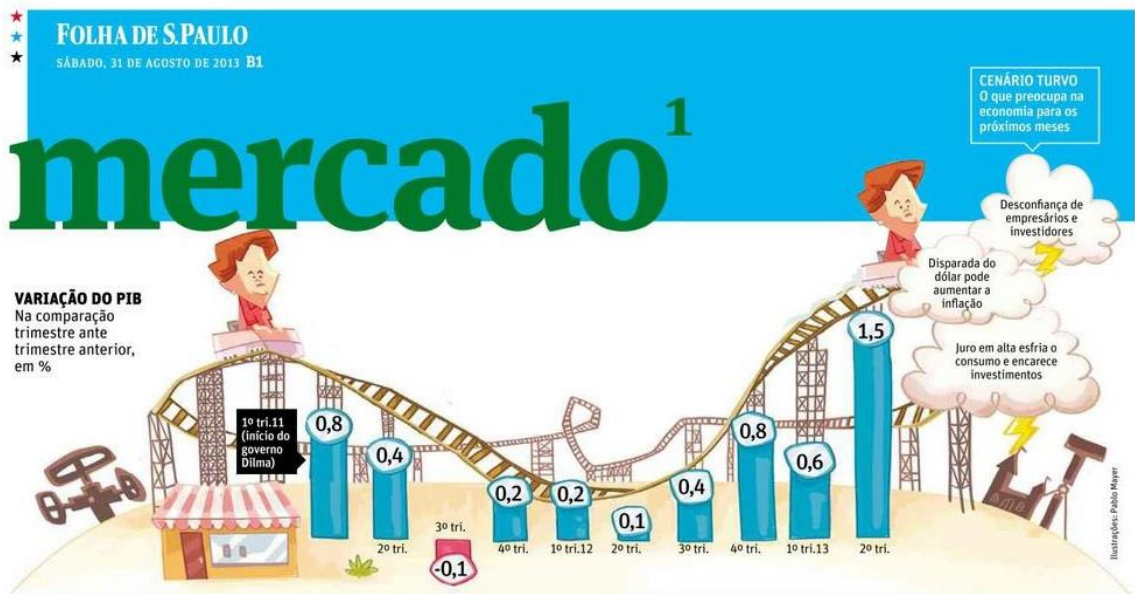
<sup>29</sup> ALMEIDA, Cássia; CARNEIRO, Lucianne; DE PAULA, Nice e PASSOS, João Filipe. Com inflação alta, consumo das famílias cresce apenas 0,3%. O Globo, Rio de Janeiro, 31 ago 2013, Economia, p. 30.

Engenheira de custos, Maria de Lourdes Faria sente o freio do consumo por causa dos preços(...) <sup>30</sup>

Em contrapartida, nessa mesma reportagem, logo no primeiro parágrafo, fatores que afetaram o consumo das famílias são elencados. Certamente, elencar motivos torna-se trivial para pessoas que já entendem de economia, os ‘especialistas’. Porém, ao leitor leigo, uma sequência de motivos sem explicações torna-se informação vazia de um assunto que pode ser relevante para ele, como é o caso da inflação, que aparece elencada. Nesta matéria de capa, não há expressado que conexão este resultado do PIB tem com a inflação, por exemplo. Para o leitor é mais válido entender a causa de um acontecimento do que o número que expressa friamente aquele acontecimento.

---

<sup>30</sup> ALMEIDA, Cássia; CARNEIRO, Lucianne; DE PAULA, Nice e PASSOS, João Filipe. Com inflação alta, consumo das famílias cresce apenas 0,3%. O Globo, Rio de Janeiro, 31 ago 2013, Economia, p. 30.



O MELHOR TRIMESTRE

# PIB surpreende e cresce 1,5% no 2º tri

Puxado por indústria e investimentos, resultado interrompe nove trimestres seguidos de variações inferiores a 1%

Figura 1 Fac-símile de infográfico em reportagem de Folha de S. Paulo, p. B1, mercado, em 31/08/2013.

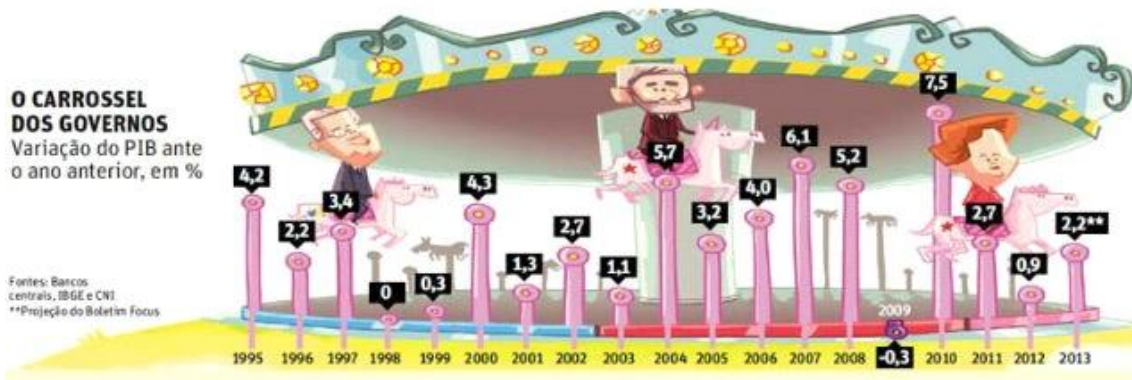


Figura 2 Fac-símile de infográfico em reportagem de Folha de S. Paulo, p. B4 e B5, mercado, em 31/08/2013.



## O QUE ASSOMBRA A ECONOMIA DO BRASIL

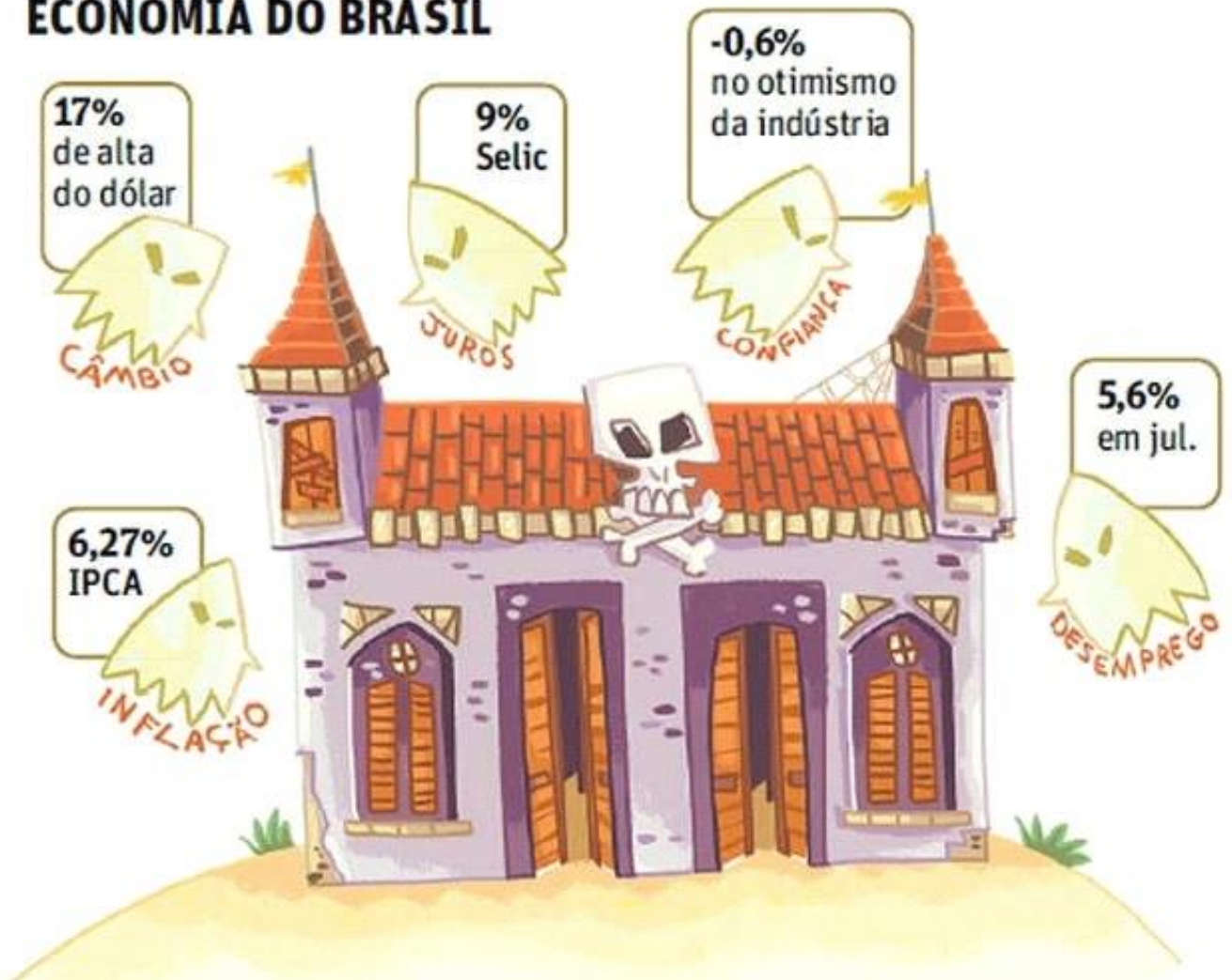


Figura 3 Fac-símile de infográfico em reportagem de Folha de S. Paulo, p. B4 e B5, mercado, em 31/08/2013.

## ECONOMIA MUNDIAL EM ROTAÇÃO

Emergentes perdem força  
e países ricos continuam  
recuperação

Variação do PIB no  
2º tri.2013 ante o 1º tri



Figura 4 Fac-símile de infográfico em reportagem de Folha de S. Paulo, p. B4 e B5, mercado, em 31/08/2013.

# E&N

ECONOMIA & NEGÓCIOS

## Desempenho fraco

Venda de carros pode cair depois de 9 anos de crescimento

Pág. B10

## Emergente na berlinda

Economia da Índia patina e Singh descarta controle de capital

Pág. B9



### ECONOMIA REAGE. Resultado surpreende mercado

Investimentos têm maior alta desde 2010. Pág. B3

**Crescimento.** Analistas revisam projeções e voltam a falar em até 2,7% no ano; governo e setor privado recebem o resultado com cuidado, mas o ministro Guido Mantega diz que 'o pior passou'; maior preocupação agora é com o desempenho do terceiro trimestre

# Puxado por investimento e indústria, PIB supera estimativas e cresce 1,5%

Vinicius Neder | RIO

A surpresa da economia brasileira no segundo trimestre, que superou todas as estimativas avançando 1,5% em relação aos três primeiros meses do ano, reconduziu as estimativas do mercado financeiro para o crescimento de 2013 a até 2,7%. Ao mesmo tempo, elevou as dúvidas em relação ao desempenho econômico na segunda metade do ano e também para 2014.

Divulgado ontem pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a expansão do Produto Interno Bruto (PIB, soma de todas as riquezas produzidas no País), se anualizada, corresponde a uma taxa de cerca de 6%. A alta de 1,5% em relação ao trimestre anterior também foi a maior nessa comparação desde o primeiro trimestre de 2010 (2%).

Outra boa notícia foi o segundo trimestre, assim como o primeiro, ter um padrão em que, em vez do consumo familiar, in-

dústria e investimentos puxam o crescimento.

Entre as revisões de projeções de crescimento para 2013 está a do banco de investimento americano JPMorgan - de 2% para 2,3%. O também banco de investimentos Goldman Sachs elevou a projeção de 2,3% para 2,7%. De 2,1%, a Tendências Consultoria deverá passar para 2,3% ou 2,4%, segundo a economista Alessandra Ribeiro. A Gradual Investimentos elevou sua previsão de 2,1% para 2,7%.

Os dados foram recebidos com entusiasmo cuidadoso tanto pelo governo quanto pela iniciativa privada. "O pior passou, o fundo do poço foi superado",

● **Comemoração**  
"Quem não fica feliz com o crescimento?!"  
Dilma Rousseff  
PRESIDENTE

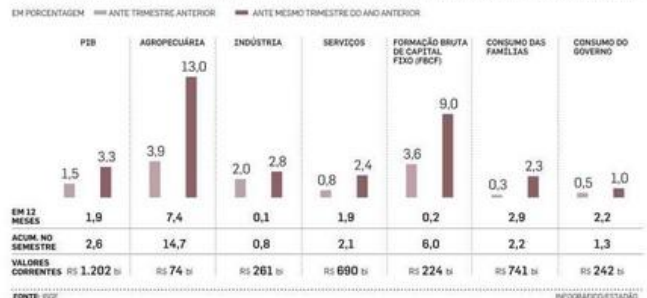


disse o ministro da Fazenda, Guido Mantega. "Nosso desafio agora é manter a expansão do investimento", disse o presidente do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), Luciano Coutinho. Já para o presidente do conselho de administração do Bradesco, Lázaro Brandão, o resultado mostra "que temos condições de retomar o crescimento sustentável".

A euforia foi moderada devido à incógnita sobre este terceiro trimestre. Segundo pesquisa feita após a divulgação dos dados pelo *Broadcast*, serviço de notícias em tempo real da Agência Estado, o crescimento do terceiro trimestre ficará em torno de zero, ante o segundo.

A indústria, com alta de 2% no trimestre passado, teve o melhor desempenho desde o segundo trimestre de 2010, quando estavam em vigor os incentivos da chamada política "anticíclica" contra a crise mundial. Embalada pela redução do IPI, juros diferenciados, valori-

### EVOLUÇÃO DO PIB POR SETORES



zação do real e Selic em queda, a indústria avançou tanto no primeiro (2,1%) quanto no segundo (2,7%) trimestres daquele ano, para depois alternar sucessivos resultados próximos de zero - muitas vezes negativo, como o do primeiro trimestre de 2013 (-0,2%). Agora, o salto industrial começa a dar sinais de que pode não manter o fôlego. Pesquisas recentes, porém, como a da Confederação Nacional da Indústria e da Fundação Getúlio Vargas, mostram elevação de estoques e queda na disposição para investir. Na comparação com o primeiro trimestre, a taxa de investimentos (FBCF, Formação Bruta de Capital Fixo) também se destacou, com alta de 3,6%. / COLABORARAM ALTAMIRO SILVA JÚNIOR, FÁBIO ALVES, IRANY TEREZA, LUCIANA COLLET, LUCIANA NUNES LEAL, FRANCISCO CARLOS DE ASSIS E BEATRIZ BULLA

Figura 5 Fac-símile de reportagem publicada em O Estado de S. Paulo, p. B1, Economia & Negócios, em 31/08/2013

**MELHORES APLICAÇÕES EM AGOSTO**

Fundo Cambial **4,58%**

Fundo Renda Ativa **0,68%**

Ativo Multi-Cl **0,60%**

Ativo Multi-Cl **0,58%**

Fundo Taxa **0,41%**

**Investimentos**  
Ma. 27

**FUNDOS CAMBIAIS LIDERAM NO MÊS**

Com alta do dólar, aplicação rendeu 4,58%. Ações também tiveram bom desempenho



**Novo risco**  
Ma. 26

**LEITE CONTAMINADO COM ÁLCOOL ETÍLICO**

Ministério Público do Rio Grande do Sul investiga denúncia sobre 22,5 mil litros das marcas Dado e Elego

## ALÍVIO NA ECONOMIA

# PIB surpreende e cresce 1,5%

Alta generalizada no 2º tri superou previsões. Mas analistas veem piora no 2º semestre

CRISTINA ALMEIDA, EUCLIANES CARVALHO e SÉRGIO VIEIRA  
economia@globo.com.br

**40.000 MILHÕES DE DÓLARES** é o crescimento da economia brasileira durante o segundo trimestre. O aumento de 1,5% frente ao primeiro trimestre do ano, além do tri dos primeiros meses (1,3%), foi impulsionado por todos os setores. Na maior expansão em três anos, o investimento e a agricultura tornaram-se o fator de crescimento e a indústria avançou com o Produto Interno Bruto (PIB, conjunto de bens e serviços produzidos no país). O setor externo, que vinha perdendo para além do desempenho da economia, contribuiu com mais de metade do crescimento de abril a junho.

Frente ao mesmo trimestre do ano passado, o PIB cresceu 3,3%. No ano, acumula alta de 2,9% e nos últimos quatro trimestres, 1,3%. No segundo trimestre, o PIB soma R\$ 1,2 trilhão.

As notícias boas trazidas pelo Conto Nacional divulgadas ontem pelo IBGE não devem aumentar as expectativas trimestrais, segundo especialistas. Eles alertam que o aumento do tri em 1,5% e 3,3% se a economia ficar estagnada não será suficiente para superar os dados do INDEI para indústrias e câmbio, marcando a alta inflação, mercado de trabalho mais fraco e real desvalorizado, seja para a economia local ou para o país. O PIB no segundo trimestre, pelas projeções dos analistas.

O bom desempenho do segundo trimestre, porém, de bancos e consultorias elevou a projeção para o segundo do PIB este ano, para algo entre 2,7% e 3,3%. Se a economia ficar estagnada, não será suficiente para superar os dados do INDEI para indústrias e câmbio, marcando a alta inflação, mercado de trabalho mais fraco e real desvalorizado, seja para a economia local ou para o país. O PIB no segundo trimestre, pelas projeções dos analistas.

Segundo Roberto Faria, gerente de Contas Nacionais Trimestrais do IBGE, o crescimento foi influenciado e apoiado nos investimentos.

— Foi impulsionado a expansão. O destaque foi o investimento, com maior produção de máquinas e equipamentos. A agropecuária também teve desempenho muito bom. Foi o setor que mais cresceu na economia.

A formação bruta de capital fixo, o que é o investimento guiado nas contas nacionais, cresceu 3,0% depois de ter subido 4,2% no período. No ano, frente aos números de 2010, a alta foi de 3%.

### CALCULADO ERROS E AJUSTOU RESULTADO

A indústria também foi impulsionada: cresceu 1% frente ao tri do ano. No primeiro trimestre, contra o tri do ano, houve queda de 0,2%. O erro cometido pelo IBGE na contabilidade do PIB, que chegou a 1,6%, foi corrigido para 0,8%. O erro cometido pelo IBGE na contabilidade do PIB, que chegou a 1,6%, foi corrigido para 0,8%.

Segundo André, em paralelo ao Banco Central e ao Banco do Brasil, o Banco Central observou a situação de pleno emprego e as grandes inflacionistas que facilitam o Banco Central a manter a alta dos juros, o que é evidente de que a economia brasileira opera sob o limite de sua potencialidade. Se a taxa de 1,5% se repetir por quatro trimestres, o país crescerá 6%.

— A economia brasileira está crescendo muito, em especial a população está crescendo. Tem muita demanda doméstica, por isso está com o mercado de trabalho em expansão, o índice de emprego do Brasil e a balança comercial está diminuindo por excesso de absorção doméstica — disse André, em sua apresentação ao Plano Real, que participou da abertura do 19 Congresso Internacional de Mercados Financeiros e de Capitais, promovido pelo BM&F Bovespa.

O calendário aponta a alta no primeiro do segundo trimestre. Em relação ao ano anterior, houve um dia útil a mais de abril a junho e três dias úteis a menos no primeiro trimestre. Pela conta da ICA, o Conselho, em vez de 1,3%, o PIB teria avançado apenas 1,1% se não fosse a alteração de agosto.

Sérgio Vale, economista-chefe da MB Asset Advisors, destaca que o segundo trimestre foi uma



## Agropecuária sobe com safra recorde e eleva exportação

Embargos de soja fizeram setor avançar 3,9% e ajudaram na alta de 6,9% das vendas externas

Com o apoio da safra recorde, a agropecuária foi um dos principais responsáveis pelo PIB do segundo trimestre. O setor avançou 3,9% frente ao primeiro tri, mesmo já desvalorizado efetivo, com o aumento de 1,3% na comparação com o segundo trimestre de 2010. E foi determinante para o aumento de 3,3% nos quatro trimestres, frente aos três primeiros meses do ano.

Apesar de a agropecuária ter perdido apenas 1,2% no cálculo do PIB, os efeitos indiretos do setor na economia serão relevantes este ano.

Se considerarmos toda a cadeia, com indústrias, comércio, distribuidores e construtores da agropecuária, deve responder por 30% do aumento do PIB este ano. O agronegócio será a subárea da indústria do PIB em 2011 — avalia Sérgio Vale, economista-chefe da MB Asset Advisors.

De acordo com o IBGE, a produção de soja em 2011, com base na agropecuária — sem considerar os efeitos na cadeia produtiva —, vai contribuir com 6,7 ponto percentual do aumento de 2,9% acumulado por esse setor PIB no ano, em um tri.

No segundo trimestre, a soja possui o desempenho da agropecuária. A produção do IBGE é de aumento de 23,7% na quantidade produzida em 2011, para um crescimento de 18,8% da área plantada. O milho, por sua vez, deve ter alta de 12,2% da produção, para uma expansão de 1,9% da área plantada este ano.

— Isso significa ganho de produtividade, há soja e milho mais peso de 30% no cálculo da aplicação — explicou o gerente de Contas Nacionais do IBGE, Roberto Faria.

### PETROLIO INFLUENCIA SETOR EXTERNO

Segundo analistas, porém, se tivesse sido maior o setor agrícola não deve sofrer o bom desempenho dos últimos meses do PIB. A petroleira não depende da indústria, mas sim, não tem boa perspectiva.

A Confederação Nacional da Agricultura (CNA), porém, é mais otimista. “Este é destaque para os próximos meses, não a taxa de juros, que colheita deve crescer 10,1% o milho segunda safra (20,5%) e milho segunda safra (20,2%) e o trigo (11,1%)”, disse André, em sua apresentação.

— O segundo trimestre concretiza um volume de soja, para chegar ao mercado antes da safra americana em setembro.

As exportações também sofreram impacto de uma operação semelhante com uma plataforma da Petrobras, que foi vendida a uma subsidiária externa e, depois, arrendada. Segundo Castro, a operação teve impacto de US\$ 1,6 bilhão (Castro Almeida, Luciane Cavalcanti e Henrique Gomes Bastião).

— O segundo trimestre concretiza um volume de soja, para chegar ao mercado antes da safra americana em setembro.

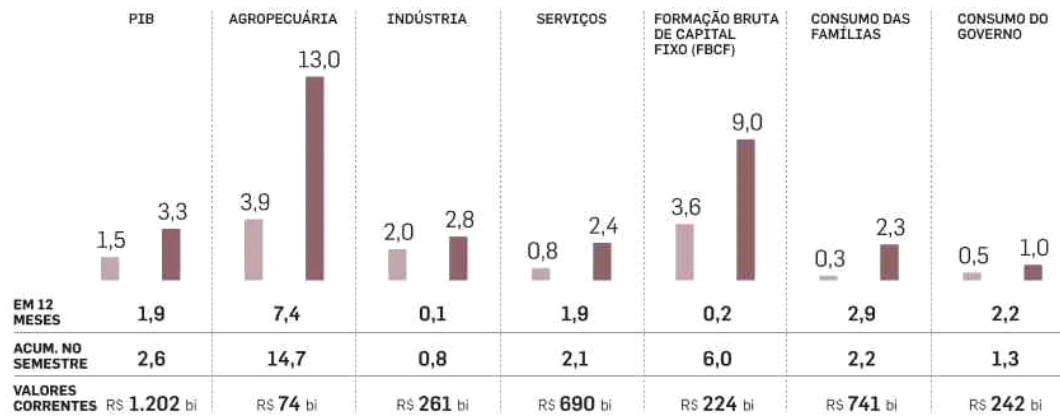
As exportações também sofreram impacto de uma operação semelhante com uma plataforma da Petrobras, que foi vendida a uma subsidiária externa e, depois, arrendada. Segundo Castro, a operação teve impacto de US\$ 1,6 bilhão (Castro Almeida, Luciane Cavalcanti e Henrique Gomes Bastião).

Colaboração: Elio Rodrigues, Renaldo D’Ávila e Gabriela Almeida

Figura 6 Fac-símile da capa do caderno de economia de O Globo, em 31/08/2013

## EVOLUÇÃO DO PIB POR SETORES

EM PORCENTAGEM ■ ANTE TRIMESTRE ANTERIOR ■ ANTE MESMO TRIMESTRE DO ANO ANTERIOR



FONTE: IBGE

INFOGRÁFICO/ESTADÃO

Figura 7 Fac-símile de infográfico em reportagem de O Estado de S. Paulo, p. B1, Economia & Negócios, em 31/08/2013

# Investimento tem maior alta em 3 anos

Compra de máquinas e equipamentos para a construção civil e agropecuária ajudou no avanço de 3,6% dos investimentos no 2º trimestre

## DESEMPENHO TRIMESTRAL

### ● Evolução do PIB por setores

POR TRIMESTRE ANTE TRIMESTRE IMEDIATAMENTE ANTERIOR

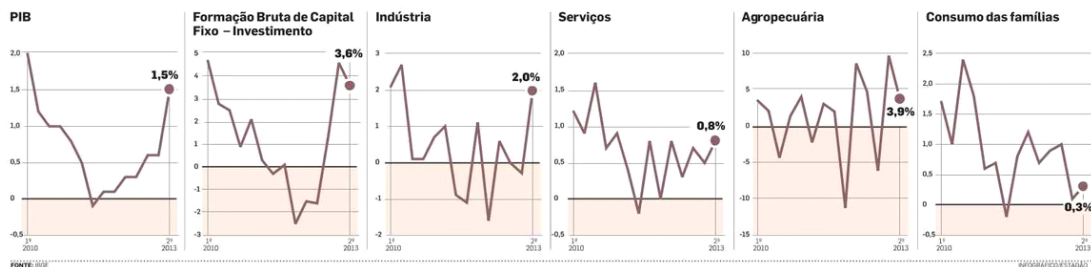


Figura 8 Fac-símile de infográfico em reportagem de O Estado de S. Paulo, p. B3, Economia & Negócios, em 31/08/2013

## OS NÚMEROS DA ECONOMIA BRASILEIRA

### O COMPORTAMENTO POR TRIMESTRE



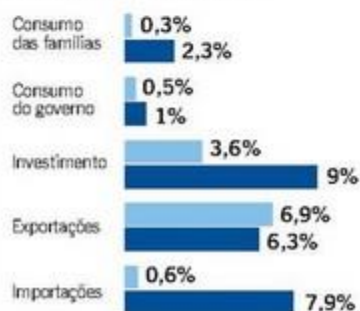
### O DESEMPENHO POR SETOR NO SEGUNDO TRIMESTRE

■ Frente ao 1º tri/2013 ■ Frente ao 2º tri/2012

#### PELA ÓTICA DA PRODUÇÃO

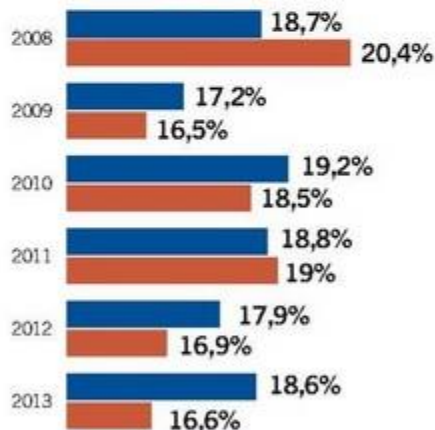


#### PELA ÓTICA DA DEMANDA



Fonte: IBGE

### AS TAXAS DE INVESTIMENTO E POUPANÇA (% do PIB)



#### QUE CÁLCULO É ESSE

O Produto Interno Bruto (PIB) é o conjunto da produção de bens e serviços num país durante um ano, contando inclusive a arrecadação de impostos sobre a produção. A coleta é feita em três grandes setores: agropecuária, indústria e serviços. Os dados também podem ser apresentados sob a ótica da demanda, que mostra como foi o consumo de cada grupo: família, governo, investimento da indústria e construção civil (formação bruta de capital fixo), exportações e importações

Figura 9 Fac-símile de infográfico em reportagem de O Globo, p. 29, Economia, em 31/08/2013

### Palavra de especialista

André Biancarelli, professor do Instituto de Economia da Unicamp

## RESULTADO BOM PODE MELHORAR EXPECTATIVAS

Professor do Instituto de Economia da Unicamp, André Biancarelli diz que o resultado do PIB no segundo trimestre é uma surpresa boa e reduz o pessimismo que tinha contaminado as expectativas sobre a economia brasileira.

— A economia está se recuperando e o número é bastante favorável. É uma surpresa boa, principalmente em função do clima de pessimismo que tinha se espalhado entre os analistas — diz ele. Sua avaliação é que o bom desempenho no segundo trimestre pode até mesmo contribuir para melhorar as expectativas dos agentes econômicos e garantir que o resultado nos próximos trimestres sejam melhores do que se espera agora. As pesquisas de sondagem de julho, segundo ele, foram influenciadas negativamente pelas manifestações no país.

— Uma boa notícia do PIB pode influenciar os próximos trimestres. Acho que o Brasil tem uma chance de avançar com os investimentos se tiver sucesso nos leilões de infraestrutura, como de aeroportos e petróleo. *(Lucianne Carneiro)*

Figura 10 Fac-símile de reportagem publicada em O Globo, p. 29, Economia, em 31/08/2013



## REAÇÕES

**Fernando Henrique  
Cardoso**  
Ex-presidente



"Se olharmos os problemas em seu conjunto, dificilmente se vê sustentabilidade (no crescimento do PIB), porque crescer é investir e está faltando poupança."

**Pérsio Arida**  
Ex-presidente do BC



"A economia brasileira está aquecida demais em relação ao seu potencial. Vários fatores determinam esse fenômeno, entre eles a pequena oferta de trabalhadores no mercado, o que leva a uma situação maior que o pleno emprego."

**Lázaro de Melo Brandão**  
Presidente do Conselho  
do Bradesco



"Surpreendeu, a expectativa é favorável. Mostra que há ambiente para consolidar uma linha de crescimento; que temos condições de retomar o crescimento sustentável."

**Jim O'Neill**  
Ex-economista-chefe do  
Goldman Sachs



"Com os dados do PIB divulgados hoje (ontem), podemos ter uma surpresa positiva ainda este ano... Investimentos podem ser melhorados, com o governo saindo do caminho, abrindo espaço para o setor privado."

Figura 11 Fac-símile de infográfico publicado em reportagem de O Estado de S. Paulo, p. B6, Economia & Negócios, em 31/08/2013

## ALÍVIO NA ECONOMIA

# Com inflação alta, consumo das famílias cresce apenas 0,3%

## Crédito mais apertado e mercado de trabalho pior explicam resultado

CÁSSIA ALMEIDA, LUCIANNE CARNEIRO,  
NICE DE PAULA E JOÃO FILIPE PASSOS  
economia@oglobo.com.br

O consumo das famílias, que tirou o Brasil da crise de 2008 e 2009, continuou fraco no segundo trimestre, depois da estagnação do início do ano. A alta se limitou a 0,3% contra um crescimento de 1,5% do Produto Interno Bruto (PIB, conjunto de bens e serviços produzidos pelo país). Inflação corroendo o poder de compra, massa salarial crescendo mais devagar (2,1%) e crédito para pessoas físicas mais contido (8,5%) afetaram o consumo das famílias. A taxa de 0,3% é quase uma estabilidade frente ao crescimento nulo do primeiro trimestre:

— Não chega a ser uma expansão, manteve uma estabilidade — afirmou Rebeca Palis, gerente de Contas Nacionais Trimestrais do IBGE.

Segundo a economista Zeina Latif, sócia da Gibraltar Consulting, a piora do mercado de trabalho, com taxa de desemprego mais alta e salários menores, explica um pouco esse desempenho mais fraco:

— O país também ficou mais caro, com a inflação em alta. Além disso, as famílias estão muito endividadadas, com a renda comprometida. Mesmo com a inadimplência calando, quem contrai crédito é da classe média, da classe C, cujo o comprometimento da renda é até maior. A curto prazo, o crédito é essencial para decisão de consumo

Engenheira de custos, Maria de Lourdes Faria sente o freio do consumo por causa dos preços:

— Cada mês que a gente vai às compras sente a diferença, principalmente nos alimentos. Agora estou fazendo uma compra mais seletiva. Eu nunca compro de primeira, por impulso, pesquiso antes.

### SETOR FINANCEIRO CRESCER 1,5%

Puxados pelo comércio, os serviços cresceram 0,8% no segundo trimestre, frente ao início do ano. É a maior expansão desde o primeiro trimestre de 2011, quando a alta tinha sido de 0,9%. Contra o segundo trimestre de 2012, a alta foi de 2,4%.

— Os serviços cresceram em todos os subsectores, especialmente o comércio atacadista, por causa da agricultura e da indústria de transformação — afirmou Rebeca Palis, do IBGE.

A intermediação financeira subiu 1,5% frente



Pesquisa. A engenheira de custos Maria de Lourdes Faria compara preços antes de comprar

“

“Não chega a ser uma expansão (dos gastos das famílias), manteve uma estabilidade”

Rebeca Palis  
Gerente de Contas Nacionais Trimestrais do IBGE

ao segundo trimestre, num ritmo menor que os outros setores. O desempenho, na avaliação de Rebeca, foi afetado negativamente pelo setor de seguros, que registrou alta no número de sinistros no período entre abril e junho.

— Com o mercado de trabalho mais fraco, não dá para o setor de serviços crescer no ritmo de antes. O consumidor está mais arreado, e o ciclo forte de crédito que se viu no passado acabou — disse o economista-chefe da MB Associados, Sérgio Vale.

Essa não foi a avaliação de Sílvia Matos, coordenadora do Boletim Macro Ibré/FGV. Para ela, o setor foi a maior surpresa do PIB e teve “uma aceleração expressiva” (subiu de 0,5% para 0,8% de um trimestre para o outro):

— Parte do setor está ligado ao transporte, à indústria e à agropecuária. De 30% a 40% do setor são de serviços a famílias, o resto é empresas, e esse é o segmento mais importante dos serviços. ●

## 4.2. PIB negativo – 04/12/2013

### **Folha de S. Paulo:**

**Título:** Investimento desaba e economia do Brasil encolhe 0,5% no 3º tri

**Subtítulo:** Juro mais alto, crédito mais escasso e imprevisibilidade reduziram confiança do empresariado

**Antetítulo:** TRIMESTRE PERDIDO

### **O Estado de S. Paulo:**

**Título:** PIB tem pior resultado em quatro anos e economistas cortam previsões para 2014

**Subtítulo (no caso do Estadão, o subtítulo fica acima do título):** Economia encolhe mais do que o previsto no terceiro trimestre, puxada pelo resultado ruim do investimento e da agricultura, e leva bancos e consultorias a revisarem as projeções para um crescimento entre 2,15% e 2,5% em 2013 e entre 1,1% e 2,6% no ano que vem

**Antetítulo:** FRUSTRAÇÃO COM A ECONOMIA

### **O Globo:**

**Título:** PIB abaixo de zero

**Subtítulo:** Economia recua 0,5% no 3º tri, no pior resultado desde 2009. No ano, deve crescer até 2,4%

**Antetítulo:** CONTAS NACIONAIS

Neste dia em que noticiaram um resultado negativo do PIB, os três jornais analisados por esta pesquisa mantiveram a estrutura de base<sup>31</sup> das reportagens que apresentaram o crescimento do índice cerca de três meses antes.

A diferenciação inicial que no caso anterior ficou bastante marcada pelo uso do critério de interpretação no antetítulo do jornal ocorre novamente, porém de forma contrária. O tom interpretativo antes encontrado em O Globo não se manteve. Ao

---

<sup>31</sup> A estrutura de base das reportagens é composta por quatro aspectos, que podem ser expressos juntos, (na mesma reportagem) ou separados (em reportagens diferentes) dentro do mesmo caderno. Os aspectos são: (1) a apresentação dos dados, ou seja, a descrição textual do que se trata o índice econômico. (2) “o que o governo tem a dizer sobre isso?”; (3) “o que os empresários e especialistas têm a dizer sobre isso?”; (4) o Brasil no mundo.

contrário, Folha e Estadão demonstram antetítulos com mais posicionamento que o jornal carioca, o qual na situação anterior havia utilizado o antetítulo “ALÍVIO NA ECONOMIA”.

Dessa vez, O Globo utiliza uma nomenclatura descritiva básica (“CONTAS NACIONAIS”), enquanto ambos os jornais paulistas Folha e Estadão utilizam juízos de valores intrínsecos em “TRIMESTRE PERDIDO” e em “FRUSTRAÇÃO COM A ECONOMIA” respectivamente.

O antetítulo da Folha poderia ser apontado, ainda que sutilmente, como aquele que apresenta maior juízo de valor entre esses três, uma vez que invalida o que possa ter sido alcançado de positivo no período e, desse modo, reforça o mito do desenvolvimento. Dessa forma, é visível que, no dia anteriormente analisado, a ordem foi inversa: O Globo apresentou o mais opinativo antetítulo entre os três jornais (“ALÍVIO NA ECONOMIA”) e a Folha o menos (“O MELHOR TRIMESTRE”)<sup>32</sup>.

Em contrapartida, a Folha, que dedicou quatro páginas à cobertura dessa notícia, diferentemente dos outros dois jornais, que dedicaram cinco cada, manteve o princípio da infografia, bem como os outros jornais; porém, mais uma vez, com o diferencial exclusivo da criatividade. Em sua reportagem de capa, desta vez, não houve nenhum infográfico, já que um anúncio publicitário ocupou boa parte do espaço na página, o que é extremamente comum ocorrer no caderno. Na data analisada, a reportagem iniciou com a (1) apresentação dos dados, portanto a descrição textual do que se trata o índice econômico.

Na segunda página dedicada ao assunto, a reportagem principal trouxe o título “Governo assume culpa e teme dólar em 2014” e o subtítulo “Para assessores, cotação da moeda americana é risco no próximo ano”. Estão expressos nela, concomitantemente, tanto o aspecto (2) “o que o governo tem a dizer sobre isso?” como o princípio da infografia. A reportagem apresentou quatro gráficos espalhados por toda a página, sendo o de “VARIAÇÃO DO PIB NO GOVERNO DILMA” o de maior destaque, ocupando o topo da página. Os outros gráficos trataram da “MÉDIA ANUAL DE CRESCIMENTO” e das “CINCO BARREIRAS AO AVANÇO DO INVESTIMENTO NO BRASIL”, as quais são: excesso de burocracia, carência de infraestrutura, vaivém nas falas do governo, regras confusas e inflação elevada. Esse gráfico apresentou as barreiras acompanhadas por explicações e exemplificações.

---

<sup>32</sup> A explicação para melhor compreensão desta inversão depende da leitura do subcapítulo desta pesquisa que faz a análise do PIB positivo.

Na terceira página, também foi publicado um infográfico criativo — e irônico — com caricaturas do ministro da Fazenda Guido Mantega e da presidente Dilma Rousseff sob o título “A ARTE DAS PREVISÕES DE MANTEGA – Algumas estimativas do ministro para o PIB foram frustradas”. O infográfico reproduziu falas dessas figuras políticas em contraste com os dados que não se confirmaram nos resultados divulgados (Figura 13).

Um detalhe interessante a ser destacado na reportagem “Governo assume culpa e teme dólar em 2014” é o fato de que o texto é baseado em conversas com assessores presidenciais, por conseguinte mostra uma visão dos bastidores opinativos da equipe econômica do governo federal. Nesse dia, no Estadão, isso também aconteceu na reportagem intitulada “Dilma cobra de Mantega explicação sobre erro” e subtítulo “Presidente havia “antecipado” revisão do crescimento do PIB de 2012 para 1,5%”, acompanhada por uma foto da presidente. Nesse texto, comentam-se, basicamente, os bastidores entre Dilma e Mantega.

Apesar da preocupação com o baixo crescimento, Dilma e Mantega tentam vender otimismo neste ano pré-eleitoral, na tentativa de mostrar que a administração começa a colher agora os resultados do que foi plantado. Em conversas reservadas, ministros dizem que a população não sabe o que é PIB, mas avalia com lupa o impacto de qualquer medida no seu bolso.<sup>33</sup>

Percebe-se que apesar de as reportagens serem uma expressão (2) “do que o governo tem a dizer sobre isso?”, elas expõem esses bastidores da política e da economia.

Tendo em vista a análise prévia dos jornais nesta pesquisa, seria possível depreender dessa característica que no caso da Folha a opção por informar as entrelinhas da notícia estaria mais ligada ao viés de informalidade do jornal (já percebida em outras reportagens, conforme anteriormente exposto), enquanto no caso do Estadão estaria mais ligada ao viés da especulação (já realçado inclusive pelo uso do jornal de pesquisas de estimativas da AE Projeções, da Agência Estado), porém é evidente que os dois vieses não necessariamente se excluem, para existirem. No caso do jornal O Globo essa característica, nesse dia, não se apresenta.

Ainda assim, é notável a preferência por termos menos sisudos no texto do

---

<sup>33</sup> ROSA, Vera e FERNANDES, Adriana. Dilma cobra de Mantega explicação sobre erro. O Estado de S. Paulo, São Paulo, 04 dez. 2013, Economia & Negócios, p.B7.

Estadão neste dia, o que vai de encontro à postura do jornal adotada nos textos sobre o índice positivo, em agosto. Isso porque, na segunda página do caderno, uma reportagem de topo leva o título “Investimento foi vilão do PIB no 3º trimestre”, expressando, portanto, certa informalidade e reforçando o maniqueísmo típico da propagação do mito do desenvolvimento. Também em uma reportagem, na quarta página do caderno, na qual são expostas visões de analistas e o aspecto (3) “o que os empresários e especialistas têm a dizer sobre isso?”, foi publicada no título “PIB negativo reforça inferno astral do governo” a expressão exotérica grifada dentro de um contexto que a princípio seria objetivo e pragmático: os resultados econômicos.

Esse mesmo princípio é encontrado em um título de uma reportagem do jornal O Globo, na segunda página dedicada à cobertura do PIB negativo, que diz “Consumo das famílias volta a ‘salvar a pátria’ no trimestre” (subtítulo: “Mas analistas não veem fôlego no setor. Segmento de serviços ficou estagnado”).

Outra característica que une os jornais O Globo e Estadão na cobertura do PIB deste dia é o personalismo. Essa dimensão pode ser entendida como interpretação por meio do uso de personalidades, sejam elas políticas ou econômicas. O intuito é valorizar as credenciais de determinada personalidade para opinar sobre o assunto e conseqüentemente validar a visão proposta pelo jornal.

É preciso sinalizar que a divulgação desse resultado do PIB ocorreu em dezembro, portanto mais próximo ao ano eleitoral de 2014, do que o resultado divulgado em agosto do mesmo ano 2013. Esse detalhe é de extrema importância porque a partir desse momento começaram a aparecer mais vozes políticas nos textos das reportagens.

A presença desses políticos é compreendida como uma contextualização eleitoral referente ao contexto do país. Na primeira análise, a do PIB positivo, o único jornal que trouxe vozes de políticos, naquelas circunstâncias, foi O Globo, no qual foram expostas as interpretações de deputados e senadores sobre o resultado do índice econômico. Agora, na divulgação do PIB negativo, a característica personalista do Estadão, que já no PIB positivo dispôs de espaço para fotos e frases opinativas de personalidades, se exacerba, e para além da grande quantidade de vozes de especialistas e empresários<sup>34</sup>, passa a dar espaço para políticos em exercício de mandato e pré-candidatos a eleições.

---

<sup>34</sup> Total de fontes individuais e institucionais que aparecem nas reportagens sobre o PIB do jornal O Estado de S.Paulo do dia 04 de dezembro de 2013: Cláudio Frischtak, Inter.B Consultoria; Francisco

Na página capa do caderno de economia do Estadão, na lateral direita, ao lado de um anúncio publicitário, há fotos de quatro personalidades e suas repercussões a respeito do resultado do PIB (Figura 14). São elas: Guido Mantega, ministro da Fazenda; Eduardo Campos, na época governador de Pernambuco e potencial pré-candidato às eleições presidenciais<sup>35</sup>; Joaquim Levy, diretor do Bradesco A. Management e Luiz Gonzaga Belluzzo, sócio-diretor da Nobel Planejamento. Esse último, inclusive, recebe o espaço do jornal para uma reportagem sob o título “Belluzzo atribui queda a análises pessimistas”, dando enfoque para a opinião do empresário. Eduardo Campos é também destacado em um *box* dedicado a suas opiniões sobre o resultado do índice.

Nessa mesma página, outra reportagem sob o título “Brasil terá de reduzir os juros bancários, diz Joseph Stiglitz”, traz a visão do economista vencedor de Prêmio Nobel, entrevistado em Genebra, com frase “olho” e foto. O Globo traz o mesmo especialista em entrevista sob o título “Tamanho do recuo surpreende vencedor de Nobel” e subtítulo “Para Stiglitz, queda se deve ao cenário global e problemas com juro muito alto”.

Em agosto, o jornal carioca já havia introduzido a opinião de políticos ao texto sobre o PIB positivo e em dezembro não o deixa de fazer. Em sua terceira página, há uma reportagem com o título “Aécio e Campos: incertezas no futuro” e subtítulo “Líderes da oposição criticam modelo econômico adotado pelo governo”. Ambos os políticos vieram a concorrer pela Presidência da República em 2014. Essa reportagem

---

Pessoa, economista da LCA Consultores; Rebeca Palis, IBGE; Carlos Pastoriza, diretor da Abimaq; Sérgio Vale, MB Associados; Craig Botham, gestora britânica Schroders; Fábio Silveira, diretor de Pesquisa Econômica da GO Associados; Amaryllis Romano, sócia da Tendências Consultoria Integrada; Luiz Fernando Figueiredo, ex-diretor do BC e sócio Mauá Sekular; Carlos Kawall, economista-chefe do banco de investimentos J. Safra; Luiz Gonzaga Belluzzo, sócio-diretor da Nobel Planejamento; Joseph Stiglitz, economista vencedor de Prêmio Nobel; Alberto Ramos, Goldman Sachs. • Total de fontes individuais e institucionais que aparecem nas reportagens sobre o PIB do jornal O Globo do dia 04 de dezembro de 2013: Rebeca Palis, gerente de coordenação de Contas Nacionais do IBGE; Aurélio Bicalho, do Itaú Unibanco; Leandro Padilha, economista da MCM Consultores; Zeina Latif, sócia da Gilbatrar Consulting; Roberto Olinto, coordenador de Contas Nacionais do IBGE; Sílvia Matos, economista da FGV; Fernando Ribeiro, Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA); Sérgio Vale, economista-chefe da MB Associados; Marcos Mediano, empresário e administrador do Armazém do Café; Sérgio Sobral, sócio do Castro, Barros, Sobral, Gomes Advogados; Joseph Stiglitz, economista vencedor de Prêmio Nobel; Alex Agostini, economista-chefe da Austin Rating; Alessandra Ribeiro, economista da Tendências Consultoria; Vinicius Botelho, da FGV; Alfredo Emílio Bonduki, presidente da Linhas Bonfio; Marcel Balassiano, economista Ibre/FGV. • Total de fontes individuais e institucionais que aparecem nas reportagens sobre o PIB do jornal Folha de S. Paulo do dia 04 de dezembro de 2013: Sílvia Matos, FGV; Sérgio Vale, economista-chefe da MB Associados; Itaú Unibanco; Bradesco; Santander; Aurélio Bicalho do Itaú em relatório; Alberto Ramos, Goldman Sachs.

<sup>35</sup> Posteriormente, Eduardo Campos chegou a lançar-se como candidato à Presidência pelo PSB, partido do qual era filiado, porém, em meio ao período da campanha, morreu em um acidente aéreo, no dia 13 de agosto de 2014.

traz seis parágrafos de visões de políticos da oposição e, ao final, uma parte sob a frase “BRASIL ESTÁ NO CAMINHO CERTO”, em que deu voz ao presidente do PT, Rui Falcão e ao senador Jorge Viana (PT-AC).

Finalmente, a diferença mais marcante entre esses dois jornais dentro desse aspecto do personalismo contextualizado com a eleições é que O Globo apresenta mais números de políticos do que Estadão e esse apresenta apenas um em termos de presidenciáveis.

O princípio da explicação aparece nas reportagens dos três jornais, com suas peculiaridades em cada um deles. No Estadão nota-se um tipo de explicação que não ocorreu na data do PIB positivo. No primeiro parágrafo da reportagem da segunda página dessa data, o lide traz duas explicações sobre os termos econômicos utilizados, uma delas trata-se da Formação de bruta de capital fixo, como sendo a forma como “o investimento é medido pelo PIB”.

No mesmo jornal, no terceiro parágrafo da segunda reportagem da terceira página, uma explicação aparece por meio da fala de um especialista, como já foi constatado como prática nos textos do jornal na análise do PIB positivo. Nesse caso, a explanação trata-se da queda do índice da agricultura.

“O que **explica** essa retração no PIB agropecuário no 3º trimestre é a queda na produção e nos preços de café e laranja, duas lavouras perenes e que têm forte influência nessa época do ano”, afirma o diretor de Pesquisa Econômica da GO Associados. [grifo nosso]<sup>36</sup>

No mesmo jornal, a reportagem que se dedica a expor os crescimentos dos outros países e repercutir o que foi dito por Guido Mantega, utilizando citações do ministro da Fazenda, e, portanto, une duas estruturas de base em apenas um texto ((4) o Brasil no mundo e (2) “do que o governo tem a dizer sobre isso?”) apresenta uma infografia, além da explicação, ainda na fala do especialista.

A **explicação** para a queda do País na comparação com outras grandes economias, segundo Rebeca Palis, gerente de Contas Nacionais do IBGE, é a alta base de comparação no trimestre anterior. “Agora, estamos com base alta e o -0,5% é o pior dos países” destacou. [grifo nosso]<sup>37</sup>

---

<sup>36</sup> DE CHIARA, Márcia. Café, laranja e mandioca explicam o tombo do desempenho agrícola. O Estado de S. Paulo, São Paulo, 04 dez. 2013, Economia & Negócios, p.B5.

<sup>37</sup> PITA, Antonio; BULLA, Beatriz e LEOPOLDO, Ricardo. Brasil tem um dos piores resultados. O Estado de S. Paulo. São Paulo, 4 dez 2013, Economia & Negócios, p.B5.



É também nessa reportagem que o jornal expõe uma contradição que corrobora com o aspecto abordado nessa pesquisa de como os números podem omitir realidades ou serem manipulados e, dessa forma, o jornal demonstra que dependerá da referência que se opta para alcançar o resultado noticioso que se pretende. Isso porque no parágrafo seguinte o resultado brasileiro da economia é analisado sob o ângulo dos Brics e passa a ocupar uma posição melhor. Em contraposição ao infográfico intitulado “LÍDER NA QUEDA”, no qual o Brasil negativamente aparece em primeiro lugar (Figura 15).

Entre os emergentes do grupo Brics, o cálculo para comparação é feito com base no terceiro trimestre de 2012. Nesse cenário, o País fica na média de alta entre os parceiros. O crescimento de 2,2% no PIB do Brasil ficou abaixo dos 7,8% da China e dos 4,8% da Índia.<sup>38</sup>

No caso de O Globo e da Folha de S. Paulo, as explicações encontram-se principalmente no próprio texto do jornal, diferentemente do Estadão que privilegia a fala dos especialistas para essa função. A Folha, entre os três, destaca-se por oferecer a maior quantidade de exemplos de explicações.

Na quarta página de O Globo, uma reportagem com o título “Poupança é a menor em 13 anos” e subtítulo “Esforço fiscal menor influencia resultado. Investimentos têm queda de 2,2%” há um parágrafo explicativo sobre os motivos de a poupança ser a menor em nesse período.

Com as famílias gastando mais, sobram menos recursos para a poupança. Do lado do governo, o aumento de transferências para a Previdência e o seguro-desemprego e um esforço fiscal menor também se refletiram na redução da taxa de poupança, na visão dos analistas.<sup>39</sup>

No mesmo jornal, ao lado da reportagem de capa do caderno de economia, uma tripa descreve que uma “nova metodologia” adotada pelo IBGE “afeta um quinto do PIB”, explicando, portanto, que esses resultados sofreram alterações por conta de uma

---

<sup>38</sup> SPITZ, Clarice; CARNEIRO, Lucianne; BATISTA, Henrique Gomes e SCRIVANO, Roberta. Poupança é a menor em 13 anos. O Globo, Rio de Janeiro, 4 dez 2013, Economia, p. 28.

<sup>39</sup> SPITZ, Clarice; CARNEIRO, Lucianne; BATISTA, Henrique Gomes e SCRIVANO, Roberta. Poupança é a menor em 13 anos. O Globo, Rio de Janeiro, 4 dez 2013, Economia, p. 28.

nova base de dados utilizada pela instituição. Nesse dia, nenhum dos outros jornais deu essa explicação dessa forma clara.

No sétimo parágrafo da reportagem de capa do caderno da Folha, ao explicar quais são as travas para o crescimento do país, a reportagem, entre parênteses, expõe um dos efeitos dessas travas.

Entre as travas estão fatores do momento como a piora das finanças do governo e a possibilidade de redução da classificação de risco da dívida do país (que rebata no custo maior dos empréstimos das empresas no exterior).<sup>40</sup>

Também no décimo parágrafo da mesma reportagem, o jornal refere-se à utilização prática dos juros para a conjuntura econômica.

Usados para tentar segurar a inflação, os juros maiores, por seu turno, ainda não vão afetar a economia no ano que vem.<sup>41</sup>

Na reportagem já anteriormente apresentada baseada nas conversas com assessores presidenciais, sobre os bastidores políticos e econômicos, no décimo primeiro parágrafo explica-se o que acontece com uma “alta do dólar”.

Com menos dólares em circulação, a tendência é a alta na cotação. Além disso, a recuperação dos EUA pode levar para lá investimentos que estavam no Brasil, reduzindo mais a quantidade de moeda e a encarecendo.<sup>42</sup>

Na reportagem do jornal que aborda o aspecto (4) o Brasil no mundo, sob o título “Contração destoa do ritmo das grandes economias mundiais” e subtítulo “Maior parte dos países teve um crescimento maior no 3º tri que nos três meses anteriores”, o texto explica um detalhe da economia da Venezuela.

A Venezuela, que cresceu 9,5% de abril a junho, desacelerou-se para 2,5% no trimestre passado, mas essas fortes flutuações são rotineiras

---

<sup>40</sup> SOARES, Pedro. Investimento desaba e economia do Brasil encolhe 0,5% no 3º tri. Folha de S. Paulo, São Paulo, 4 dez 2013, mercado, p.B1.

<sup>41</sup> SOARES, Pedro. Investimento desaba e economia do Brasil encolhe 0,5% no 3º tri. Folha de S. Paulo, São Paulo, 4 dez 2013, mercado, p.B1.

<sup>42</sup> CRUZ, Valdo; NERY, Natuza e D’AMORIM, Sheila. Governo assume culpa e teme dólar em 2014. Folha de S. Paulo, São Paulo, 4 dez 2013, mercado, p. B3.

na economia do país, por causa da dependência do mercado externo do petróleo.<sup>43</sup>

Encontra-se ilustrando essa reportagem um infográfico chamado “NA RIBEIRA” (Figura 16).

O Globo e a Folha também se aproximaram quanto ao uso do princípio da contextualização. O exemplo mais marcante do jornal carioca ocorreu na primeira reportagem de capa.

Depois de uma surpresa positiva no período entre abril e junho, a economia brasileira sofreu uma retração de 0,5% no terceiro trimestre deste ano, frente ao período anterior, na primeira queda neste tipo de comparação desde o início de 2009, em plena recessão após a eclosão da crise financeira de 2008.<sup>44</sup>

No caso do jornal paulista, os exemplos de contextualização ocorreram na reportagem de estrutura de base (3) “o que os empresários e especialistas têm a dizer sobre isso?”, já que o subtítulo foi “Para economistas, desempenho ruim no 3º trimestre aumenta chances de PIB crescer menos de 2% no ano que vem”.

A economia desandou no terceiro trimestre – período marcado pela alta do dólar, pelas manifestações nas ruas, pelo descrédito com as contas do governo e pelo caso do empresário Eike Batista. E as consequências dessas más notícias serão mais visíveis em 2014, já que 2013 está praticamente fechado.<sup>45</sup>

No quarto parágrafo, a reportagem relembra os resultados de outro governo.

O desempenho faz com que o governo Dilma Rousseff registre um crescimento médio comparável ao de FHC, cujo governo foi marcado por sucessivas crises externas (México, Ásia, Rússia) e que culminaram com o fim da cotação fixa do dólar, em 1999.<sup>46</sup>

Ainda nesse jornal, um exemplo de contextualização tem grande carga interpretativa, tanto é que apareceu sob o antetítulo “TRIMESTRE PERDIDO”, porém

---

<sup>43</sup> Contração destoa do ritmo das grandes economias mundiais. Folha de S. Paulo, São Paulo, 4 dez 2013, mercado, p.B4.

<sup>44</sup> CARNEIRO, Lucianne; SPITZ, Clarice e VIEIRA, Sérgio. PIB abaixo de zero. O Globo. Rio de Janeiro, 4 dez 2013, Economia, p. 25.

<sup>45</sup> CARNEIRO, Mariana e SCARRETTA, Toni. Crescimento de 2014 é colocado em xeque. Folha de S. Paulo. São Paulo, 4 dez 2013, mercado p. B5.

<sup>46</sup> CARNEIRO, Mariana e SCARRETTA, Toni. Crescimento de 2014 é colocado em xeque. Folha de S. Paulo. São Paulo, 4 dez 2013, mercado p. B5.

acompanhado pela palavra “OPINIÃO”. A reportagem com o título “Presidente divulgou como oficial uma estimativa” e subtítulo “Trapalhadas do governo levaram Dilma a cometer erro em entrevista” traz no oitavo parágrafo possíveis explicações, em formas de perguntas retóricas, para a falha de Dilma.

Foi a Secretaria de Política Econômica que deixou a chefe vendida?  
Ou foi a própria chefe quem cometeu a imprevidência de soprar um cálculo apesado repassado pela equipe econômica? As duas versões circularam ontem.<sup>47</sup>

---

<sup>47</sup> NERY, Natuza. Presidente divulgou como oficial uma estimativa. Folha de S. Paulo, 4 dez 2013, mercado, p. B4.

tão, a suspeita. Te-  
se valido de infor-  
viliz-  
izado  
BGE?

indagação era sé-  
rio do Planalto cor-  
sclarecer que o da-  
verdade, inspira-  
dos preliminares  
rio da Fazenda.

o instituto dirimiu  
a presidente não  
m informação sigi-  
ra com informação  
mo —o dado foi re-  
a 1%.

cretaria de Política  
a que deixou a che-  
? Ou foi a própria  
n cometeu a impre-  
e soprar um cálculo  
do repassado pela  
onômica? As duas  
cularam ontem.

seram que o 1,5%  
nicado à presiden-  
eira informal e que  
erava que a presi-  
encionasse publi-

nalto, afirmou-se  
mercado já projeta-  
ímero. A Fazenda  
inda, insistir: esse  
l poderá aparecer  
s revisões do IBGE.  
que, ao falar publi-  
Dilma assumiu a  
o como estimativa  
ostrou que é pru-  
onfiar até de infor-  
ternas.

olhar em volta pa-

## A ARTE DAS PREVISÕES DE MANTEGA

Algumas estimativas do ministro para o PIB foram frustradas



**20.jun.2012**

"É uma piada, vai ser muito mais", disse Mantega sobre previsão de alta de 1,5% do PIB em 2012

**13.set.2012**

"O 2º semestre vai ser bem melhor, porém o 1º nos puxa para baixo na média, então nós deveremos ter um crescimento em torno de 2% [em 2012]"

**30.nov.2012**

"O resultado poderia ser melhor, mas temos de olhar o que está acontecendo na economia. O resultado não mostra toda a reação", disse após o PIB do 3º tri de 0,6%. "No quarto trimestre deveremos ter algo em torno de 1% e, em 2013, devemos ter um crescimento de 4% do PIB"

**1º.mar.13**

"Para 2013, o cenário é mais benigno, a crise europeia está superada, a economia mundial deverá crescer mais, a economia brasileira terá mais mercados para exportar", disse Mantega, prevendo crescimento de 4% no ano

### O QUE ACONTECEU

o PIB de 2012 foi de 1%	o PIB no 4º tri.2012 foi de 0,9% e o de 2013 está estimado em 2,5%	previsão de crescimento de 2,5%
-------------------------	--	---------------------------------



**2.dez.2013** Para os próximos dez anos, Mantega acha que o país pode crescer, em média, 4% ao ano. "As condições de investimento vão melhorar. É uma expectativa realista para os próximos anos, diria até que modesta"

## DILMA, A OTIMISTA

### A PREVISÃO

**"Nesta semana resolveram reavaliar o PIB. E o PIB de 2012 passou a 1,5%. Sabíamos que não era 0,9%, que estava subestimado"**

DILMA, em entrevista ao jornal "El País", em 25.nov.2013

### A REALIDADE

Revisado, o PIB passou para 1%



### O DESEJO

**"Quero pibão grandão em 2013"**

DILMA, em 20.dez.2012, em discurso em Brasília

### A REALIDADE

Na média, os analistas esperam alta de 2,5% neste ano

Figura 13 Fac-símile de tabela explicativa em reportagem de Folha de S. Paulo, p. B4, mercado, em 04/12/2013

● **Repercussão**



“Com esse resultado do terceiro trimestre, de -0,5%, isso favorece um crescimento no quarto trimestre.”

**Guido Mantega**

MINISTRO DA FAZENDA



“A retração de 0,5% no PIB é um sinal preocupante... Creio que precisamos trabalhar para ganhar o ano de 2014.”

**Eduardo Campos**

GOVERNADOR DE PERNAMBUCO



“Vários segmentos voltaram a recuar após períodos de expansão. Isso ocorreu com a agropecuária.”

**Luiz Gonzaga Belluzzo**

SÓCIO-DIRETOR DA NOBEL PLANEJAMENTO



“A gente precisa de um choque de tomada de risco. Talvez o impulso para isso seja piorar um pouco.”

**Joaquim Levy**

DIRETOR DO BRADESCO A. MANAGEMENT

Figura 14 Fac-símile de infográfico publicado em reportagem de O Estado de S. Paulo, p. B1, Economia & Negócios, em 04/12/2013

## LÍDER NA QUEDA

### ● Comparação com outros países



\* EM RELAÇÃO AO TRIMESTRE ANTERIOR (COM AJUSTE SAZONAL).

FONTE: IBGE, INSTITUTOS DE ESTATÍSTICA, BANCO CENTRAL E BANCO MUNDIAL

INFOGRÁFICO/ESTADÃO

Figura 15 Fac-símile de gráfico publicado em reportagem de O Estado de S. Paulo, p. B5, Economia & Negócios, em 04/12/2013

### NA RABEIRA

Varição do PIB no 3º tri ante o 2º tri, em %

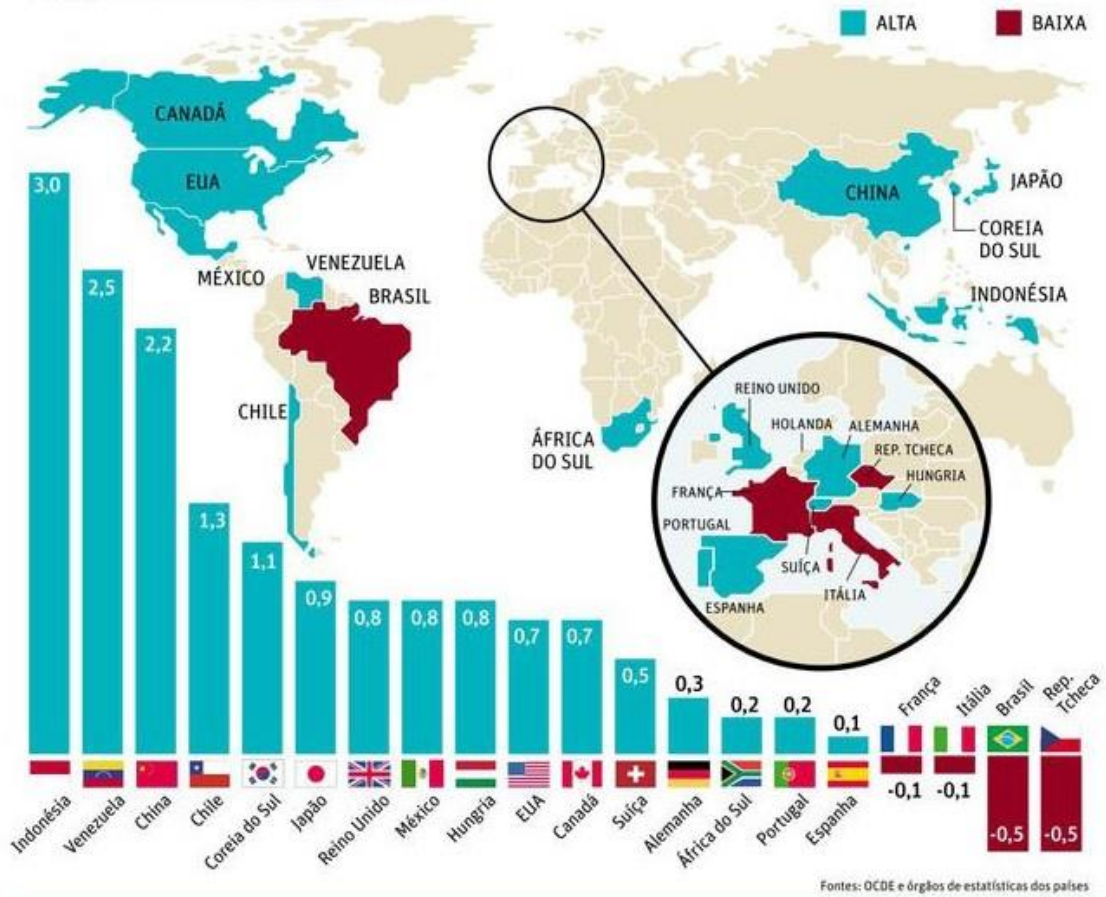


Figura 16 Fac-símile de infográfico publicado em reportagem de Folha de S. Paulo, p. B5, mercado, em 04/12/2013



### 4.3. Considerações sobre a Recessão Técnica

Na análise da cobertura deste dia 30 de agosto de 2014, em que foi divulgada a queda de 0,6% no PIB trimestral do país, o que mais chama atenção são os termos utilizados e as formas como os jornais optaram por expor a notícia. A diferenciação discutida a seguir é sutil, mas influi na propagação do mito do desenvolvimento, uma vez que essas formas de exposição podem tanto gerar alarmismo ou reflexão. Tudo dependerá da forma como o assunto foi abordado pelos veículos.

A diferenciação inicial pode ser conferida nas manchetes dos jornais. Neste dia, todos os três noticiaram o assunto em suas capas principais, não apenas nos cadernos de economia. As manchetes de maior destaque dessas capas principais foram:

#### **Folha de S. Paulo:**

Economia do país encolhe 0,6% no 2º tri, em sinal de recessão // Marina cresce e empata com Dilma

#### **O Estado de S. Paulo:**

PIB recua 0,6% e País entra em recessão técnica // Marina empata com Dilma no 1º turno, diz pesquisa

#### **O Globo:**

PIB cai 0,6% no 2º trimestre e Brasil enfrenta recessão // Datafolha: Marina empata com Dilma e vence no 2º turno

É válido apontar que no mesmo dia os três jornais também noticiaram em suas capas o resultado da pesquisa Datafolha que mostrava a candidata à Presidência pelo PSB, Marina Silva, empatada com a presidente candidata à reeleição, Dilma Rousseff, do PT.

A diferença entre eles é que apenas o jornal carioca posiciona esse assunto no topo da capa, todos os outros dois seguem a ordem de exibir o assunto econômico no topo da página, seguido pelo assunto político. Ainda que essa observação possa guardar alguma conclusão, a constatação prática é que ambos os assuntos (resultado do PIB e disputa eleitoral) apareceram, de certa maneira, mesclados na cobertura econômica dentro do jornal, já que todos os três trouxeram reportagens sobre as falas dos

candidatos adversários nas eleições Marina Silva e Aécio Neves, do PSDB, comentando o resultado do índice. Por conta do contexto eleitoral, criou-se um novo aspecto (temporário) da estrutura de base de notificação do índice do PIB que é (5) “o que os adversários nas eleições têm a dizer sobre isso?”.

Os jornais também apresentaram reportagens que repercutiram as falas da presidente Dilma Rousseff e do ministro da Fazenda Guido Mantega, portanto utilizaram o aspecto (2) “o que o governo tem a dizer sobre isso?”.

Para além desses aspectos, os três jornais utilizaram também a reportagem em que o Brasil é comparado com outros países ((4) o Brasil no mundo).

A Folha faz uso da infografia, inclusive na capa do jornal em que a notícia econômica ocupa o topo e está acima da notícia política da última pesquisa Datafolha de intenção de voto na corrida presidencial (Figura 17). Na capa, o principal gráfico apresenta os resultados das variações trimestrais do PIB nos dois governos petistas de Lula e de Dilma. Também na capa do jornal, um gráfico na lateral da manchete mostra o resultado “no mundo”, o Brasil aparece em terceiro entre os valores negativos. Na quarta página do caderno, o gráfico de tempo dos governos amplia-se e passa a abranger desde o governo de José Sarney até o de Dilma Rousseff (Figura 18).

No Estadão, ilustrando a matéria com o título “Investimento foi o maior vilão do PIB”, houve um gráfico parecido, já que contextualiza com os períodos de governo de diferentes presidentes, mas a medida é diferente (Figura 19). Fora esse gráfico, neste dia, o Estadão não investiu de forma incisiva na infografia. Inclusive, o infográfico que aparece na manchete principal do jornal é simples, pequeno e mostra a variação do PIB em relação ao trimestre anterior. Propriamente na capa do caderno de economia não há nenhum infográfico.

Na capa principal de O Globo há conteúdo infográfico bastante explorado mostrando aquilo que “foi bem” e aquilo que “foi mal” referente ao resultado do PIB (Figura 20). A manchete do jornal carioca inclusive resume, de certa maneira, a cobertura da notícia feita no caderno de economia. Isso porque a capa repercute, diretamente, falas dos candidatos à Presidência e faz subtítulos com chamadas que se encaixam nos aspectos da estrutura de base que as reportagens representaram dentro do caderno econômico. Por exemplo, a chamada que diz “Recuo do Brasil só não foi pior que o da Ucrânia”, faz referência à reportagem que comparou (4) o Brasil e o mundo. Essa reportagem, aliás, apresenta um infográfico chamado “o ranking do PIB dos países”.

Fazendo jus ao traço criativo da infografia, a Folha dedica uma página inteira a ilustrações com o questionamento central de “e agora, José?”, para uma matéria que diz que “Em momentos de **indefinição** e insegurança, o **risco** se eleva e consultores recomendam **adiar a tomada de decisões**. Há situações, no entanto, em que vale mais a pena **agir**.” [grifo original] e convida o leitor a ver algumas dessas situações (Figura 21).

O jornal O Estado de S. Paulo segue a mesma opção de noticiar em sua capa a recessão, ainda que venha dentro da matéria no caderno de economia explicar que o termo é exagerado. A Folha, por sua vez, também explica o que define a recessão, porém faz a ressalva do por que ela seria “técnica” ou ainda o porquê não poderia ser considerada definitiva. O jornal manteve a característica de dar explicações no corpo do próprio texto sem fazer referência a especialistas.

Duas retrações consecutivas sinalizam, por uma convenção aceita internacionalmente, um quadro recessivo — ainda que não bastem para um diagnóstico definitivo.<sup>48</sup>

No quarto parágrafo da primeira matéria da Folha, o texto também faz uma ressalva quanto ao alarmismo gerado pelos títulos com recessão, dando a entender que “as coisas não são bem assim”. [expressão nossa]

No caso brasileiro, há atenuantes: as taxas negativas não chegam a ser expressivas, e o desemprego se mantém em patamares baixos.<sup>49</sup>

Inclusive, no próprio texto o jornal assume que seria melhor usar outro termo econômico (estagnação) ao invés de recessão.

Para alguns especialistas, o termo recessão, embora esteja correto, é exagerado. **E talvez fosse melhor falar em estagnação**. Seja qual for a qualificação, o resultado piorou as expectativas para os desempenhos de 2014 e 2015 e entrou firme no debate eleitoral.<sup>50</sup>[grifo nosso]

---

<sup>48</sup> PATU, Gustavo; SOARES, Pedro e VETTORAZZO, Lucas. Economia do país encolhe 0,6% no 2º trimestre e indica recessão. Folha de S. Paulo, São Paulo, 30 ago. 2014, mercado<sup>1</sup>, p.B1.

<sup>49</sup> PATU, Gustavo; SOARES, Pedro e VETTORAZZO, Lucas. Economia do país encolhe 0,6% no 2º trimestre e indica recessão. Folha de S. Paulo, São Paulo, 30 ago. 2014, mercado<sup>1</sup>, p.B1.

<sup>50</sup> NEDER, Vinicius; AMORIM, Daniela; TOMAZELLI, Idiana; SALLOWICZ, Mariana; DÉCIMO, Tiago; LEOPOLDO, Ricardo e DE ASSIS, Francisco Carlos. Investimento e indústria afundam e Brasil entra em recessão. O Estado de S. Paulo, São Paulo, Economia & Negócios, 30 ago 2014, p.B1.

Nesse sentido, é possível perceber uma precaução da Folha que, ainda que use o termo recessão, ressalta que os resultados do índice são “um dos sintomas de uma recessão”; portanto menciona em sua manchete um “sinal de recessão”. A dúvida que resta é por que o jornal O Estado de S. Paulo mesmo demonstrando que haveria uma opção melhor para utilizar, opta pela “opção pior”. Muito provavelmente se trata também de uma reflexão das crenças desse jornal, uma vez que no próprio editorial da edição desse dia do jornal, um artigo com o título “Recessão e incompetência”, inicia com a seguinte afirmação:

Está confirmado oficialmente: a presidente Dilma Rousseff conseguiu levar o Brasil a uma recessão, com dois trimestres consecutivos de produção em queda.<sup>51</sup>

A Folha contextualiza logo no primeiro parágrafo da primeira matéria de página, no lide.

Com empresários em desalento e comércio em declínio, a economia mostrou os piores resultados do governo Dilma Rousseff e sintomas de uma recessão em plena campanha eleitoral.<sup>52</sup>

O jornal explica que o maior sinal do pessimismo no momento se trata da baixa taxa de investimentos (16,5% do PIB).

Embora o emprego venha sendo, em geral, mantido, projetos para o futuro são abandonados ou adiados. Não é difícil entender: há dúvidas sobre os desdobramentos da crise internacional, o resultado das eleições presidenciais e o futuro da política econômica — em especial quanto ao controle dos gastos públicos e da inflação.<sup>53</sup>

Dentro do caderno de economia da Folha, há uma tripa com o a indicação de “saiba mais” e com o título “Confirmação de recessão é tema controverso” (Figura 22). O texto é predominantemente explicativo e sem a voz de qualquer especialista.

Recessões ocorrem quando, temendo o futuro, empresários cortam investimentos e famílias consomem menos — e o resultado é um empobrecimento geral. A definição, na teoria, é consensual; na

---

<sup>51</sup> Recessão e incompetência. O Estado de S. Paulo, São Paulo, Notas e Informações, 30 ago. 2014, p. A3

<sup>52</sup> PATU, Gustavo; SOARES, Pedro e VETTORAZZO, Lucas. Economia do país encolhe 0,6% no 2º trimestre e indica recessão. Folha de S. Paulo, São Paulo, 30 ago. 2014, mercado<sup>1</sup>, p.B1.

<sup>53</sup> PATU, Gustavo; SOARES, Pedro e VETTORAZZO, Lucas. Economia do país encolhe 0,6% no 2º trimestre e indica recessão. Folha de S. Paulo, São Paulo, 30 ago. 2014, mercado<sup>1</sup>, p.B1.

prática, a verificação do fenômeno a partir dos indicadores disponíveis pode ser controversa.<sup>54</sup>

A Folha, juntamente com a reportagem que trata do resultado brasileiro em comparação com os outros países também traz um texto que fala sobre “Imprensa estrangeira repercute PIB do Brasil – Recessão técnica foi destaque pelo mundo”.

No texto do jornal O Globo, por sua vez, não há nenhuma menção à contestação quanto à recessão. Apenas em um *box*, na primeira página, há a ressalva de que os analistas divergem sobre a recessão (Figura 23).

O Globo também contextualiza ao dizer que "A última recessão no Brasil foi na esteira da crise financeira global de 2008. O PIB recuou 4,2% no fim de 2008 e caiu 1,7% no início de 2009, o PIB já crescia 1,9%. Em comum entre os dois momentos, há a falta de confiança dos empresários".

---

<sup>54</sup> PATO, Gustavo. Confirmação de recessão é tema controverso, Folha de S. Paulo, São Paulo, mercado<sup>1</sup>, Saiba Mais, p.B2.

# FOLHA DE S. PAULO

Desde 1921

★ ★ ★ UM JORNAL A SERVIÇO DO BRASIL

folha.com.br

DIRETOR DE REDAÇÃO: OTAVIO FRIAS FILHO

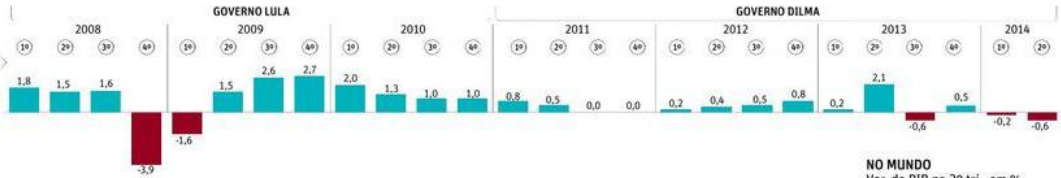
ANO 94 ★ SÁBADO, 30 DE AGOSTO DE 2014 ★ Nº 31.195

EDIÇÃO SP/DF ★ CONCLUÍDA À 1H29 ★ R\$ 3,00

## ECONOMIA NO VERMELHO



Var. do PIB sobre trimestre anterior, em %



## O QUE CAIU (no 2º tri.)

Investimento	-5,3%
Indústria	-1,5%
Consumo do governo	-0,7%
Serviços	-0,5%



## O QUE SUBIU (no 2º tri.)

Agropecuária	0,2%
Consumo das famílias	0,3%

# Economia do país encolhe 0,6% no 2º tri, em sinal de recessão

A economia brasileira encolheu 0,6% no segundo trimestre na comparação com os três primeiros meses deste ano, segundo o IBGE. Foi o segundo trimestre consecutivo de retração, um dos sintomas de uma recessão.

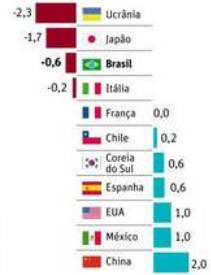
Os maiores responsáveis pela queda foram investimentos (-5,3%), indústria (-1,5%) e serviços (-0,5%). A presidente Dilma (PT) classificou o desempenho como momentâneo, atribuindo a fatores como a Copa.

O candidato do PSDB à Presidência, Aécio Neves, classificou o quadro econômico como perverso. Já Marina Silva (PSB) afirmou que o resultado é lamentável e que coloca o país numa situação difícil. Mercado 1 B1

**FERNANDO RODRIGUES**  
Resultado comporá imagem negativa de gestão da presidente Mercado 1 B4

## NO MUNDO

Var. do PIB no 2º tri., em %



Fontes: IBGE e institutos de estatísticas internacionais

Figura 18 Fac-símile da capa de Folha de S. Paulo, em 30/08/2014.

B4 mercado 1 ★ ★ ★ SÁBADO, 30 DE AGOSTO DE 2014

FOLHA DE S. PAULO

## MARCHA A RÉ

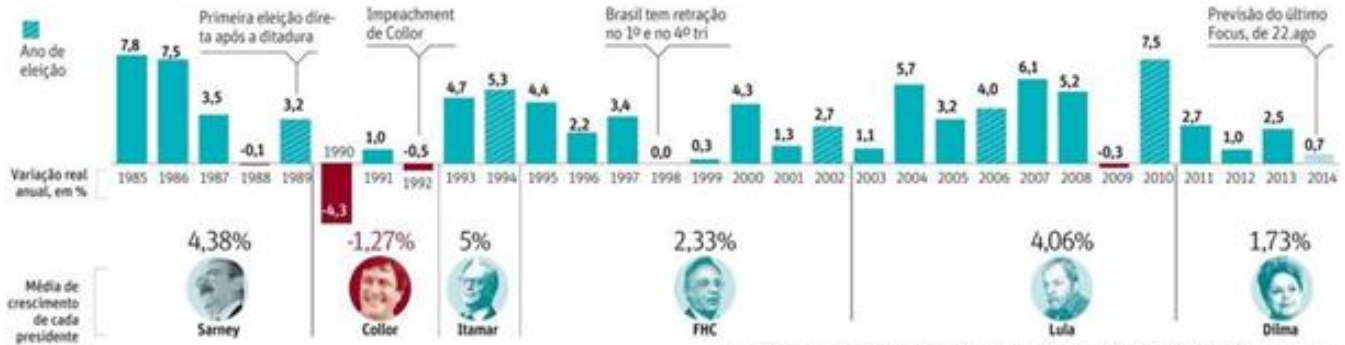
Dentro de serviços, o quadro é pior porque, extraindo a parte do governo, o crescimento provavelmente já é zero FICOMERCOS/SP (Federação de comércio paulista)

0,4% foi a alta de intermediação financeira (bancos)

-0,8 foi a queda de outros serviços

## POLÍTICA DOS NÚMEROS

Como o PIB variou durante os mandatos dos presidentes



Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, Sistema de Contas Nacionais Referência 2000 (IBGE/SICN 2000 Anual) - SICN\_PIBG

Figura 17 Fac-símile de infográfico publicado em reportagem de Folha de S. Paulo, p. B4, mercado, em 30/08/2014.

## ABAIXO DE ZERO

● Crescimento do País esfria e PIB tem duas quedas seguidas, o que indica recessão técnica

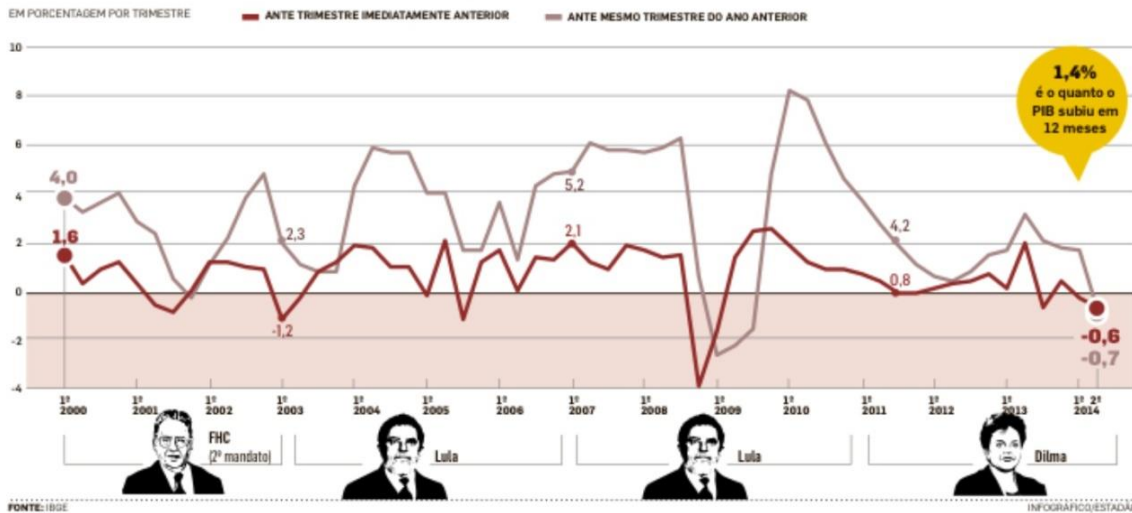


Figura 19 Fac-símile de infográfico publicado em reportagem de O Estado de S. Paulo, p. B4, Economia & Negócios, em 30/08/2014.

# PIB cai 0,6% no 2º trimestre e Brasil enfrenta recessão

Investimento e indústria têm forte perda

Crise foi interna, com queda de 1,6% na demanda

Recuo do Brasil só não foi pior que o da Ucrânia

Mantega culpa cenário externo, Copa e seca



O PIB brasileiro caiu 0,6% entre abril e junho, na comparação com o trimestre anterior. E, ao revisar os dados para o desempenho da economia no primeiro trimestre, o IBGE agora apurou retração de 0,2%. Com dois períodos seguidos de queda no PIB, o Brasil teve recessão técnica. Só o consumo das famílias e a agropecuária avançaram. A indústria amargou perda de 1,5%, e os investimentos recuaram 5,3%, ambos no pior desempenho desde 2009, auge da crise global. Economistas afir-

mam, porém, que a recessão atual não é tão severa porque o emprego e a renda ainda crescem. Entre os 38 países que já divulgaram seu PIB, o Brasil só teve resultado melhor do que a Ucrânia, em conflito com a Rússia. A queda foi provocada por crise interna: a demanda doméstica recuou 1,6% frente ao mesmo período de 2013. O ministro Mantega negou que o país esteja em recessão, e a presidente Dilma disse que a economia vai melhorar no 2º semestre. **PÁGINAS 29 a 34**



## País tem maior déficit fiscal em 13 anos: R\$ 4,7 bi

Pelo terceiro mês seguido, o governo gastou mais do que arrecadou. União, estados, municípios e estatais tiveram um déficit fiscal de R\$ 4,7 bilhões, o pior resultado para julho desde 2001. O BC atribuiu o resultado à economia fraca. **PÁGINA 33**

"Há uma política cambial perversa há 20 anos"  
**Luiz Gonzaga Belluzzo**  
Ex-consultor econômico de Lula

"O Brasil entrou em terapia recessiva"  
**Luiz Carlos Mendonça de Barros**  
Ministro no governo FH

"No segundo semestre teremos uma grande recuperação"  
**Dilma Rousseff**  
Presidente

"É lamentável. O Brasil está numa situação de muita dificuldade"  
**Marina Silva**  
Candidata do PSB

"É um dia muito triste para o Brasil. O governo do PT terminou antes da hora"  
**Aécio Neves**  
Candidato do PSDB

Figura 20 Fac-símile de reportagem de capa de O Globo, em 30/08/2014.





**VEÍCULOS**

**VALE A PENA COMPRAR UM CARRO SE...**

...o preço pedido pelo modelo desejado estiver abaixo do valor de tabela sugerido pelo fabricante, conciliado a boas condições de financiamento

**IMÓVEIS**

**VALE A PENA COMPRAR UM IMÓVEL PARA INVESTIMENTO SE...**

...a demanda for grande, e a oferta, muito limitada, desde que o preço que está sendo pedido não esteja acima da média do mercado para a região

**VALE A PENA COMPRAR UM IMÓVEL PARA MORADIA SE...**

...o valor não comprometer o orçamento; se necessitar de financiamento, vale justificar dinheiro e dar uma entrada maior para escapar dos juros

**e agora, JOSÉ?**

Em momentos de **indefinição** e insegurança, o **risco** se eleva e consultores recomendam **adiar a tomada de decisões**. Há situações, no entanto, em que vale mais a pena **agir**. Veja algumas delas nesta página

**VALE A PENA VENDER UM CARRO SE...**

...o proprietário precisar de capital, pois, com o aquecimento do mercado de veículos usados, alguns modelos têm bom preço de revenda

**VALE A PENA VENDER UM IMÓVEL SE...**

...estiver difícil conseguir um bom aluguel ou um locatário e se, com o dinheiro da venda, encontrar investimentos que rendam mais

**INVESTIMENTOS**

**VALE A PENA INVESTIR EM...**

...títulos indexados à inflação do Tesouro Direto. Mas guardar um dinheiro na poupança pode ser suficiente neste cenário de desaceleração

**CARREIRAS**

**VALE A PENA PEDIR DEMISSÃO SE...**

...for migrar para um setor que não esteja sofrendo com o desempenho da economia

**VALE A PENA DEMITIR SE...**

...for possível manter a produtividade reduzindo a mão de obra

**VALE A PENA EVITAR INVESTIR EM...**

...ativos de renda variável, como a Bolsa. Isso porque muitas empresas com ações listadas na BM&F Bovespa dependem do crescimento econômico

**SAÍDA**

**VALE A PENA CONTRATAR SE...**

...a empresa identificar que existe um nicho de negócio rentável

**VALE A PENA INVESTIR NA EMPRESA SE...**

...forem identificadas áreas que estão tendo uma boa resposta do mercado

**VALE A PENA SACAR INVESTIMENTO SE...**

...tiver dívidas, especialmente para quitar as com juros muito altos. Essa deve ser a prioridade para poder depois voltar a investir

Figura 21 Fac-símile de infográfico publicado em reportagem de Folha de S. Paulo, p. B6, mercado, em 30/08/2014.

## Confirmação de recessão é tema controverso

DO ENVIADO AO RIO

Recessões ocorrem quando, temendo o futuro, empresários cortam investimentos e famílias consomem menos — e o resultado é um empobrecimento geral.

A definição, na teoria, é consensual; na prática, a verificação do fenômeno a partir dos indicadores disponíveis pode ser controversa.

A produção da indústria, as vendas do comércio, os rendimentos dos trabalhadores e as colheitas da agricultura oscilam diariamente, afetados por variáveis tão diferentes quanto as datas comemorativas, o clima e os humores da política.

Mesmo a medição da renda gerada em períodos mais longos — os trimestres são a escolha mais usual — pode gerar distorções.

Desde a década de 1970 se tornou comum a prática de identificar recessões a partir do encolhimento da economia por dois trimestres consecutivos. Mas esse é um cálculo dependente de estimativas e sujeito a imprecisões.

Não há por que considerar uma queda de 0,1%, por exemplo, muito distinta de uma expansão de igual magnitude. Para o IBGE, taxas até 0,5%, positivas ou negativas, indicam estabilidade.

O órgão encarregado de identificar recessões nos Estados Unidos não trabalha com a regra dos dois trimestres. São levados em consideração outros indicadores, entre os quais a alta do desemprego — até aqui, inexistente no Brasil.

(GUSTAVO PATU)



ESTATÍSTICA E ECONOMIA

## **ANALISTAS DIVERGEM SOBRE RECESSÃO**

Economistas se dividem sobre se o termo recessão é adequado na situação atual. Paulo Picchetti, do Ibre/FGV, não considera que há uma recessão clássica, com queda generalizada de produção, demanda, emprego e renda. Os dados do mercado de trabalho, argumenta, estão positivos. Já Andrei Spacov, da Gávea Investimentos, vê uma recessão, ainda que branda. O IBGE, porém, poderá revisar os dados em novembro, quando divulgar o PIB do terceiro trimestre. Analistas acreditam que a queda de 0,2% de janeiro a março poderá ser ajustada e virar um número positivo — nesse caso, o país não teria passado por uma recessão.

Figura 23 Fac-símile de reportagem publicada em O Globo, p. 29, Economia, em 30/08/2014.

#### 4.4. Considerações sobre o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH)

No dia 25 de julho de 2014 os três jornais analisados nesta pesquisa noticiaram a divulgação do Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD).

Geralmente, as redações recebem o relatório da organização embargado e somente podem noticiá-lo depois de determinada data. Da mesma forma, os jornalistas não são permitidos a passar o resultado para nenhuma fonte enquanto não é encerrado o embargo. Com essa logística, há tempo hábil aos jornais para que façam um planejamento das reportagens e, portanto, da profundidade da cobertura sobre o índice.

Entre os três jornais, aquele que deu mais destaque ao índice que mede o desenvolvimento humano foi o jornal O Globo, seguido pelos paulistas O Estado de S. Paulo e, por último, pela Folha de S. Paulo, que apresentou cobertura superficial e enxuta. É importante ressaltar que o assunto foi abordado por cada jornal em editoriais diferentes. O Globo tratou do IDH em seu caderno de “Economia”, O Estado de S. Paulo em “Metrópole” e Folha de S. Paulo em “poder”, de política.

O jornal carioca chamou o assunto em sua capa e utilizou expressões para ressaltar o resultado do país na área de educação. Sob o antetítulo “o passainho do gigante”, o título da chamada diz “País tropeça na educação e avança só uma posição no IDH”. A mesma chamada apresenta o dado de escolaridade média, que foi de 7,2 anos, marcando que o valor é o mesmo dos países Kuwait e Zimbábue. Esse tom figurativo da chamada permanece no título da reportagem de capa do caderno de Economia.

O título da reportagem é “Brasil avança a passos lentos” e o subtítulo é “País sobe um degrau no IDH, para a 79ª posição, mas educação fica estagnada”. É notável o tom de informalidade na escolha dos títulos. O antetítulo das quatro páginas dedicadas ao assunto foi “QUALIDADE DE VIDA”. O que, apenas em certa medida, contradiz o argumento de Oliveira sobre a existência de uma “total despreocupação com a harmonização entre resultados econômicos satisfatórios e qualidade de vida social” (OLIVEIRA, 2007: 5). O jornal justifica o enfoque em educação já no primeiro parágrafo da reportagem de capa do caderno de economia quando diz:

(O Brasil) Foi uma das 18 nações a avançar, registrando melhora em todos os quesitos, exceto educação, mantendo-se, assim, na categoria

de alto desenvolvimento humano com outros emergentes como Rússia, China, Turquia e Uruguai.<sup>55</sup>

Por meio da fala de uma entrevistada, O Globo ofereceu uma explicação para essa não melhora da educação e, no próprio texto produzido pelas repórteres, apresentou uma contextualização ao lembrar outros resultados do país no passado.

— O Brasil avançou nas três áreas que compõem o IDH (saúde, educação e renda), mas isso não apareceu na educação porque as bases de dados ainda não captaram essas mudanças — explica a coordenadora do Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil, Andréa Bolzon.<sup>56</sup>

Nos anos 1980, o país registrou aumento médio de 1,16% por ano, ritmo que caiu para 1,10% na década seguinte. Entre 2000 e 2013, foi de 0,67%. Desde 2008, o Brasil perdeu quatro posições no ranking, enquanto a China, por exemplo, avançou dez.<sup>57</sup>

A mesma reportagem também trouxe visões opostas sobre o futuro do país por meio de professores e pesquisadores. Dois dos entrevistados disseram acreditar em um retrocesso nos ganhos sociais diante de um crescimento menor da economia e dois outros disseram não acreditar nisso. Ao expor esse choque de percepções na reportagem, o jornal praticou a interpretação.

No uso do princípio infográfico, o jornal O Globo apresentou na reportagem de capa do caderno um mapa-múndi colorido pelos critérios do IDH (muito alto, alto, médio e baixo), e gráficos de evolução dos indicadores do Brasil, bem como um ranking entre países específicos. O Estado de S. Paulo apresentou em sua capa do caderno “Metrópole” a lista completa das colocações dos países e também um gráfico do mapa-múndi, o qual mostra as diferenças de IDH e indica que “só dois países da América do Sul têm índice muito elevado: Chile e Argentina” (Figura 25).

O mais interessante, ainda na infografia de O Globo, é a terceira página inteiramente dedicada a um infográfico de tom crítico e interpretativo (Figura 26). A página intitula-se “Um mundo de contrastes” e chama a atenção para o fato de que

---

<sup>55</sup> BECK, Matha; VALENTE, Gabriela, CARNEIRO, Lucianne e SPITZ, Clarice. Brasil avança a passos lentos. O Globo. Rio de Janeiro, Economia, 25 jul. 2014, p. 17.

<sup>56</sup> BECK, Matha; VALENTE, Gabriela, CARNEIRO, Lucianne e SPITZ, Clarice. Brasil avança a passos lentos. O Globo. Rio de Janeiro, Economia, 25 jul. 2014, p. 17.

<sup>57</sup> BECK, Matha; VALENTE, Gabriela, CARNEIRO, Lucianne e SPITZ, Clarice. Brasil avança a passos lentos. O Globo. Rio de Janeiro, Economia, 25 jul. 2014, p. 17.

“apenas 85 pessoas no mundo detêm riqueza igual à dos 3,5 bilhões mais pobres”<sup>58</sup> e, em um movimento contra a propagação do mito do desenvolvimento, informa que “considerando a pobreza não só pela renda, mas por critérios como moradia digna, energia para cozinhar, saúde, educação, entre outros, 1,5 bilhão de pessoas em 99 países vive em situação de pobreza hoje”<sup>59</sup>.

Essa explicação encaixa-se no “conceito de pobreza multidimensional”<sup>60</sup>, ao qual o mesmo jornal também faz referência, em outra reportagem, e esclarece que se trata da inclusão “da qualidade de vida, e não apenas da renda”<sup>61</sup> ao estudo.

O infográfico dessa página também aponta que “o Níger tem 89% de sua população nessas condições”.

A Folha também deu destaque a esse dado da concentração de riqueza entre “as 85 pessoas”. Mesmo com esse destaque, a cobertura do índice por esse jornal paulista foi rasa. Houve infografia, mas sem nenhuma criatividade ou diferencial. Apesar de ter chamado o assunto em sua capa principal, a Folha apresentou o assunto em apenas uma página no caderno de “poder”, que corresponde à editoria de política, e em um espaço de reportagem secundária, entre uma reportagem de topo, sobre outro assunto, e um anúncio de final de página (Figura 27). A reportagem não aprofundou o tema e falou sobre a contradição com os dados do governo brasileiro somente no último parágrafo.

O Estado de S. Paulo, que também noticiou o índice em sua capa, não como manchete, mas como chamada, e dedicou duas páginas ao assunto, concentrou a cobertura nessa contradição. A oposição entre os números anunciados pela ONU e os números defendidos pelo governo brasileiro fizeram parte da “polêmica” explorada com a descrição do que cada uma das partes defende, logo ao lado de um infográfico do IDH.

Já o jornal carioca dedicou uma reportagem de topo da segunda página para falar sobre essa contradição com os dados do governo e contextualizou ao explicar que não é a primeira vez que esse desentendimento entre as avaliações do governo brasileiro e da ONU ocorre.

---

<sup>58</sup> Um mundo de contrastes. O Globo. Rio de Janeiro, 25 jul 2014, Economia, p. 19.

<sup>59</sup> Um mundo de contrastes. O Globo. Rio de Janeiro, 25 jul 2014, Economia, p. 19.

<sup>60</sup> BECK, Martha; VALENTE, Gabriela; CARNEIRO, Lucianne; LINS, Letícia e SPITZ, Clarice. Piketty estava certo: o mundo é desigual. O Globo, Rio de Janeiro, 25 jul 2014, Economia, p.20.

<sup>61</sup> BECK, Martha; VALENTE, Gabriela; CARNEIRO, Lucianne; LINS, Letícia e SPITZ, Clarice. Piketty estava certo: o mundo é desigual. O Globo, Rio de Janeiro, 25 jul 2014, Economia, p.20.

No ano passado, o governo já havia criticado as contas da ONU, apontando que os dados sobre educação eram de 2005. A reação fez com que o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (Pnud), responsável pelo relatório, recalculasse informalmente o IDH do Brasil. Pelas contas da entidade, o índice revisado levaria o país da 85ª para a 69ª colocação no ranking anterior. Este ano o problema se repete.<sup>62</sup>

Na última parte dessa reportagem, foi incluída a opinião do senador do PSDB Aécio Neves, que já estava em campanha, desde junho daquele ano, para as eleições de outubro, na qual concorrera como candidato à Presidência da República. A reportagem reproduziu a opinião do político expressa em nota à imprensa.

PARA AÉCIO, HOUVE AVANÇOS - O candidato a presidente pelo PSDB, senador Aécio Neves (MG), reconheceu que o resultado do IDH confirma os avanços pelos quais o Brasil vem passando nas últimas décadas, mas revela a necessidade de políticas públicas que promovam o desenvolvimento regional, diminuindo a desigualdade entre as regiões do país. Segundo o tucano, hoje poucos estados são responsáveis por elevar o IDH, e as diferenças precisam diminuir também entre cidades, bairros e famílias, por onde a ação governamental precisa começar.<sup>63</sup>

Ainda no final daquela página de O Globo, intitulada “Um mundo de contrastes”, há a exposição, por meio do personalismo, de falas de seis nomes<sup>64</sup> de especialistas e pesquisadores que contribuíram com o relatório do PNUD. Uma fala, mais diretamente, denuncia a lógica neoliberal que propaga o mito do desenvolvimento. Juan Somavia, chileno, ex-diretor geral da Organização Internacional do Trabalho (OIT) diz que:

A expansão do lucro a curto prazo nos mercados financeiros, com uma geração pobre de empregos, desviou recursos de um horizonte a longo prazo de empreendimentos sustentáveis de uma economia real.<sup>65</sup>

---

<sup>62</sup> BECK, Martha e BONFANTI, Cristiane. Governo argumenta que a ONU usou dados defasados no relatório. O Globo. Rio de Janeiro, Economia, 25 jul. 2014, p. 18.

<sup>63</sup> BECK, Martha e BONFANTI, Cristiane. Governo argumenta que a ONU usou dados defasados no relatório. O Globo. Rio de Janeiro, Economia, 25 jul. 2014, p. 18.

<sup>64</sup> Joseph Stiglitz, americano, prêmio Nobel de Economia em 2001; Stephen Hawking, Físico britânico e diretor de pesquisas do Centro para a Cosmologia Teórica; Bill Gates, americano, fundador da Microsoft e filantropo; James Heckman, americano, prêmio Nobel de Economia em 2000; Rajendra Pachauri, indiano, preside o Painel Intergovernamental de Mudanças Climáticas (IPCC, em inglês) e Juan Somavia, chileno, ex-diretor geral da Organização Internacional do Trabalho (OIT).

<sup>65</sup> Um mundo de contrastes. O Globo. Rio de Janeiro, 25 jul 2014, Economia, p. 19.

Durante essa cobertura do IDH, O Globo também praticou o princípio da contextualização quando convidou ao leitor para ler, no site do jornal, uma reportagem histórica que fala sobre a criação do índice e explicou o que mede o índice em um *box* dentro da matéria da segunda página (Figura 28).

O Estadão e O Globo fizeram reportagens apontando que o Relatório de Desenvolvimento Humano da ONU mostrou que, quando consideradas as diferenças não só de renda, como também no acesso à saúde e à educação no mundo, muitos países perdem posições no ranking do IDH, além de terem feito reportagens sobre a discrepância de opiniões de integrantes do Programa das Nações Unidas Para o Desenvolvimento (PNUD) em relação ao programa social Bolsa Família.

A reportagem do alto da segunda página do Estadão leva o título "Desigualdade faria País cair 16 pontos" e o subtítulo "Considerando as diferenças nos indicadores de renda, educação e saúde entre a população, nota do Brasil passaria de 0,744 para 0,562" (Figura29).

Essa reportagem apresenta, por si só, a perspectiva de que as composições de índices podem alterar conclusões sobre as realidades que eles representam. Nessa reportagem é dada atenção ao fato de que o Brasil ainda apresenta um quadro de desigualdade muito forte, que muito provavelmente não será resolvida com o puro crescimento econômico. De certa maneira, ainda que a reportagem não esteja no caderno de economia, é possível dizer que esta, especificamente, contrapõe-se ao mito do desenvolvimento.

Além disso, o texto trata de outros países, que não apenas o Brasil, fazendo ressalvas sobre suas situações sociais e econômicas, ao invés de eleger um como símbolo do desenvolvimento e somente elencar aqueles que se saíram melhor ou pior no resultado do índice.

Ainda no Estadão, foi exposta a explicação sobre a alteração da metodologia do índice na segunda página do caderno (Figura 30).

O Globo também deu essa explicação na reportagem em que trata sobre a estabilidade do índice de educação que afetou o crescimento do IDH brasileiro. O título dessa reportagem é "No Brasil, melhora de vida esbarra na educação" e o subtítulo é "Indicador foi o único que se manteve estável dentro do Índice de Desenvolvimento Humano".

E essa estabilidade nos indicadores de educação ocorreu mesmo com uma mudança de metodologia que beneficiou o Brasil. Os anos de



estudo e os anos esperados de estudo passaram a ter o mesmo peso no IDH. Anteriormente, os anos de estudo tinham mais importância na conta, o que dava uma vantagem comparativa aos países desenvolvidos no ranking e prejudicava os emergentes. Mudanças de metodologia no cálculo do indicador ocorrem praticamente todos os anos.<sup>66</sup>

Outra característica importante das coberturas de O Globo e O Estado de S. Paulo é que ambos trouxeram para suas reportagens a presença de personagens, portanto eles levaram em consideração o princípio da proximidade.

No Estadão, apareceram as falas de três personagens mulheres que voltaram a estudar depois de muitos anos longe das salas de aulas. A pintora Djanira Trotavio, a auxiliar de limpeza Maria Elice Marques (Figura 31) e a dona de casa Terezinha de Oliveira.

Em O Globo, apareceram as falas de Rafaela Santos da Conceição, mãe de três filhos e que recebe o auxílio do Bolsa Família, a vendedora autônoma Maria Renata dos Anos, a cozinheira industrial Célia Anísia dos Santos, que começara um curso de alfabetização e Edson Vale, jovem que voltara ao ensino fundamental depois de três anos sem estudar (Figura 32).

Tendo feito essa análise do IDH, é possível traçar comparações entre a cobertura do índice humano e do índice econômico. A principal delas é a falta de coesão e decisão entre os jornais sobre em que âmbito se trata esse índice humano. É possível depreender dessa característica que entre os jornais pode não existir um senso de competitividade sobre qual informa melhor essa informação, o IDH. Com o PIB, ao contrário, é possível ver que as semelhanças entre as coberturas, demonstra as intenções dos jornais de não “deixarem a desejar” perante o outro concorrente. Também a profundidade que se trabalha o assunto não é igual em todos os jornais, basta notar que ele não ocupa manchetes nas capas dos jornais como os índices econômicos ocuparam nas análises anteriores.

---

<sup>66</sup> No Brasil, melhora de vida esbarra na educação. O Globo, Rio de Janeiro, 25 jul 2014, Economia, p.20.

## A POLÊMICA

### ● Esperança de vida

O que diz o Brasil: Os dados usados são antigos, de 2010. O que diz o Pnud: Foram utilizados dados da Divisão de População das Nações Unidas disponíveis em 15 de novembro de 2013.

### ● Média de anos de estudo

Brasil: Dados foram atualizados em junho e mostram que a média nacional é de 7,6 anos. Pnud: foram usados dados do mesmo estudo, mas divulgados em novembro de 2013. Para demais países, a base de informações foi a mesma.

### ● Escolaridade esperada

Brasil: Não foram levadas em consideração crianças na escola a partir dos 5 anos e estudantes com mais de 40 na universidade. Pnud: O relatório usa a metodologia da Unesco, que considera a população acima de 6 anos. A metodologia é válida para todos os países analisados.

## RETRATO SOCIAL DO MUNDO

● Só dois países da América do Sul têm índice muito elevado: Chile e Argentina

■ IDH MUITO ELEVADO ■ IDH ELEVADO ■ IDH MÉDIO ■ IDH BAIXO ■ NÃO HÁ DADOS

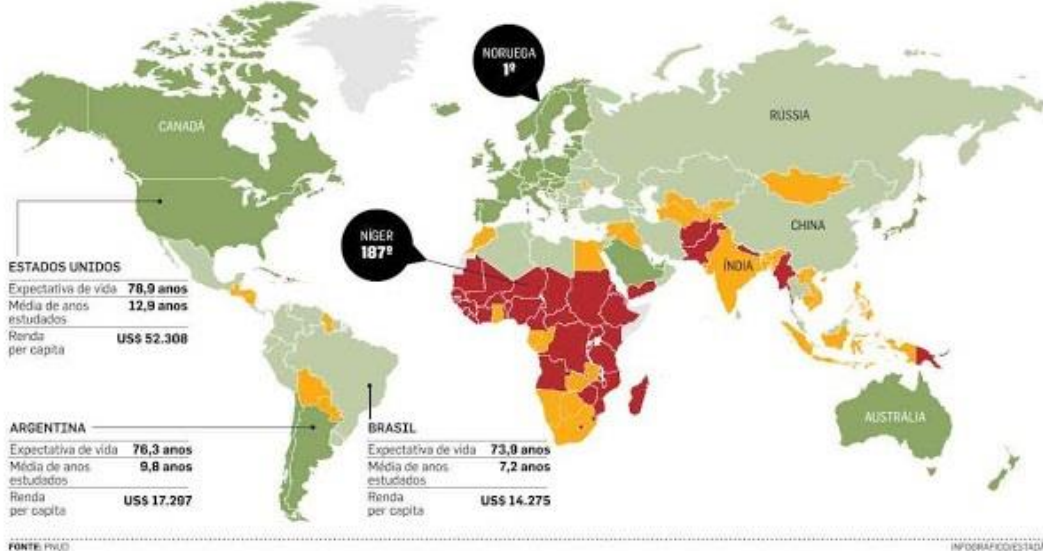


Figura 24 Fac-símile de infográfico publicado em reportagem de O Estado de S. Paulo, p. A14, MetrÓpole, 25/07/2014



**PANORAMA DO DESENVOLVIMENTO HUMANO**  
Brasil está na 79ª posição no ranking global (estava anteriormente no 80º lugar)

EXPECTATIVA DE VIDA Ao nascer, em anos	ESCOLARIDADE* Média, em anos	RENDA PER CAPITA** Em dólares
73,9	7,2	14.275

**OS CINCO PRIMEIROS E O BRASIL**

1º	Noruega	0,944
2º	Austrália	0,933
3º	Suíça	0,917
4º	Holanda	0,915
5º	Estados Unidos	0,914
79º	BRASIL	0,744

**DESENVOLVIMENTO HUMANO NOS BRICS**

57º	Rússia	0,778
79º	BRASIL	0,744
91º	China	0,719
118º	África do Sul	0,658
135º	Índia	0,586

\* Considerando a população acima de 25 anos \*\* Em paridade do poder de compra

## IDH do Brasil melhora, mas governo reclama

Ministros argumentam que, com dados mais recentes, indicador do país seria melhor

FLÁVIA FOREQUE  
DE BRASÍLIA

Os indicadores de saúde, educação e renda do Brasil têm melhorado nos últimos anos, mas em ritmo menor do que o registrado em outros países emergentes.

É o que mostra o IDH (Índice de Desenvolvimento Humano) 2013, divulgado nesta quinta (24) pela ONU. No relatório, o Brasil ocupa o 79º lugar, em lista com 187 países.

Entre 2012 e 2013, o país subiu uma posição no ranking, passando a ter IDH de 0,744 — o que representa avanço de 0,27% em comparação com o indicador anterior (0,742).

Quanto mais próximo de 1, maior o desenvolvimento.

Entre os Brics (bloco formado por Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul), só a Rússia cresceu em ritmo menor que o Brasil (0,13%).

Entre os vizinhos, o desempenho nacional foi superior apenas ao de Argentina (0,25%) e Venezuela (0,13%). O topo da lista é ocupado pela Noruega (0,944); em último lugar está o Níger (0,337).

“O Brasil só não está muito melhor porque, embora tenha feito muitas coisas nos últimos anos, o passivo histórico do país é enorme”, disse Jorge Chediek, representante do Pnud (Programa das

Nações Unidas para o Desenvolvimento) no Brasil.

O país é um dos destaques do relatório, que enaltece o Bolsa Família e a lei de cotas nas instituições federais.

Para 2013, o IDH brasileiro levou em conta expectativa de vida de 73,9 anos, 15,2 anos esperados de escolaridade, 7,2 anos médios de estudo (para a população acima de 25 anos) e renda per capita de US\$ 14.275, ajustados pelo poder de compra.

Esse dados, porém, foram criticados pelo governo federal. Ministros argumentam que, se fossem usadas informações mais recentes, o país teria um indicador melhor.

▶ **RELATÓRIO**

### 85 PESSOAS TÊM A RIQUEZA DE 3,5 BI SOMADOS

A desigualdade na distribuição de renda nos países em desenvolvimento também se sobrepõe às diferenças de acesso à educação e saúde. Segundo o Pnud, a desigualdade na distribuição de renda cresceu 11% entre 1990 e 2010: as 85 pessoas mais ricas do mundo detêm a mesma riqueza dos 3,5 bilhões de cidadãos mais pobres.

Figura 26 Fac-símile de reportagem publicada em Folha de S. Paulo, poder, p.A9, em 25/07/2014



## O QUE MEDE O IDH

---

**ÍNDICE:** Criado pelos economistas Mahbud ul Hag e Amartya Sen, o IDH tem por objetivo medir a qualidade de vida para além da renda. Leva em conta também indicadores de saúde e educação. Varia de zero a 1. Quanto mais próximo de 1, melhor o IDH.

---

**RENDA:** O IDH usa o critério de renda nacional bruta per capita e ajusta esse valor para o custo de vida de cada país.

---

**EDUCAÇÃO:** É medida com base em duas estatísticas: a escolaridade média da população e a expectativa de escolaridade, que é uma projeção de quantos anos de estudo terão as crianças que estão hoje na escola.

---

**SAÚDE:** É usada a expectativa de vida da população.



NA WEB

ACERVO O GLOBO

<http://glo.bo/1AdAJEC>

Com chancela de Nobel,

IDH é criado em 1990 para medir o desenvolvimento dos países

Figura 27 Fac-símile de infográfico publicado em reportagem de O Globo, p. 18, Economia, 25/07/2014.

# Desigualdade faria País cair 16 posições

Considerando as diferenças nos indicadores de renda, educação e saúde entre a população, nota do Brasil passaria de 0,744 para 0,562

Lígia Formenti  
Lconencio Nossa / BRASÍLIA

O Brasil perderia 16 posições na classificação do Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) se fossem consideradas as desigualdades no País. A nota alcançada neste último relatório de 0,744 cairia para 0,542 – uma média menor do que a apresentada, por exemplo, pela Ucrânia (0,667) e pelo Peru (0,562).

O ajuste pela desigualdade é feito por um indicador criado pelo Pnud em 2010, o IDHD. Essa análise considera, além da média de desenvolvimento, as diferenças nos indicadores de renda, educação e saúde entre a

população. Quanto maior a desigualdade, maior o desconto.

O fator que mais contribui para a queda do Brasil no ranking do IDHD é a renda da população. O desconto da nota brasileira é de 39,7% nesse quesito. Em segundo lugar vem o índice de educação, com perda de 2,47%. A menor desigualdade é registrada na área de saúde. Nesse item, a perda provocada no ajuste é de 14,5%.

Assim como ocorreu em anos anteriores, chama a atenção o percentual da perda na nota da renda. Entre os países do bloco de desenvolvimento alto, o Brasil é o terceiro em desigualdade nesta área. O desconto aplicado ao País nesse quesito do IDHD

só é menor que o do Irã (que teve sua nota reduzida em 46,6%) e da Colômbia (com desconto de 41,5%).

O padrão é observado em todo o bloco de países de desenvolvimento humano muito elevado e de desenvolvimento humano elevado; conjuntamente, a renda é o principal fator de desigualdade, seguido por educação e, por último, a saúde. Com algumas exceções. A Coreia, de desenvolvimento humano muito elevado, apresenta maior desigualdade na área de educação. A diferença de acesso aos serviços nessa área provocou um desconto de 28,1% da nota geral do país. A renda vem em segundo lugar, com desconta-

to de 18,4%. O mesmo acontece com o Japão, que tem na educação o maior desconto, de 19,8%.

**Rússia.** Integrante com o Brasil dos Brics, a Rússia, também classificada como país de alto desenvolvimento humano, teria um aumento de 3 posições, caso as diferenças fossem avaliadas. O país, que alcançou no IDH a nota 0,778, recebeu no IDH-D a nota 0,685. O maior desconto foi no quesito renda. A nota, nessa área, foi reduzida em 22,9%. Em seguida vem a expectativa de vida. As diferenças apresentadas levaram o país a ter um desconto de 9,8% na sua nota. Por último, vem educação, com desconto de 2,1%.

## Pobreza ameaça 2,2 bilhões de pessoas no mundo

● Mais de 2,2 bilhões de pessoas no mundo são pobres ou estão à beira da pobreza, segundo o relatório das Nações Unidas. Conforme os dados de renda, 1,2 bilhão de pessoas vive com US\$ 1,25 ou menos por dia. As estimativas mais recentes do Índice de Pobreza Multidimensional (IPM) do Pnud ainda revelam que quase 1,5 bilhão de pessoas em 91 países em desenvolvimento estão vivendo na pobreza, com

a sobreposição de privações em saúde, educação e padrão de vida. Embora a pobreza geral diminua, quase 800 milhões de pessoas estão sob o risco de voltar à pobreza, caso ocorram contratempos.

O informe anual divulgado em Tóquio ainda alerta que "vulnerabilidades" como conflitos, aumento dos preços dos alimentos e mudanças climáticas se tornarão persistentes e ameaçam o desenvolvimento humano. Para Helen Clark, administradora do Pnud, é preciso agora "sustentar o progresso humano, reduzir vulnerabilidades e construir resiliência". / COM AFP

**23** posições perderiam os **EUA**, considerando desigualdade. O **desconto** da nota seria de 35,6% pelas **diferenças de renda**. Em educação seria de 6,7% e em **expectativa de vida**, de 6,2%

FONTE: IDH

Figura 28 Fac-símile de reportagem publicada em O Estado de S. Paulo, p. A15, **Metrópole**, 25/07/2014.

## PARA ENTENDER

### Metodologia foi alterada

O Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) da Organização das Nações Unidas é calculado a partir da avaliação de três indicadores: saúde, educação e renda. A nota mínima é 0 e a máxima, 1.

Na educação, são avaliados dois aspectos: a média de anos de estudo da população adulta e os anos esperados de escolaridade – uma espécie de expectativa de vida escolar. Até o ano passado, essas duas variantes tinham peso diferentes. Agora, o peso é equivalente. A alteração é uma antiga reivindicação de países, sobretudo o Brasil, que reclamavam que a média de anos de estudo da população adulta estampava condições ofertadas para alunos no passado e não condições atuais. Além da mudança no cálculo dos educação, o IDH deste ano fixou um piso e um teto para cada um dos quesitos.

Figura 29 Fac-símile de reportagem publicada em O Estado de S. Paulo, p. A15, Metrópole, 25/07/2014.



**Retorno.** Maria Elice Marques parou de estudar na 4ª série, mas há seis anos voltou aos bancos escolares: 'Pretendo fazer outros cursos e até faculdade'

**Figura 30** Fac-símile de fotografia publicada em reportagem de O Estado de S. Paulo, p. A15, MetrÓpole, 25/07/2014.





**Retorno.** Depois de 3 anos fora da escola, Edson agora pretende terminar o ensino fundamental



**Consumo.** Maria Renata dos Santos diz que vizinhos recorrem ao parcelamento para não deixar de comprar



**Bolsa Família.** Única renda fixa na família de Rafaela

**Figura 31** Fac-símile de fotografias publicadas em reportagens de O Globo, p. 20, Economia, 25/07/2014.

## 5. Conclusão

Para acontecer a propagação de qualquer conceito ou ideia não de existir métodos de sustentação para isso. No caso da perpetuação do mito do desenvolvimento, a forma de noticiar a divulgação do índice do Produto Interno Bruto demonstrou que segue um método amplo e comum aos três jornais analisados na pesquisa.

A “descoberta” da estrutura de base, já descrita na análise das reportagens, demonstrou como existem espaços preconcebidos a serem preenchidos com o que, de certa forma, sempre se espera repercutir da notícia, do ponto de vista da produção jornalística. Ao longo das observações sobre as reportagens, algumas tentativas de quebra ou de fuga desse método foram pontualmente perceptíveis, principalmente na utilização de personagens e de infográficos. Aqueles mais esparsos e esses mais frequentes e eficientes. De todo modo, nenhum dos três jornais apresentou uma estruturação de notícias inovadora ou surpreendente, que rompesse com a sustentação propagadora do mito neoliberal na divulgação do PIB.

Por outro lado, tão pouco foi possível constatar uma estrutura uniforme de divulgação do Índice do Desenvolvimento Humano, inclusive porque os três jornais já partem de definição diferentes sobre o caráter do dado, uma vez que o divulgaram em diferentes editoriais e com diferentes profundidades. Dessa maneira, percebeu-se que há uma estrutura consolidada para noticiar o PIB, que representa somente o crescimento econômico, mas ainda é pouco estabelecida a forma como o índice humano, com abrangência maior de dimensões para avaliação de qualidade de vida, é noticiado.

Ainda que os índices apresentem periodicidades de divulgação diferentes e a maior frequência do PIB possa servir de argumento para influenciar a cobertura jornalística mais privilegiada desse índice, seria possível refutar esse pensamento pela restrição periódica do IDH que pode proporcionar ainda mais espaço para o planejamento, para a compreensão e, portanto, para ser noticiado com tanta atenção quanto o índice econômico.

Adicionalmente ao método de sustentação da ideologia, que foi sendo definida, de forma mais marcante, desde a polarização radicalizada da ditadura, o jornalismo econômico pode servir como base de propagação de estereótipos e de preconceitos contra ele próprio, características que foram expostas nessa pesquisa como o mito da “chatice”. É provado que o jornalismo econômico, por meio da linguagem, pode repelir ou aproximar os leitores da temática. Nesse sentido e dentro desse trabalho, os três

jornais, uns mais que outros, demonstraram estar em sintonia com o enfrentamento dessa propagação negativa e exibiram quebras da perpetuação da linguagem hermética.

Quando incluíram interpretações, os jornais praticaram o exercício de tornar a notícia como parte de um processo econômico maior e analisar os decorrentes processos sociais e políticos. Em contrapartida, essas interpretações, que buscam quebrar a perpetuação do desentendimento linguístico do assunto, por vezes, geraram a propagação do mito do desenvolvimento, porque enviesaram as explicações. Dessa forma, ficou constatada a complexidade entre vencer um mito e combater o outro. É possível depreender disso que o esclarecimento da economia pode, eventualmente, expor as contradições do sistema econômico atual, sendo, portanto, desinteressante promover explicações sobre a quem interessa a sua perpetuação. De todo o modo, os três jornais não demonstraram completo desinteresse pelo leitor leigo, uma vez que explicaram, dentro da lógica corrente, a dinâmica econômica; não obstante o jornal O Estado de S. Paulo ter apresentado mais prioridade ao leitor especializado, visto que utilizou termos econômicos sem explicações. Dessa forma, é possível afirmar que O Globo e Folha de S. Paulo compartilham da clareza necessária para pessoas que tenham interesse em começar a entender sobre o assunto econômico.

A infografia serviu como um critério útil para todos os jornais. A Folha de S. Paulo permitiu quebrar o “mito da chatice” ao trazer um conteúdo cromaticamente rico e diferente, apesar de os infográficos de O Globo e O Estado de S. Paulo não terem tido menos méritos porque não apresentaram a mesma desenvoltura criativa. Todos os três jornais utilizaram o princípio da infografia como prioridade das coberturas, mas dentro de seus estilos gráficos. Dessa forma, O Globo e O Estado de S. Paulo seguiram a recomendação exposta no capítulo teórico de que a simplicidade é aliada da compreensão.

A análise da efetividade de cada uma dessas opções por apresentação infográfica (menos ou mais convencional) caberia a uma pesquisa mais aprofundada no assunto. Isso porque a infografia, principalmente com os novos recursos tecnológicos e com a base auxiliar cada vez mais crucial dos sites desses jornais, tem o desafio próprio de encontrar-se em meio aos questionamentos levantados nessa pesquisa.

No geral, nesta pesquisa, foi notável a preocupação que os jornais tiveram de seguir uma tendência de ruptura com a descrição monótona de números. A única ressalva encontrou-se em situações em que o jornal O Globo optou por fazer essa descrição mais detalhada ainda que com o uso dos infográficos ao lado do bloco textual.

Essa questão de escrever por extenso dados que podem ser inferidos de imagens (infográficos) é mais um desafio do jornalismo econômico. Isso porque a necessidade de escrever aquilo que é constatado “imageticamente” foi diferente nos jornais.

As interpretações em formas textuais apresentaram-se de formas distintas em cada jornal. A Folha de S. Paulo demonstrou o hábito de incluir explicações e interpretações no corpo do texto escrito pelos repórteres e, por diversas vezes, apresentou, também, aspectos de informalidade vocabular. Entre os três, foi esse jornal que mais externou esses detalhes, seguido pelo O Globo e tendo O Estado de S. Paulo como menos informal do ponto da análise vocabular. Nele, inclusive, alguns termos mais complexos não são esclarecidos. De toda forma, não é possível afirmar que o jornal não tenha contribuído com explicações ao leitor. A característica marcante de O Estado de S. Paulo é a constância de explicações econômica advindas das falas de entrevistados, não dos textos dos repórteres, ao contrário do que é mais comum na Folha de S. Paulo e mais equilibrado no jornal carioca. A maneira mais legítima de se utilizar uma explicação cabe à editoria do próprio jornal, na medida em que essa pode acreditar que é sua função explicar a economia ou pode acreditar que é sua função dar voz àqueles que a explicam, mas, de todas as formas, explicando-a. Nessa constatação, todos os três jornais analisados, com suas singularidades e suas profundidades, explicaram a economia priorizando mais ou menos o leitor leigo em detrimento do leitor especializado.

No capítulo teórico desta pesquisa, falou-se sobre como o jornalismo econômico tem múltiplos vínculos com o mercado. Esses ficaram nítidos na prioridade das coberturas, em muitas vezes, noticiar os impactos dos índices ao mercado em detrimento dos impactos à população em geral. Isso pôde ser comprovado pela pouca presença do princípio da proximidade pelo uso de personagem. Nas quatro coberturas analisadas nesta pesquisa (PIB positivo, PIB negativo, Recessão Técnica e IDH), apareceram apenas oito personagens no total, sendo sete deles nas reportagens sobre IDH, um em PIB, em O Globo, e nenhum no jornal Folha de S. Paulo, nas quatro circunstâncias. Outra marca de que ainda prevalece a relevância da notícia para os mercados mais do que para a população é o fato de não haver na estrutura de base das coberturas do índice do PIB um quinto aspecto como “o que a população tem a dizer sobre isso?” ou “no que isso afeta a população?”.

Após a análise dessas coberturas, foi possível concluir que a produção jornalística na área econômica é um exercício não somente das forças econômicas dominantes, como exposto na teorização do trabalho, mas também das forças políticas.

A partir da presença de opiniões políticas nas reportagens, pode-se depreender que há uma inversão (ou até mesmo uma convergência) histórica do jornalismo econômico, que antes figurava, secundariamente, nas páginas de política dos jornais. Atualmente, os políticos passam a ocupar as páginas de economia com mais frequência. Essa marca é prova da importância que o jornalismo econômico vem consolidando, como parte fundamental do noticiário geral para o país. O amadurecimento do jornalismo econômico tem como consequência o amadurecimento do jornalismo brasileiro como um todo, já que esse passa a promover as permeações entre os temas como forma de enriquecimento da notícia. Esse aspecto ficou bastante evidente na cobertura sobre a Recessão Técnica, que ocorreu em pleno período de campanhas eleitorais.

Ao contrário dessa importância do jornalismo econômico que foi aumentando ao longo do processo de amadurecimento histórico da área, o mesmo parece não ter acontecido com a pluralidade de vozes que são expostas nas reportagens. Nesta pesquisa, ficou provada uma falta de pluralidade das fontes consultadas e que aparecem nos textos, uma vez que foi constatada uma grande repetição de nomes de especialistas dentro dos próprios jornais e também entre eles. Essa característica muito provavelmente contribuiu para movimentos de reforço e de perpetuação de ideias, ao invés de movimentos de reflexões.

A displicência com o trato de problemas estruturais e crônicos do país, também apontada no capítulo teórico dessa pesquisa, foi constatada, por vezes, em algumas dessas coberturas jornalísticas analisadas. Enquanto nas reportagens do PIB, é evidente a priorização do índice em si, e, portanto, a consequente desumanização dos impactos nesses problemas estruturais do país, na cobertura do IDH é possível ver mais abrangência, inclusive por causa da composição do índice. De qualquer maneira, o jornal Folha de S. Paulo, com a cobertura diminuta do índice humano, em seu caderno de política, demonstrou mais displicência, nesse sentido, em ambas as coberturas. O Globo apesar de ter apresentado menos espaço físico em suas páginas para a cobertura do PIB, foi o que dedicou maior espaço, no mesmo caderno de economia, para a cobertura de IDH. Essas diferenças de coberturas entre o índice do PIB e o índice do

IDH demonstram como aquele permanece o mais importante, ainda que existam dados mais fiéis disponíveis para serem noticiados.

Uma explicação para essa predominância e preferência seria a comprovação da hipótese de que, hodiernamente, os jornais têm sido altamente influenciados por agências de notícias e que por isso têm enquadrado em suas estruturas de reportagem os receptores preferenciais. De fato, isso é mais perceptível na cobertura do jornal O Estado de S. Paulo. Em contrapartida, tanto em O Estado de S. Paulo como em O Globo, e em menos intensidade na Folha de S. Paulo, há repetição profusa de fontes dentro dos próprios jornais e que coincidem entre si. Essa característica aponta para uma falta de renovação de fontes no meio jornalístico econômico em geral. Além disso, a reutilização constante das mesmas fontes pelos jornais e seus concorrentes é característica fortalecedora de qualquer propagação de ideologias que se pretenda. A falta de diferenciação nas vozes acarreta perda de pluralidade para a informação do leitor.

As escolhas pelas manchetes no dia da cobertura da Recessão Técnica também marcaram diferenças de posicionamento e de imparcialidade entre os jornais. Ficou evidente a dessemelhança entre os que optaram por “cravar” um cenário de recessão e aqueles que ressaltaram com mais preponderância a ambiguidade do contexto de regresso econômico. Na manchete de capa, o jornal a Folha de S. Paulo foi o único que expôs mais nitidamente essa ambiguidade por meio da frase “em sinal de recessão”. O Estado de S. Paulo optou por “entra em recessão”, mas utilizou o termo “técnica” na manchete. O Globo, por sua vez, não utilizou nenhum dos meios e sentenciou “Brasil enfrenta recessão”.

Haja vista todas essas percepções que podem auxiliar o aperfeiçoamento do jornalismo econômico, essa pesquisa também contribui fundamentalmente para o meio acadêmico do ensino de jornalismo. Conforme foi exposto ao longo da descrição do princípio da clareza nas reportagens econômicas, é necessário que o jornalista dessa área domine o assunto com que lida e busque, constantemente, ampliar seus conhecimentos.

Para que esta proposta surta os efeitos positivos desejados, duas premissas devem ser colocadas em prática: o jornalismo econômico e a economia requerem mais atenção nas aulas de jornalismo e os alunos precisam dar uma oportunidade para romper a barreira do desinteresse pela economia, que é fortificada, por vezes, pelo medo, pela preguiça, pelo desconhecimento. É muito provável que essas duas premissas quando

transformadas em ações sejam mutuamente movimentadas e codependentes no avanço do jornalismo econômico.

Do contrário, ele permanecerá sendo propagado sem alcançar seu potencial completo para gerar esclarecimentos e romper com ideologias redutoras da realidade humana brasileira e mundial. Também o mito da “chatice” permanecerá, já que não somente os leitores leigos repelirão as questões, como os próprios jornalistas, por não compreenderem ou por não demonstrarem interesse devido à falta de ensino e compromisso com a prática jornalística.

## 6. Referências Bibliográficas

BASILE, Sidnei. “Elementos de Jornalismo econômico”. Rio de Janeiro: Negócio Editora, 2002.

CALDAS, Suely. “Jornalismo econômico”. 3ª Edição. São Paulo: Editora Contexto, 2003.

CARVALHO, Kátia de. “Imprensa e informação no Brasil, século XIX”. *Ciência da Informação* - Vol 25, n. 3, 1996. <<http://dici.ibict.br/archive/00000179/01/Ci%5B1%5D.Inf-2004-510.pdf> > Data de acesso: 17/08/2014.

CASADO, José. (data origina). “O livro dos segredos”. *O Globo*, Rio de Janeiro, Caderno de Opinião, p. 17, 11/03/2014 <<http://oglobo.globo.com/opinia/o-livro-dos-segredos-11841206>> Data de acesso: 11/03/2014.

CAVALCANTI, Clóvis. “Meio ambiente, Celso Furtado e o Desenvolvimento como Falácia”. *Ambiente & Sociedade*, vol. V, nº2, 2/08 *Ambiente & Sociedade* - Vol. V - no 2 - ago./dez. 2002 - Vol. VI - no 1 - jan./jul. 2003

CECILIO, Evane; PEGORARO, Everly. “A infografia no jornalismo impresso: além da simples complementação, um novo modo de se fazer jornalismo”. Universidade Estadual do Centro-Oeste/Paraná. VIII Encontro Nacional de História da Mídia Unicentro, Guarapuava-PR - 28 a 30 de Abril de 2011.

CIRNE, Livia. “Novas imagens tecnológicas: a infografia no jornalismo”. 2010. <http://www.cchla.ufpb.br/ppgc/smartgc/uploads/arquivos/8c9993063620101112101044.pdf> Data de acesso: 21/07/2014.

CORDOVIL, Cláudio. "O mau uso dos infográficos (no jornalismo científico)". Sem data. Disponível em: <http://novaciencia.tumblr.com/post/17483635270/o-mau-uso-dos-infograficos-no-jornalismo-cientifico> Data de acesso: 21/07/2014.

CORRÊA, Fabíola; CLAUDINO, Lorena; COSTA, Suanny. “História do Jornalismo no Brasil e no Pará, da Colônia à República Velha”. Universidade Federal do Pará. VI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação da Região Norte. 20 a 22 de junho de 2007. Belém, Pará.

CORREIA, Cynthia Maria Barreto. “As vozes no Jornalismo Econômico: um estudo preliminar das fontes em portais de notícias”. I Encontro de História da Mídia da Região Norte. Alcar – Associação Brasileira de Pesquisadores de História da Mídia. Universidade Federal do Tocantins, Palmas: outubro de 2010.

FURTADO, Celso. “Formação Econômica do Brasil”. 34ª Edição. São Paulo: Companhia das Letras, 1958.

FURTADO, Celso. “O Mito do Desenvolvimento Econômico”. 3ª Edição. Paz e Terra, 1974.



JACOBINI, Maira Lucia de Paiva. “Uma discussão sobre o tema do desenvolvimento socioeconômico - Economia além do Jornalismo Econômico nas revistas Carta Capital e Veja”. II Seminário Lecotec de Comunicação e Ciência. Bauru, São Paulo. 09 a 11 de Novembro de 2009.

KUCINSKI, Bernardo. “Jornalismo Econômico”. 3ª Edição. São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 2007.

KUNTZ, Rolf. “Um balanço cricri do jornalismo econômico”. Dez 2005. <<http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/um-balanco-cricri-do-jornalismo-economico>>Data de aceso: 05/03/2014.

LANZARINI, Juliana Maria. “Para que serve, afinal, o Jornalismo Econômico? Hipóteses para explicar e superar a incomunicabilidade da economia.” 76 f. Monografia (Graduação em Jornalismo) - Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, Escola de Comunicação - ECO, 2006.

LENE, Hérica. “O jornalismo econômico ontem e hoje: resgate histórico de sua expansão no Brasil”. II Encontro Nacional da Rede Alfredo de Carvalho. Florianópolis, de 15 a 17 de abril de 2004.

MAURÍCIO, Patrícia. “O personagem econômico: um contraponto emocional à linguagem racional do jornalismo”. Revista ALCEU, v.4, n.7, p. 99 a 114. Jul./dez. 2003.

MELO, Vico Dênis Sousa de. “O Mito do Crescimento Econômico Infinito e os Seus Descontentes: as contribuições teóricas e descoloniais do Sul.” Doutorado em Pós-Colonialismos e Cidadania Global. Centro de Estudos Sociais/ Faculdade de Economia Universidade de Coimbra. 2012.

OLIVEIRA, Edenis César de. “Crescimento e Desenvolvimento Econômico: A Sustentabilidade como Modelo Alternativo”. 05 jul 2007 <[http://www.funge.com.br/upload\\_trabalhos/13\\_artigoiiforumambiental.pdf](http://www.funge.com.br/upload_trabalhos/13_artigoiiforumambiental.pdf)> Data de acesso: 05/10/2014.

OLIVEIRA, Gilson Batista de. “Uma discussão sobre o conceito de desenvolvimento”. Revista FAE, Curitiba, v.5, n.2, p.37-48, maio/ago. 2002.

PEREIRA, Merval. “Os números enganam”. O Globo, Blog Merval Pereira, uma análise multímedia dos fatos mais importantes do dia, março de 2012. <<http://oglobo.globo.com/blogs/blogdomerval/posts/2012/03/07/os-numeros-enganam-435009.asp>>. Data de acesso: 05/10/2014.

PERUYERA, Matias Sebastião; LOPES e Gustavo Guilherme da Matta Caetano. “Visualizações de Dados na Infografia Jornalística e seu uso na Copa do Mundo pela Gazeta do Povo”. Faculdade Internacional de Curitiba.XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. 2 a 6 de set 2010. Caxias do Sul, Rio Grande do Sul. Data de acesso: 29/10/2014  
[http://www.academia.edu/6530704/Visualiza%C3%A7%C3%B5es\\_de\\_Dados\\_na\\_Infografia\\_Jornal%C3%ADstica\\_e\\_seu\\_uso\\_na\\_Copa\\_do\\_Mundo\\_pela\\_Gazeta\\_do\\_Povo](http://www.academia.edu/6530704/Visualiza%C3%A7%C3%B5es_de_Dados_na_Infografia_Jornal%C3%ADstica_e_seu_uso_na_Copa_do_Mundo_pela_Gazeta_do_Povo)

PULITI, Paula. “História do jornalismo econômico no Brasil: do café ao tempo real”. Revista Líbero. São Paulo. v. 16, n. 31, p. 41-50, jan./jun. de 2013.

RABELO, Ricardo Fonseca. “Mundialização, Neoliberalismo e Discurso Jornalístico: uma análise do jornalismo econômico.” 230 f. Tese (Doutorado em Comunicação Social) - Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, Escola de Comunicação - ECO, 2002.

TARAPANOFF, Fabíola; SOUZA, Henrique Pavan Beiro de. “Jornalismo econômico em revista: Uma análise do discurso e da ideologia presentes nas publicações semanais Veja e Época”. Conventit Internacional. CEMOrOc-Feusp / IJI - Univ. do Porto / FIAMFAAM – Comunicação Social. 13 set 2013.

#### Referências Hemerográficas:

##### Estado de S. Paulo:

DE CHIARA, Márcia. Café, laranja e mandioca explicam o tombo do desempenho agrícola. O Estado de S. Paulo, São Paulo, 04 dez. 2013, Economia & Negócios, p.B5.

NEDER, Vinicius. Puxado por investimento e indústria, PIB supera estimativas e cresce 1,5%, O Estado de São Paulo, São Paulo, 31 ago. 2013, Economia & Negócios, B1.

NEDER, Vinicius; AMORIM, Daniela; TOMAZELLI, Idiana; SALLOWICZ, Mariana; DÉCIMO, Tiago; LEOPOLDO, Ricardo e DE ASSIS, Francisco Carlos. Investimento e indústria afundam e Brasil entra em recessão. O Estado de S. Paulo, São Paulo, Economia & Negócios, 30 ago 2014, p.B1.

PITA, Antonio; BULLA, Beatriz e LEOPOLDO, Ricardo. Brasil tem um dos piores resultados. O Estado de S. Paulo. São Paulo, 4 dez 2013, Economia & Negócios, p.B5.

PORTO, Gustavo e LEOPOLDO, Ricardo. Para Arida, economia está sobreaquecida. O Estado de S. Paulo, São Paulo, 31 ago. 2013, Economia & Negócios, p.B4.

Recessão e incompetência. O Estado de S. Paulo, São Paulo, Notas e Informações, 30 ago. 2014, p. A3.

ROSA, Vera e FERNANDES, Adriana. Dilma cobra de Mantega explicação sobre erro. O Estado de S. Paulo, São Paulo, 04 dez. 2013, Economia & Negócios, p.B7.

##### Folha de S. Paulo:

Avanço do Brasil é destaque em meio à desaceleração de emergentes. Folha de S. Paulo, São Paulo, 31 ago. 2013, mercado<sup>1</sup>, p.B4.

CARNEIRO, Mariana e SCJARRETTA, Toni. Crescimento de 2014 é colocado em xeque. Folha de S. Paulo. São Paulo, 4 dez 2013, mercado p. B5.

Contração destoa do ritmo das grandes economias mundiais. Folha de S. Paulo, São Paulo, 4 dez 2013, mercado, p.B4.

CRUZ, Valdo; NERY, Natuza e D'AMORIM, Sheila. Governo assume culpa e teme dólar em 2014. Folha de S. Paulo, São Paulo, 4 dez 2013, mercado, p. B3.

Mantega diz que pior já passou e credita PIB a desonerações. Folha de S. Paulo, São Paulo, 31 de agosto de 2013, mercado<sup>1</sup>, p.B3.

NERY, Natuza. Presidente divulgou como oficial uma estimativa. Folha de S. Paulo, 4 dez 2013, mercado, p. B4.

PATO, Gustavo. Confirmação de recessão é tema controverso, Folha de S. Paulo, São Paulo, mercado<sup>1</sup>, Saiba Mais, p.B2.

PATU, Gustavo e SOARES, Pedro. PIB surpreende e cresce 1,5% no 2º tri. Folha de São Paulo, São Paulo, 31 ago. 2013, mercado<sup>1</sup>, B1.

PATU, Gustavo; SOARES, Pedro e VETTORAZZO, Lucas. Economia do país encolhe 0,6% no 2º trimestre e indica recessão. Folha de S. Paulo, São Paulo, 30 ago. 2014, mercado<sup>1</sup>, p.B1

PATU, Gustavo; SOARES, Pedro e VETTORAZZO, Lucas. Economia do país encolhe 0,6% no 2º trimestre e indica recessão. Folha de S. Paulo, São Paulo, 30 ago. 2014, mercado<sup>1</sup>, p.B1.

SOARES, Pedro. Investimento desaba e economia do Brasil encolhe 0,5% no 3º tri. Folha de S. Paulo, São Paulo, 4 dez 2013, mercado, p.B1.

O Globo:

ALMEIDA, Cássia; CARNEIRO, Lucianne; VIEIRA, Sérgio. PIB surpreende e cresce 1,5%. O Globo, Rio de Janeiro, 31 ago. 2013, Economia p. 29.

BECK, Martha e BONFANTI, Cristiane. Governo argumenta que a ONU usou dados defasados no relatório. O Globo. Rio de Janeiro, Economia, 25 jul. 2014, p. 18.

BECK, Martha; VALENTE, Gabriela; CARNEIRO, Lucianne; LINS, Letícia e SPITZ, Clarice. Piketty estava certo: o mundo é desigual. O Globo, Rio de Janeiro, 25 jul 2014, Economia, p.20.

BECK, Matha; VALENTE, Gabriela, CARNEIRO, Lucianne e SPITZ, Clarice. Brasil avança a passos lentos. O Globo. Rio de Janeiro, Economia, 25 jul. 2014, p. 17.

CARNEIRO, Lucianne; SPITZ, Clarice e VIEIRA, Sérgio. PIB abaixo de zero. O Globo. Rio de Janeiro, 4 dez 2013, Economia, p. 25.

No Brasil, melhora de vida esbarra na educação. O Globo, Rio de Janeiro, 25 jul 2014, Economia, p.20.

SPITZ, Clarice; CARNEIRO, Lucianne; BATISTA, Henrique Gomes e SCRIVANO, Roberta. Poupança é a menor em 13 anos. O Globo, Rio de Janeiro, 4 dez 2013, Economia, p. 28.

Um mundo de contrastes. O Globo. Rio de Janeiro, 25 jul 2014, Economia, p. 19.